

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 5
1996



TÍTULO

Revista de Estudos Anglo-Portugueses
Numero 5 1996
ISSN: 0871-682X

DIRECTOR

Maria Leonor Machado de Sousa

SECRETARIO

Isabel Maria da Cruz Lousada

COMISSAO REDACTORIAL

Maria Leonor Machado de Sousa
Filipe Furtado

DIRECCAO E REDACCAO

Centro de Estudos Comparados de Línguas
e Literaturas Modernas - Linha de Acesso N.º 1 -
da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas
Avenida de Berna N.º 26-C - 1050 Lisboa

EDICAO

Tiragem: 1000 exemplares
Junta Nacional de Investigaçao Científica e Tecnológica

CAPA

Arranjo gráfico de Mario Vaz, a partir do selo existente
na Ratificaçao do Tratado de Ricardo II. Rei de Inglaterra
com D. Joao I - 1386 - Arq. Nacional Torre do Tombo

EXECUCAO GRAFICA

Minigrafica - Coop. de Aries Graficas, CRL
Rua da Alegria, 30 - 1250 LISBOA - Telef. 346 47 20

DISTRIBUICAO

Centro de Estudos Comparados
de Línguas e Literaturas Modernas

Depósito Legal n.º 93441/95

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Numero 5



Junta Nacional de Investiga ao Cientffica e Tecno16gica

Centro de Estudos Comparados
de Lfnguas e Literaturas Modernas
Faculdade de Ciencias Sociais e Humanas

Lisboa

1996

SU MARIO

APRESENTAÇÃO

Maria Leonor Machado de Sousa 7
Professora Catedrática na Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas

1. PROJECTO *Dicionário Bibliográfico Português*
de Inocencio Francisco da Silva 9

Obras de alguma forma relacionadas com países
de língua inglesa

2. ESTUDOS

*Who wrote A complete Account of the Portuguese
Language?*

Manuel Gomes da Torre 33
Professor Catedrático na Faculdade de Letras do Porto

*Romantismo Inglês e Imaginário Hispânico
na visão do Rei Rodrigo*

João Almeida Flor 49
Professor Catedrático na Faculdade de Letras de Lisboa

Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês

Maria Zulmira Castanhira 59
Assistente Convidada na Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas

Othello estreia-se no palco portugues...

Maria Joao da Rocha Afonso

121

Assistente Convidada na Faculdade de Ciencias
Sociais e Humanas

3. RECENSA.O CRITICA

*Manuel Andrade e Sousa, Dona Catarina Infanta
de Portugal Rainha de Inglaterra*

Maria da Conceiç;ao Castel-Branco

137

Assistentc na Faculdade de Cienclas Sociais c Humanas

4. ERRATA AO N.º ANTERIOR DA REVISTA

143

APRESENTAÇÃO

Neste nova numero da Revista, cuja periodicidade temos felizmente conseguido manter, retomamos a publicação dos levantamentos realizados a partir do Dicionário Bibliográfico Português de Inocencio Francisco da Silva, terminando hoje o que se refere a primeira fase do projecto.

É com muito gosto que registamos novamente a colaboração de colegas de outras universidades, desta vez Porto e Lisboa. Trata-se de Professores que dispensam qualquer apresentação e com quem nos relaciona, para além da boa camaradagem e amizade, o interesse pelas coisas anglo-portuguesas.

Apresentamos um artigo particularmente longo mas inevitável, na nossa área de trabalho e neste ano em que decorre o bicenténario da primeira visita de Robert Southey a Portugal. Da importância deste poeta, o primeiro lusófono Inglês, e da sua relação com o nosso país fala claramente o artigo, pelo que não cabe aqui mais qualquer comentário.

Ao lutar por manter esta publicação, cuja capa vai ser a apresentação da nossa biblioteca na INTERNET, esperamos que ela crie o seu espaço próprio e atraia novas investigadores para estudos nesta área.

Maria Leonor Mirdrido de Sousa
Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas

PROJECTO

OBRAS DE ALGUMA FORMA RELACIONADAS COM PAISES DE LINGUA INGLESA

1. ALGUMAS PALAVRAS EM RESPOSTA as que eertas pcssoas tern dito e avarn;ado acerca do governo portuguez. Com algumas obscrvac;oes tanto a respeito do estado de Portugal e da Europa, *coma* da extravagante e inespcrada conducta do govcrno inglez para corn Portugal. Segunda cdic;ao eorrigida e augmentada. [Trad. por] Hellodoro Jacinto de Araujo Carneiro. Landres, 1832, 8Q gr. de 99 paginas. (X, 126), pag. 2.)
2. ANIMADVERSIONES PHILOLOGICAE IN NONULLA CORANT LOCA. Acccdunt illustrationcs in V. T. ex Arabismo nee non Pcrsino de promptac. Pro specimine edidit. [Traci. por] Antonio Vieira Transtagano. Dublin, in aedibus Aeademicis impressit Josephus Hill, 1779, 4Q de VIII- I53 paginas. ([, 1626), pag. 294.)
3. ANTHOLOGIA UNIVERSAL. [Trad. par] Joaquim Gomes de Sousa. Landres, ou Leipzig, 1858(?). (XII, 7023), pag. 47.)
4. ARTE DE CONCILIAR OS AFFECTOS DAS MULHERES A SEUS MARIDOS. Traduzido da lingua franccsa na inglcsa e desta na portuguca. [Trad. par] Vicente Jose Ferreira. Calcuta, omc. "Telegraph", 1797, 8Q de IV-87 paginas. (XIX, 442), pag. 333.)
5. ARTIGO ACERCA DA RECLAMA<;Ao fcita ao govcrno portuguez pclo apresamento do corsario americano "General Armstrong". Publicado no Diario do Govcrno n.º 174 de 26 de Julho. [Trad. por] Frederico Francisco de Figanicre. OX, 2804), pag. 400.)

Segundo Inocencio "originalmente esclrpto em franeez, publicado em Paris no jornal politico L'Asscmblcc Nationalc de 9 de Julho de 1850; e uma traducc;ao do mcsmo artigo apareceu cm portugucz no jornal a 'Lei' sendo subsequcmentcmc reproduzido no Diario do Governo n.º 174, de 26 do dito mcz."

6. A BANANEIRA, ou machnac;6cs de um Inglez nas Antllhas francezas: por Frederico Soulie. Vertida do francz. [Trad. por] Francisco Candido de Mendonc;a e Mello. Lisboa, 1844, 8.², 2 tomos. (II, 660), pag. 362.]
7. BESCHREIBUNG eines mlt Irls-und Aderhaunt-colobom behafteten Auges. Memoria inserta no "Archlv fuer Augenheilkunde", Band XIII (1883). Wiesbaden; e traduzida em inglez no "Archives of ophtalmology", de New-York, n.² 2 (1884). [Trad. por] Julio Raymundo da Gama Pinto. (XIII, 10925), pag. 267.)
8. A BIBLIA SAGRADA, contendo o novo e o velho tcstamento, traduzida em portuguez pelo padre Joao Ferreira de Almeida; Ministro pregador do Sancto Evangelho em Batavia. [Trad. por] Joao Ferreira de Almeida. Londres, 1819, 8Q gr. (III, 769), pp. 371-372.)
9. CAMINHO DO CEO, descoberto aos viadores da tcrra pcla determinac;ao dos tempos, exercicio da continuac;ao da vida, e do artigo da morte. [Trad. por] Fr. Antonio de S. Bernardino. Londrcs, 1665, 12Q de XII-455 paginas. (I, 462), pag.96/ VIII, pag. 1001
Safu segunda vez "augmentado com uma scmana espiritual de meditac;6es", em Lisboa.
10. CARTAS SOBRE A FRAMA(;ONARIA [sic]. Scgunda edic;ao feita sobre o original de Amsterdam e augmentada com duas cartas, etc. [Trad. por] Hypolito Jose da Costa Pereira Furtado de Mendonc;a. Madrid, (alias Londres), 1805, 8Q gr. (III, 117). pag. 199. / S.D.P., 4), pag. 297.)
Existem outras referencias a esta obra com data de pubblc;ao 1803 el821, alem de 1809 no formato 12.²
11. CARTAS SOBRE O ESTADO ACTUAL DA RELIGIAO CATHOLICA em Inglatcrra, por C.L. Aubert. Traduzidas do francz, seguldas de algumas observac;6es contra A. Herculano e o P. Rodrigo V. de Almeida, etc. [Trad. por] P. Jose de Sousa Amado. Lisboa, typ. de Francisco Xavier de Sousa, 1850, 8.^o gr. de 51 paginas. (V, pag. 457.)
12. CLASSICAL DESCRIPTIONS OF LOVE, from the most celebrated epic poets: Homer, Arlosto, Tasso, Milton, Virgil, and Camocns. By M. P. Grandmaison. Translated from the frcnch. London, 1809, 8.^o de IV-2-224 paginas. (XIV, 251). pag. 235 e 638), pag. 358.
Esta obra e referida numa secc;ao do Dicionario chamada "Obras relativas a Cam6es". E uma versao de *Les Amours Epiques*.

[Grandmaison, F. A. Parseval de, *Les Amours Épiques. poeme en six chants, contenant la traductlon des episodes sur l'amour composes par les meilleurs poetes epiques*, Paris, Imp. de P. Didot l'aine, 1804. E Grandmaison, F. A. Parseval de, *Les Amours epiques, poeme heroique en six chants*, Paris, Henrichs, Renouvard, 1804.)

13. COLEC<;Ao DE COPLAS DE DIVERSAS OPERAS comicas n.º 60. O cao do inglez (Shakespeare) opereta em trcs actos, original de Gavault e Fiers, traducc;ao de Acacia Antunes, com musica original do distinto maestro Gaspar Serpettec. [Trad. por] Acacia Antunes. Lisboa, 1906. (XXII, 40), pag. 7.) Foi reprcsentado pcla primelra vcz em Lisboa no tcatro da Rua dos Condes.
[Gavault, Paul et P. - L. Fiers. *Shakspeare!* [sic] *operette boujje en 3 actes, musique de Gaston Serpette*, Paris, Heugel, 1899.)
14. COLLECTION DE DIFFERENTS TRAITES sur Jes instruments d'astronomic et de physique. [Trad. por] Joao Jacinto de Magalhacs. Londres, 1784, 4.º com figuras. (X, -, pag. 280.) Foi traduzido para o ingles em 1785.
15. A CONDESSA DE SALISBURY ou a instituic;ao da ordem da liga. Romance historico de A. Dumas. [Trad. por] Jose Maria de Salles Ribeiro. Lisboa, 1848, 8.º, 2 tomos. (XIII, 9825). pag. 105.
[Dumas, Alexandre, Pere, *Chroniques de France. La Comtesse de Salisbury*, Paris, Dumon, 1839. E Dumas, Alexandre, Pere, *La Comtesse de Salisbury*, 2! edition, Paris, A. Cadot, 1848.]
16. CONHE<;A O MUNDO os Jacoblnos que ignora ou exposl<;ao das verdades catholicas, contra os artigos fundamentaes do systema anarchico dos theologos regalistas do scculo XVIII, e do presente. Em quatro folhctos. [Trad. par] P. Jose Morato. Landres, imp. por W. Lewis, 1812, 8.º gr. de IX-145 paginas. (V, 4434), pag. 77.]
Os quatro folhetos acham-se todos inclufdos no mesmo volume. este livro foi introduzido clandestinamente no rcino e sofreu uma censura muito aspera, que vem transcrita no 'Investigador Portuguez em Inglatrerra', Val VI (1813) de pag. 505 a 516.
17. DE BONAPARTE E DOS BOURBONS; e da necessidade de nos unirmos aos nossos legitimos principes, para a fclicidade da Franc;a e da Europa: por F. A. de Chateaubriand. Traduzido em linguagem por uma senhora portugueza. [Trad. por] D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre. Landres, imp. por W. Lewis, 1814, 8.º gr. de 63 paginas. (V, 54), pag. 178.)

18. DENGUE, Its history, symptoms and treatment. [Trad. por] Jose Gerson da Cunha. Bombaim, 1872. (XII, 8641), pag. 345.)
19. O DESASTRE DA INGLATERRA EM 1910. Uma pagina da historia do futuro, publicada na Illustration Espan6la y Americana de Fevereiro de 1883. Traducc;ao llvre por Nllo Maria Fabro. Traduzido por Nilo Maria Fabro. Lisboa, 1890, 8Q (XVII, 31), pag. 301.)
20. DESCRIPTION DES NOUVEAUX INSTRUMENTS circulaires a reflection, pour observer avec plus de precision des distances angulaires. [Trad. por] Joao Jacinto de Magalhacs. Landres, 1779, 4Q (III, 851) pag. 386.)
21. DESCRIPTION DES OCTANTS ET SEXTANTS anglais, ou quarts de cercle a reflection avec la maniere de se servir de ces Instruments pour prendre toutes sortes de distances angulaires, tout sur mer que sur terre. Par M. J. H. de Magellan, gcntilhomme portugais, etc. [Trad. por] Joa.a Jacinto de Magalhaes. Landres, 1775, 4Q (III, 850), pag. 386.]
22. DESCRIPTION D'UN APPAREIL en verre pour composer des eaux minerales artificiales. [Trad. por] Joa.a Jacinto de Magalhacs. Landres, 1777, 8Q com figuras. (X, -, pag. 280.)
Esta traduc;ao vem referida na *Biographie Universelle*. Existe ainda uma outra traduc;ao alcma. Foi reimpresso em 1873 com uma resposta as criticas.
23. DESCRIPTION ET USAGES DES INSTRUMENTS d'astronomie et de physique, faits a Landres par ordre de la cour de Portugal en 1778. Adressee dans une lettre a son excellence M. Louis Pinto de Sousa Coutinho, envoye extraordinaire a la cour de Landres, etc. [Trad. por] Joa.a Jacinto de Magalhaes. Landres, 1779, 4Q (III, 852), pag. 386.]
24. DESCRIPTION ET USAGES DES NOUVEAUX BAROMETRES pour mesurer la hauteur des montagnes, et la profondeur des mines. [Trad. por] Joa.a Jacinto de Magalhaes. Landres, 1779, 4Q (III, 853), pag. 386/ X -, pag. 280.i
25. DESCRIPTIONS DES OCTANTS ANGLAIS ou quarts de cercles a re0exion, avec la maniere de s'en servir et de les construire. [Trad. por] Joa.a Jacinto de Magalhaes. Paris, 1775, 4Q (X, -, pag. 280.)
26. DESCRIPTION OF A GLASS-APPARATUS for making in a few minutes the best mineral waters of Pymont, spa. [Trad. por] Joa.a Jacinto de Magalhaes. Landres, 1783. (X, 6152), pag. 280.)
27. A DESCRIPTION OF THE COASTS OF EAST AFRICA AND MALABAR in the beginning of the sixteenth century, by Duarte

Barbosa, a portuguese translated from an early spanish manuscript in the Barcelona Library with notes and a preface by the Henry E.J.Stanley. [Trad. por] Henry E. J. Stanley. Londres, MDCCCLXVI, 4.² de 236 paginas. (IX, 554), pag. 152.)
 [V. Barbosa, Duarte, *A description of the Coasts of East Africa and Malabar in the beginning of the Sixteenth Century*, London, printed for the Hakluyt Society, 1866.]

28. DISCURSO POLITICO sobre las ventajas que pueden sacar los portugueses de sus ultimas desgracias, scparando-se de los inglczes; yen el que se descubren los medios de que ha usado la Inglaterra para arruinar Portugal. Siguesc a este discurso una relacion historica del terramoto de 1755. Con una relacion por menor de la perdida de hombres, Iglesias, palacios, conventos, casas, muebles, mercadorias, diamantes, etc. Madrid, 1766, 4.² de 126 paginas. (XVIII, 357)39., pag. 249.)
 Ha mais edic;oes. Pelo menos uma americana e outra franceza. Consultar o D.B.P.. O autor desta obra e Goudard, *Discours Politique*...
29. DISCURSO PRATICO, ou syderohidrologia das aguas mineraes espadanas, ou chalibeadas. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1728, 8.² (III, 63), pag. 248.)
30. DO USO E ABUSO das minhas aguas de Inglaterra, ou directorio e instrucc;ao para se saber seguramcnete quando se deve, ou nao, usar d'ellas, etc. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londrcs, 1756, 8.² gr. (III, 68), pag. 248.)
31. DRAMAS DE LONDRES, de Reynolds. [Trad. por] Joao Luiz Rodrigues Trigueiros. Lisboa, 1868- 1872, 10 tomos. (X, 6281) pag. 297.
32. ELEGIA A LORD WELLINGTON. Traduzido por Jose Maria da Costa e Silva. Lisboa, 1843. (XIII, 9687), pag. 90.) Safu no "Ramalhcte" de 12 de Abril de 1843.
33. ELEMENTOS DE MUSICA, e methodo de tocar piano forte, com exerdcios em todos os generos, etc. Obra offrecida a nac;ao portugueza. [Trad. por] Joao Domingos Bomtempo. Londres, 1816 (?). (III, 746), pag. 363.)
34. ENSAIO SOBRE A ECONOMIA RURAL DE INGLATERRA, ESCOCIA E IRLANDA. [Trad. por] Leonce de Lavergne. Lisboa, Imp. Nacional, 1867, 8.² gr. de LLX-356 paginas. (XIX, 416), pag. 325.)
 Diz-nos Inocencio que se trata de uma versao portugueza, precc-dida de um "Estudo acerca da vida e escriptos do auctor por J. M. Latino Coelho". Esta obra foi mandada imprimir por Venancio

Deslandes, descendente dos famosos impressores Deslandes ligados a historia da imprensa em Portugal desde o seculo XVII.

35. ENSAIO SOBRE A LIBERDADE DO COMMERCIO DAS NAÇÕES. Exame da theoria ingleza da liberdade do commercio, por Charles Gourand. [Trad. por] Agostinho Albano da Silveira Pinto. Porto, 1859, 8Q (XX, 3595), pag. 95.)
36. ENSAIO SOBRE OS PRINCIPIOS DE MECHANICA. obra posthuma, dada a luz por D.D.A. de S.C., D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, possuidor do manuscripto autographo. [Trad. por] Jose Anastasio da Cunha. Londres, 1807. (II, pag. 183/IV, 2526), pag. 227 / S:D:P:, 72), pag. 106.)
37. EPITOME PANEGYRICO DE LA VIDA ADMIRABLE Y MUERTE GLORIOSA DE SANTA MARIA, virgem dominicana. Traduzida por Antonio de Sousa de Macedo Lisboa, officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1670. (VIII, 3178). pag. 312.)
Segundo Inocencio "tem uma dedicatória em portuguez a rainha de Inglaterra D. Catharina, filha do nosso Rei D. Joao VI, e mulher de Carlos II, e nella da o auctor a causal da obra nos termos seguintes: (...) Ve-se portanto que o livro foi traduzido do latim para hespanhol, e a traducção feita em Londres, posto que só viesse a ser impressa em Lisboa."
38. ESSAI SUR LA NOUVELLE THEORIE du feu elementaire, et de la chaleur des corps: avec la description des nouveaux thermometres. [Trad. por] Joao Jacinto de Magalhaes. Londres, 1780, 4Q (IV, 854), pag. 386.]
39. EXEMPLAR DE PENITENCIA, dividido em tres discursos predicaveis para o dia sancto de Kipur, dedicados ao grande e omnipotente Deus de Israel. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1724 (?). (III, 60). pag. 248.)
40. EXPOSITION DE ARTE ORNAMENTAL. [Trad. por] Gabriel Victor Monte Pereira. Londres, 1881. Lisboa, 1882. Evora, 1889. (XXV, -, pag. 166.)
41. EXTRAORDINARIA PROVIDENCIA que el grande Dios de Israel usó con su escogido pueblo em tiempo de su mayor affliction por medio de Mior Mordehay e Ester, contra los protervos intentos de! tyrano Aman. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1742 (?). (III, 61), pag. 248.)
42. FABULAS ESCOLHIDAS entre as de J. Lafontaine, traduzidas em verso, etc. [Trad. por] Francisco Manuel do Nascimento. Londres, 1814, 8Q, 2 volumes. (II, pag. 454.)

43. O FUTURO DA INGLATERRA pelo conde de Montalambert. Traduzido e anotado. [Trad. por] Vicente da Costa Alves Ribeiro. Coimbra, 1865, 8Q gr. (XX, 547), pag. 7.)
44. HISTOREA DA VIDA E MARTYRIO DO GLORIOSO SANCTO THOMAS ARCEBISPO, Senhor de Cantuaria, Primas de Inglaterra, Legado perpetuo da sancta see Apostolica, treladada novamente do latim em lingoage Portugues. Derigida ao Illustrissimo Y muy excellete Principe Senhor ho Senhor do Henrique Cardeal da Sancta eggreja de Roma do tltulo dos sanctos quatro coroados Iffante de Portugal. Legado de Jatere em os reynos & senhorios de Portugal M.D.LIII. Traduzido por Diogo Affonso. Coimbra, 1554, 4Q de cccj paginas. (II, 83), pag. 141.)
45. HISTORIA CRIMINAL DO GOVERNO INGLEZ desde as primeiras matarn;as da Irlanda ate ao envenenamento dos chinas, por Elias Regnault; traduzida do francez, anotada e augmentada com a historia de muitos factos modernos, tanto no Brasil como nos dominios de Portugal, por um brasileiro. [Trad. por] Joao Manuel Pereira da Silva. Rio de Janeiro, 1842, 12Q (III, 985), pag. 407.J
[Regnault, Elias Georges Soulange Oliva, *Histoire Criminelle du gouvernement anglais, depuis les premiers massacres de l'Irlande jusqu'a l'empoisonnement des Chinois*, Paris, Pagncre, 1841.]
46. HISTORIA DE CROMWELL, conforme as memorias escriptas d'aquella epoca, e as collecc;oes das notas parlamentares, por mr. Villemain: traduzida do francez. [Trad. por] Maximiano Saraiva da Costa Courac;a. Lisboa, 1842, 8Q (VI, 1601). pag. 174.)
[Villemain, Abel-Franc;ois, *Histoire de Cromwell, d'apres les memoires du temps et les recueils parlementaires*, Paris, Maradan, 1819.J
47. HISTORIA DOS CRIMES DO GOVERNO INGLEZ, desde os primeiros assassinios da Irlanda ate o envenenamento dos chins. Por M. Elias Regnault. Vertida em portuguez por F. e C.. [Trad. por] Francisco de Assis Castro e Mendonc;a. Lisboa, 1842, 8Q gr.de XI-485 paginas. (II, 568), pag. 348/S.D.P., 113), pag. 112-2!! parte-.)
[Regnault, Elias Georges Soulange Oliva, *Histoire Crimine/le du gouvernement anglais, depuis les premiers massacres de l'Irlande jusqu'a l'empoisonnement des Chinois*, Paris, Pagnerre, 1841.J
48. HISTORIA DOS STUARTS, por Alexandre Dumas. [Trad. por] Jose Maria de Salles Ribeiro. Lisboa, 1841, 8Q (XIII, 9818). pag. 105.)
[Dumas, Alexandre, Pere, *Les Stuarts*, Paris, Dumont, 1840.J
49. HISTORIA ECCLESIASTICA do scisma do reino de Inglaterra, pelo P. Pedro de Ribadeneyra, traduzida em vulgar. [Trad. por] Pedro Nicolau de Andrade. Lisboa, 1732, 4Q (VI, 384). pag. 436.)

50. HISTORJA NOVA, famosa e exemplar da Hespanhola Ingleza, traduzida da lingua hespanhola no nosso Idioma portuguez, e dada a luz por Rcinerio Bocache. Traduzido por Rcinerio Bocachc. Lisboa, 1784, 4.² de 48 paginas innumeradas. (VI, 70), pag. 304.)
51. AN HISTORICAL AND ARCHAEOLOGICAL SKETCH of the island of Angediva. [Trad. por] Jose Gerson da Cunha. Bombaim, 1875. (XII, 8646). pag. 345.)
52. HISTORY OF SPANISH AND PORTUGUESE LITERATURE. By Frederick Bouterwek. Translated from the original german by Thomasina Ross. Londres, 1823, 8.⁹ gr., 2 vols. (XIV, 722), pag. 377/XV, 2175-20!!), pag. 382.)
O tomo II e todo dedicado a literatura portuguesa. E segundo Inocencio, inclui uma extensa analise de *Os Lusíadas* e que se encontra traduzida por Bernardes Branco no tomo II do seu livro *Portugal e os Estrangelros*.
53. O HOMEM. [Trad. por] Manuel Rodrigues da Silva Abreu. (VI, pag. 459.)
Trata-se de uma tradU<;ao da "meditai;ao" de Lamartine, dirigida a Lord Byron. Publicada in *Bracarense*, n.^{o6} 573 e 575, de 5 e 8 de Mari;o de 1861.
54. A ILHA FORMOSA, seus habitantes, produci;ao, commercio, constitui;ao politica e moral, etc. Hong-Kong, 1867, 8.⁹ (XVII, 1201), pag. 298.)
55. A JNGLATERRA E D. MIGUEL: traduci;ao do francez, accrescentada com algumas notas. Londres, 1828, 8.⁹ de 72 paginas. (VI, 1660), pag. 214.)
56. OS JNGLEZES em Inglaterra. por F. Wey. [Trad. por] Francisco Ferreira da Silva Vieira. Lisboa, 1 vol. (IX, 2843), pag. 449.)
[Wey, Francis Alphonse, *Les Anglais chez eux. esquisses de moeurs et de voyage*, Paris, D. Giraud, 1854.)
57. !ZABEL. rainha de Inglaterra, drama em cinco actos, por Pablo Giacometti, traduzido do hespanhol. [Trad por] Jose Pedro Francisco de Paula Campos. (XIII. pag. 156.)
Embora o autor do Dicionario afirme que se trata de uma tradui;ao do espanhol, o original que se conhece e italiano: GJACCOMETTI. Pabo, *Elisabett, Regina d'Inghilterra*.
58. JOHN BULL E A SUA JLHA. Traduzido de Max O'Reill. [Trad. por] Manuel Pinheiro Chagas. S/L, 1890, 1 vol. (XVI-2679), pag. 295.
Max O'Reill e o pseudônimo do frances Leon Paul Blouet.
59. A JURISDIC<;Ao DJOCESANA do bispado de S. Thome de Meliapor nas possessões inglezas e francezas. Averiguai;ao dos successos antigos por occasiao de outros modcrnos na igreja de

Royapuram de Madrastra. Por um portuguez.[Trad. por] Joaquim Hellodoro da Cunha Rivara. Nova Goa, 1867, 4g de 458 paginas e mais 1 innumerada. (XII, 7051) pag. 60.)

60. LETTRE d'un Gentilhomme Portugais a un de ses amis de Lisbonne sur l'executlon de Anne Boleyn, Lord Rochford, Brereton, Norris, Smeton et Weston; publiee pour Ja premicre fois avec une traduction franc;aise par F. Michel, accompagnee d'une traduction anglaise par le Viconte Strangford. Paris, 1832, 4Q (V, 69). pag. 181.)

Segundo Inocencio:" Este curioso documento historico-Jitterario, datado de 10 de Junho de 1563, foi impresso nitidamente no formato de 4.Q, em tres columnas de Jetra miuda, contendo a carta em portuguez, e as duas accusadas vers6es franceza e ingleza. Consta que o texto original, que serviu para esta publicac;ao, fora mandado de Lisboa a Paris pelo procurador gcral da Ordcm de S. Bernardo Fr. Joaquim da Cruz, copiado exaclamente do que existia a n. 138v. do codice manuscripto 475 da Bibliotheca de Alcobac;a, que se reputa perlddo." Nas "Correcc;oes e Additamentos", do tomo V, pagina 462, e tambcm rferido que: "Foi impresso na Typ. de Pinard, expressamente com o fim de enquadrar-sejunto as "Cartas de Henrique VIII a Anna Boleyn", publicadas (com a traducc;ao) em 1826 por Crapelet, adornadas com os retratos d'estas duas personagens memoraveis, e tiradas tambem em numero de doze unicos exemplarcs de papel de Hollanda."

[Smythe, Percy Clinton Sydney, Viscount Strangford, *lettre d'un Gentilhomme Portugals...*, sur l'execution d'Anne Boleyn, accompagnee d'une traduction anglaise par le vicomle Strangford, Port., Fr. & Engl. 1832.]

61. LETTRES ECRITES DE PORTUGAL SUR L'ETAT ANCIEN et actucl de ce Royaume. Traduites de l'anglois. Suivies du portrait historique de M. le Marquis de Pombal. Landres, 1780, 8Q gr. (VII, 3), pag. 213; xrx. 70). pag. 25.)

Segundo Inocencio: "Estas dezesepte cartas apologeticas, de que alguns dao por auctor o proprio Marquez, sahiram depois em f6rma de appendice na 'Voyage en Portugal, et particulierement a Lisbonne, ou Tableau moral, civil, politique, physique et rcligieux de cette capitale, etc. 'Paris, 1798. 8Q gr, cuja composic;ao sc attribue ao franccz P. Carare. - Ha tambem uma 'Rcfutac;ao-manuscripta das rferidas cartas, escripla logo que estas appareceram, por auctor desconhccido."

Contrariamentc a indicac;ao de Inocencio, a obra em qucstao 6 da autoria de John Blankett e Philadelphia Stephens.

[A indicac;ao bibliografica e a seguinte:

Lettres ecrites de Portugal sur l'etat present et ancien du royaume: traduits de l'anglois suivies du Portrait Historique de M. Le Marquis de Pombal. A Londres, chez L. Ccllot, Gendre & Successeur

de Ch. - Aut. Jombert Pere, Libraire du Roi pour L'Artillerie & Le Genie, MDCCLXXX.

O original e: *Letters from Portugal, on the late and present state of that Kingdom*, London, printed for J. Almon, opposite Burlington House in Piccadilly, 1777.]

62. LIVRO DA ORA<;Ao COMMUM e a administra<;ao dos Sacramentos, e outros ritos e ceremonias da Igreja, conforme o uso da Igreja de Inglaterra, juntamente com o Salterio, ou Salmos de David. Oxford, 1695. (V, 123), pag. 189.
Diz Inocencio: "Deve ter sido provavelmente reimpressa, talvez por mais de uma vez, podendo eu testemunhar a existencia da seguinte, de que possuo um exemplar cujo ttulo e: 'O Livro da ora<;ao comum, administra<;ao dos Sacramentos e outros ritos e ceremonias da Igreja, segundo o uso da Igreja unida de Inglaterra e Irlanda: segue-se o Salterio, ou salmos de David,apontados assim como devem ser cantados ou resados nas tgrejas; e a forma e modo da ordina<;ao e consagra<;ao de bispos, prcsbyteros e diaconos!". Datado de 1849,o local de publica<;ao e Landres.
63. LIVRO SEGUNDO DA "VOZ DA NATUREZA, OU O PODER", etc., manifestados na crea<;ao, etc. [Trad. por] Joao Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun.Londres, 1876, 8Q gr. de 147 paginas. (X, 5652), pag. 211.i
Segundo Inocencio: "De pagina 135 ate o fim vem reproduzida a 'Memoria sobre a pretendida chuva (...) Por Sebastiao Francisco Mendes Trigoso.
"A Voz da Natureza" devia compor-se de trcs livros, segundo o auctor declarava na advertencia preliminar; mas nao chegou a publicar o terceiro ao que me lembra".
64. A LOJA DO CAFFE, ou a Escoceza, comedia de Mr. Hume, cura da igrcja d'Edimburgo, traduzida da lingua franceza na portugueza. Lisboa, offic. de Francisco Luis Ameno, 1762, 8Q de 102 paginas. (V, 127), pag. 191.)
Apesar do que se le no titulo, esta pe<;a e rcalmente de Voltaire. A obra e em prosa. [Voltaire, *Le Caffé...*]
65. LA LUSIADE DE CAMOENS. Traduction poetique, avec des notes historiques et critiques, necessalres pour nntclligencc du poeme. [Trad. por] Mr. de La Harpe. Landres, 1776, 8Q de XVI-229 paginas. (XIV, 170), pag. 207.)
Corresponde a data da primeira edi<;ao francesa.
66. LA LUSIADE ETC. Em oitavas francesas. Sairam alguns fragmentos publicados no "Investtgador Portuguez em Inglaterra", vol. VIII, pag. 426 e 594; e vol. IX, pag 35, 175 e 590. [Trad. por] D. Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmela. Landres, 1813. (V. 458), nQ 7, pag. 270.)

67. LES LUSIADES, ou les Portugais, poeme de Camoens, en dix chants. Traduction nouvelle, avec des notes. [Trad. por] J. Bte. J. h Millié. Paris, 1824, 8.º, 2 tomos de 397 pag e 413 pag. (XIV, 176), pág. 209.)
No tomo II existem várias apreciações de vários autores, acerca do poema; entre eles, William Mickle (pág. 260, tomo II) com uma apreciação extraída da "Dissertation on the Lusiad".
68. MANUAL DE MEDICINA E CIRURGIA PRATICA, fundada sobre o systema de Brown, pelo dr. Weikard, tradução livre da segunda edição allemã em italiano, augmentada pelo dr. Brera, e tirada em linguagem com anotações. [Trad. por] Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1816, 8.º, 4 tomos. (VI, 786), pág. 17.)
69. MATERIA MEDICA physico-historica-mechanica do reino mineral. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1735, 8.º gr. (III, 65), pág. 248.)
70. MATERIA MEDICO-PHYSICO-HISTORICO-MECHANICA. Reino Universal, parte I. A que se ajuntam os principaes remedios do presente estudo da materia medica, como sangria, sanguesugas, ventosas sarjadas, emeticas, purgantes, vesicatorios, divreticas, sudorificas, ptyalismicos opiados, quira-quina, e em especial as minhas águas de Inglaterra. Edição nova corrigida e repurgada, a que se acrescentam por continuação d'esta obra, para fazel'a completa, os reinos vegetal e animal, . Parte II. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1758, 4.º gr de 14-LII-780 páginas e 22 de índices. (X, -, 112.)
71. MEMOIR OF THE HISTORY of the Tooth relic of Ceylon, with a preliminary essay on the life and system of Gautama Buddha. [Trad. por] José Gerson da Cunha. Bombaim, 1875. (XII, 8642), 8644) e 8645), pág. 345.)
72. MEMORIA sobre a pretendida chuva de algodão que caíu em alguns logares das vizinhanças d'esta capital, em o dia 6 de Novembro de 1811. In "Livro Segundo da 'Voz da Natureza?..." [Trad. por] Sebastião Francisco Mendes Trigoso. (X, 5652), pág. 211.)
73. MEMORIAS offerecidas à nação brasileira. [Trad. por] Francisco Gomes da Silva. Londres, 1831, 8.º max. de XVI-165 páginas. (II, 802), pág. 388.)
74. OS MERCADORES DE ALMAS. Lenda irlandeza escripta em francez por Léo Lespès e traduzida em portuguez. Saiu sem o nome do traductor em um numero de "Os dois Mundos". [Trad. por] Xavier da Cunha. Paris, 1881. (XX, 61), pág. 34.)

75. **METHODO SEGURO E FACIL DE CURAR O GALLICO**, composto por J. J. Gardane: traduzido em vulgar para servir de suplemento ao Aviso ao povo do dr. Tissot, e à Doutrina das enfermidades venereas do dr. Plenck. [Trad. por] Manuel Henriques de Paiva. Lisboa, 1791, 8.º de 79 páginas. (VI, 765), pág. 15.) Os autores referidos são Jacques-Joseph de Gardanne, Samuel Auguste André David Tissot e Joseph Jacob von Plenck.
[Gardane, Joseph Jacques, *Recherches pratiques sur les différentes manieres de traiter les maladies véneriennes*, Paris, Chez P. Didot le Jeune, 1770 (1.ª ed.), e Gardane, Joseph Jacques, *manière sure et facile de traiter les maladies vénériennes...* Paris, 1773.
Plenck, Joseph Jacob, *a new and easy method of giving mercury to those affected with the venereal disease. To which is annexed a theory of the action of this metal on the salivary glands. Translated from the latin... the second edition... with an appendix of remarks on Mr. Plenck... together with some experiments...* By W. Saunders, London, 1768. ou Plenck, J. J., *Doctrina de morbis venereis...* Vienna, Apud Rudolphum Graeffler 1779.]
76. **MINÉRALOGIE**. [Trad. por] Cronstadt. Londres, 1781, 8.º, 2 tomos, com aditamentos. (X, pág. 280.)
Esta obra foi traduzida para inglês, sendo o editor João Jacinto de Magalhães.
77. **MISERIAS DE LONDRES**, de Ponson [du Terrail]. [Trad. por] João Luiz Rodrigues Trigueiros. Lisboa, 1869, 5 tomos. (X, 6279), pág. 297.)
[Ponson du Terrail, *Les Misères de Londres*, Paris, 1868.]
78. **MISS MARY**, a perceptora. [Trad. por] João Luiz Rodrigues Trigueiros. Lisboa, 1854, 2 tomos. (X, 6245), pág. 296.)
79. **A MOCIDADE DE HENRIQUE V**, herdeiro presumptivo do throno de Inglaterra: comedia em tres actos, traduzida do italiano. [Trad. por] D. Gastão Fausto da Camara Coutinho. (IX, 241), pág. 417.)
80. **AS MULAS DE DOM MIGUEL**. Epistola traduzida livremente de Mr. Viennet. Reimpressa em Coimbra. Original em língua franceza. [Trad. por] Aníbal Pipa Fernandes Tomás. Londres, 1829. (XXII, 879), pág. 104.)
81. **MYSTERIOS DE LONDRES**, de Trolopp. [Trad. por] João Luiz Rodrigues Trigueiros. Lisboa, 1873, 6 tomos. (X, 6284), pág. 297.) [Trolopp, Sir Francis, pseud. (i.e. Paul Féval.), *Les Mystères de Londres*, Paris, 1844. E, *The Mysteries of Modern London*, A novel, by Sir John Trollope, Bart, [an abridged translation of the preceding.], J. and R. Maxwell, London, [1886].]
82. **NARRAÇÃO DA INQUISIÇÃO DE GOA**, escrita em francez por Mr. Dellon, vertida em portuguez e acrescentada com varias memorias, notas, documentos e em appendice, contendo a noticia que da

mesma inquirição deu o inglez Claudio Buchanan. [Trad. por] Miguel Vicente de Abreu. Nova Goa, 1866, 4.º (XVII, 3753), pág. 70.)

[V. Buchanan, Claudius, *Christian Researches in Asia; with notices of the translation of the Scriptures into the Oriental Languages*, J. Deighton. Cambridge, Cadell & Davies, London, 1811. E *Of the Present State of the Inquisition at Goa, taken from...* "Christian researches in Asia".]

83. NECESSIDADE DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA. [Trad. por] João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun. Londres, 1871, 8.º de 18 páginas. (X, 5649), pág. 211.)

84. NOTES on the history and antiquities of Chaul and Bassein. [Trad. por] José Gerson da Cunha. Bombaim, 1876. (XII, 8647), pág. 345.)

85. NOTES on the History and antiquities of the Island of Bassein. [Trad. por] José Gerson da Cunha. Bombaim, 1874. (XII, 8643), pág. 345.)

86. NOTICE DES INSTRUMENTS d'astronomie de geodesie, de physique... par ordre de la cour d'Espagne. [Trad. por] João Jacinto de Magalhães. Londres, 1780, 4.º (III, 855), pág. 386.)

87. NOVO CURSO PRATICO, analytico, theorico e synthetico da lingua ingleza; vertido do francez e applicado ao portuguez por António Francisco Dutra e Mello, e João Maximiniano e Mello Mafra. [Trad. por] José Valerio Capella. Braga, Typ. Lusitana, 1853, 4.º (V, 4953), pp. 149-150.)

[Robertson, Théodore, pseud. de Lafforgue, *Cours pratique, analytique, théorique et synthétique de langue anglaise*, Paris, Lance, 1834.]

88. NOVO CURSO PRATICO, analytico, theorico e synthetico da lingua ingleza por T. Robertson, apropriado à lingua portugueza. [Trad. por] Polycarpo Wake. Lisboa, 1856, 8.º de 280-54 páginas. (VII, 469), pág. 19.)

[Robertson, Théodore, pseud. de Lafforgue, *Cours pratique, analytique, théorique et synthétique de langue anglaise*, Paris, Lance, 1834.]

89. OEUVRES COMPLÈTES DE DAVID RICARDO traduites par MM. Constancio et A. Fonteyraud, etc. [Trad. por] Francisco Solano Constâncio. Paris, 1847.

Há novas edições de 1882 e de 1977. Esta tradução deve ter sido feita sobre *The Works of David Ricardo* (...)

[V. Ricardo, David, *The Works of David Ricardo, with a notice of the life and writings of the author*, London, 1846.]

90. ON CHLORAL hidrate in labour. [Trad. por] José Gerson da Cunha. Londres, 1870. (XII, 8640), pág. 344.)
91. ON THE DORYANTHES a new genus of plants from New-Holland next Akin to Agave. In "Transactions of Linnean Society", vol. VI, p. 218. [Trad. por] José Francisco Corrêa da Serra. Londres, S/D. (IV, 3299), pág. 338.
92. ON THE FRUCTIFICATION OF THE SUBMERSED ALGE. In Philosophical Transactions, pag. 494. [Trad. por] José Francisco Corrêa da Serra. —, 1799. (IV, 3296), pág. 338.
93. ON TWO GENERA OF PLANTS belonging to the natural family of the Aurantia. In *Transactions of Linnean Society*, vol. V, p. 218. [Trad. por] José Francisco Corrêa da Serra. Londres, (?). (IV, 3298), pág. 338.)
94. O PARÁ em 1832. Saú anónimo. [Trad. por] José Soares de Azevedo. Londres, 1832, 8.º de 101 páginas. (XIII, 10565), pág. 219.)
95. PHARMACOPÉA BATEANA, na qual se contém quasi outocentos medicamentos, tirados da practica de Jorge Bateo, proto-medico de Carlos II Rei de Inglaterra. Traduzida do Latim por D. Caetano de Sancto Antonio. Lisboa, 1713, 8.º de VIII-310 páginas. (II, 2), pág. 5/ XVII, 3), pág. 289.)
Há outra tradução anónima desta obra, atribuída a D. Antonio dos Martyres.
96. PHARMACOPÉA MEADIANA, accomodada com preceitos medicos do celebre auctor Ricardo Mead. Traduzida do Latim, accrescentada e emendada. Traduzida por Antonio Rodrigues Portugal. Porto, Off. de Francisco Mendes Lima, 1768. (I, 1147), pág. 261.)
97. POÉSIES DE LOUIS DE CAMOENS, traduites du portugais en vers anglais, par Lord Strangford, ancien ambassadeur de S. M. B. à la Cour de Lisbonne, à Constantinople, à Rio de Janeiro; Traduites de L'anglais au français par B. Basère, membre de plusieurs académies. [Trad. por] B. Basère. Bruxelas, 1828, 12.º de XLV-229 páginas. (XIV, 177), pág. 210.)
[V. Lord Strangford/ V. Camões, Luís de , *Rhythmas*, Lisboa, 1595. E, Strangford, Percy Clinton Sydney Smythe, Viscount Strangford, *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens, with remarks on his life and writings. Notes, etc., etc.* Londres, 1803.]
98. PREZUNTONOMALIA LAZEIRAL, ou collecção de vários sonetos e outras obras poéticas, feitas em louvor do Doutor Prezunto, e de seu amigo e collega Lazeira: compilados e offerecidos ao mesmo digno mestre, por ***, etc. [Trad. por] Gregório Gonçalves

da Costa. Londres, 1811, 8.º gr. de 40 páginas. (IX, 276),
pág. 430.)

99. PRINCIPES D'ECONOMIE POLITIQUE, considerées sous le rapport de leur application pratique, par Malthus, traduit de l'anglais. [Trad. por] Francisco Solano Constâncio. Paris, 1820, 8.º gr., 2 tomos. (III, 1844), pág. 65.
[V. Malthus, Thomas Robert, *Principles of Political Economy*, 1820.]
100. DES PRINCIPES DE L'ECONOMIE POLITIQUE - 1820, et de l'impôt, par Mr. David Ricardo, traduit de l'anglais, avec des notes explicatives et critiques par Mr. J. B. Say. Paris, chez J. P. Aillaud. [Trad. por] Francisco Solano Constâncio. Paris, 1819, 8.º gr., 2 tomos. (III, 1843), pág. 65.)
[V. Ricardo, David, *Principles of Political Economy and Taxation*, London, 1817.]
Postumamente apareceu uma edição das obras completas de Ricardo: V. Constâncio, Francisco Solano, *Oeuvres Complètes de David Ricardo...*
101. REFUTAÇÃO COMPLETA DA PESTILENCIAL doutrina do interesse, propalada por Hobbes, Holbach, Helvecio, Diderot, J. Bentham, e outros philosophos sensualistas e materialistas, ou introdução aos principios do Direito Político de Honore, Torombet, traduzido do franceez. [Trad. por] Miguel do Sacramento Lopes Gama. Recife, 1837. (XVII, 3722), pág. 65.)
102. RELAÇÃO DA GRANDE TRAIÇÃO DE UM ESCOCEZ, junto com seu irmão, maquinada contra Jacob VI rei da Escócia e Inglaterra, a 5 de Agosto de 1600. Traduzido por José Martins Ferreira. Lisboa, 1605, 4.º (V, 4345), pág. 64.)
103. RELAÇÃO DA VIAGEM AEROSTATICA, feita no dia 14 de Março de 1819 por Eugenio Robertson, e dirigida por seu pae Estevam Gaspar Robertson, etc. Offerecida à Academia Real das Sciencias. [Trad. por] Marino Miguel Franzini. Lisboa, 1819, 4.º de 15 páginas. (VI, 1459), pág. 149.)
Segundo Inocência: "Este opusculo foi publicado por Franzini, de quem é provavelmente, se não toda a redacção, ao menos a sua trasladação em língua portugueza."
[Robertson, Guillaume Eugène, *La Minerve, vaisseau Aérien, destiné aux découverts, et proposé à toutes les académies de l'Europe...* 2d ed. Vicna, Degen, 1804.]
104. RELATION OU NOTICE des derniers jours de Mr. Jean Jacques Rousseau, circonstances de sa mort, par Mr. Le Begne du Preste, avec une addition relative au même sujet, par J. M. de Magellan. [Trad. por] João Jacinto de Magalhães. Londres, 1778, 8.º gr. de IV-48 páginas. (X, 6151), pág. 280.)

105. REMONTRANCES des négocians du Brésil contre les insultes faits au pavillion portugais par les officiers de la marine anglaise. Traduites du portugais. [Trad. por] Francisco Solano Constâncio. Paris, 1814, 8.º de 80 páginas. (IX, 2731), pág. 379.)
106. RESPOSTA , OU REFUTAÇÃO DA CARTA de um vassalo nobre ao seu rei, attribuida ao Marquez de Penalva Fernando Telles da Silva. [Trad. por] Antonio de Araujo de Azevedo. (I, 420), pág. 89.) Diz-nos Inocêncio: "Esta resposta, que parece ter sido originalmente escripta em francez, appareceu traduzida e publicada sem o nome do seu auctor, no "Investigador Portuguez em Inglaterra, n.º XXXVI (Junho de 1814) pág. 690 a 695. Depois foi impressa junto com a propria carta do Marquez, e com uma segunda resposta ou refutação d'esta, feita por José Agostinho de Macedo [...] Lisboa, na Typ Rollandiana, 1820 [...]".
107. THE SAHYĀDRY-KHANDA of the skanda purāna: a mythological, historical, and geographical account of western India. First edition of the Sanskrit text with various readings, etc. [Trad. por] José Gerson da Cunha. Bombaim, 1877. (XII, 8648), pág. 345.)
108. O SALTEADOR SAXONIO, ou os subterraneos do castello de Honstein. Traduzido em portuguez. [Trad. por] Antonio Joaquim Nery. Lisboa, 1822, 8.º (S.D.P., 18), pág. 98- 2.ª parte./ VIII, 2641), pág. 187.)
Existe uma segunda edição, publicada em Lisboa, em 1837: "Traduzido do francez de Hyppolito Vangevis."
109. SERMÃO FUNEBRE às deploraveis memorias do mui reverendo e doctíssimo Haham Asalem Morenu A.R. o doutor David Netto, insigne theologo, eminente pregador, e cabeça da congregação de Sahan Hassamaym. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 488 (ou 1728), 8.º (III, 62), pág. 248.)
110. SIDEROHYDROLOGIA, ou discurso pratico das aguas mineraes espadanas, ou chalybeadas, em que se mostra sua natureza, composição, etc. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1726, 12.º de XI-78 páginas. (X, -, 111.)
111. SOBRE O PRINCIPIO e restauração do mundo. [Trad. por] Isaac de Castro. Londres, s/d. (III, 144), pág. 232.)
Esta obra parece ser do final do século XVI, início do século XVII.
112. SONETO ITALIANO DE TORQUATO TASSO... endereçado como encomio ao nosso Luiz de Camões: com as versões em portuguez, francez e inglez, antecedidas de um preambulo do professor barcareNSE, etc. [Trad. por] José Joaquim da Silva Pereira Caldas. Braga, 1883, 8.º gr.. (XIII, 9342), pág. 46/ XV, 1260), pág. 208.)

113. SPECIMEN DA PRIMEIRA parte da Materia medica historica-physico-mechanica, em que se tracta dos fossiles, e de todos os metaes, saes, pedras, terras, enxofres etc..., e se mostram as propriedades e usos humanos dos ditos corpos, d'onde se acham, de que modo se alcançam , ou purificam, etc... etc. [Trad. por] Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1731, 8.º (III, 64), pág. 248.)
114. OS TORPEDOS WHITEHEAD, seu emprego, uso e modo de combatel-os. Memoria de F. Von Grenkhook. Tradução de um primeiro tenente da armada brasileira. [Trad. por] José Egidio Garcez Palha. Rio de Janeiro, 1881, 4.º de 64 páginas. (XIII, 8439), pág. 307.)
115. TRATADO DEFINITIVO DE PAZ, concluido entre os muito altos e muito poderosos senhores Luis XV, rei de França, Jorge II, rei da Grã-Bretanha, Maria Theresa, Imperatriz, D. Fernando VI, Rei de Hespanha, etc., em aquiserão em Outubro de 1748. Traduzido da lingua franceza por J. F. M. M. [Trad. por] José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Lisboa, 1749, 4.º de 16 páginas. (IV, 3427), pág. 351./S. D. P., 233), pág. 132.)
116. TRATADO DE PAZ, UNIÃO E AMISADE [sic] entre Hespanha, França e Inglaterra, assignado em Sevilha em 9 de Novembro de 1729. Traduzido do Castelhana. [Trad. por] José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Lisboa, 1730, 4.º de 16 páginas. (IV, 3367), pág. 348/ S. D. P., 1069), pág. 275.)
117. TRAVELS IN PORTUGAL. [Trad. por] John Hinckley.Londres, 1801, 8.º de 504 páginas. (XIV, 719 a) pág. 376.
[Link, Heinrich Friedrich, *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien, und vorzüglich Portugal*, Kiel, 1801-04.]
118. TRAVELS OF THE DUKE DE CHATELET IN PORTUGAL. Translated from the french by (...). [Trad. por] John Joseph Stockdale. London, John Stockdale, 1809, 2 tomos. (XV, 2084-73.ª), pág. 363.)
[Bourgoing, Jean-François de, *Voyage du ci-devant duc Du Chatelet en Portugal...*, Paris, F. Buisson, [1.ª ed. - s/data] - 2.ª ed., 1801.]
119. VOYAGE EN PORTUGAL et en Espagne, fait en 1772 et 1773, par Richard Twiss.... Traduit de l'anglais. [Trad. por] Richard Twiss. Berna, chez la société typographique, 1776, 8.º de XI-380 páginas. (XV, 2157-19.ª), pág. 378.)
Contém referências a Camões e a Inês de Castro. [Twiss, Richard, *Travels through Portugal and Spain, in 1772 and 1773. With Copper-plates; and an appendix*, G. Robinson, London, 1775. Existe outra referência: *Voyage en Portugal et en Espagne...*

orné d'une carte, etc. (supplément, additions de Mr. Twiss à son journal.), Berne, 1776.]

121. A VOZ DA NATUREZA, ou o poder, sabedoria e bondade de Deus, manifestada na criação, na conexão do mundo inorganico com o mundo organico, e na adaptação da natureza externa à structura dos vegetaes, e à construcção moral e physica do homem. [Trad. por] João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun. Londres, 1874, 8.º gr. de 147 páginas. (X, 5651), pág. 211.)

ÍNDICE REMISSIVO

AUTORES

B

- BLANKETT, John - 61.
BLOUET, Leon Paul - 58.
BOURGOING, Jean-François de - 118.
BOUTERWEK, Frederick - 52.
BUCHANAN, Claudius - 82.

C

- CAMÕES, Luís de - 97.
CRONSTAD - 76.

D

- DUARTE, Barbosa - 27.
DUMAS, Alexandre (Père) - 15; 48.

F

- FÉVAL, Paul - 81.
FLERS, L. - 13.

G

- GARDANE, Joseph Jacques - 75.
GAVAULT, Paul - 13.
GIACCOMETTI, Pabo - 57.
GOUDARD - 28.
GRANDMAISON, F.A. Parseval de - 12.

L

LAFFORGUE - V. ROBERTSON, Théodore - 87; 88.
LINK, Heinrich Friedrich - 117.

M

MALTHUS, Thomas Robert - 99.
MEAD, Ricardo - 96.
MICKLE, William Julius - 67.
MONTALAMBERT - 43.

O

O'REILL, Max - V. BLOUET, Leon Paul - 58.

P

PLENCK, J.J. - 75.

R

REGNAULT, Élias Georges Soulange Oliva - 45; 47.
REYNOLDS - 31.
RICARDO, David - 89; 100.
ROBERTSON, Guillaume Eugène - 103.
ROBERTSON, Théodore - 87; 88.

S

SMYTHE, Percy Clinton Sydney - V. STRANGFORD - 70.
STEPHENS, Philadelphia - 61.
STRANGFORD, *Lord Viscount* - 60; 97.

T

TERRAIL, Ponson du - 77.
TROLOPP, *Sir Francis* - V. FÉVAL, Paul - 81.

V

VILLEMAIN, Abel-François - 46.
VOLTAIRE - 64.

W

WEY, Francis Alphonse - 56.

TRADUTORES

A

- ABREU, Manuel Rodrigues da Silva - 53.
ABREU, Miguel Vicente de - 82.
AFFONSO, Diogo - 44.
ALMEIDA, João ferreira de - 8.
AMADO, P. José de Sousa - 11.
ANDRADE, Pedro Nicolau de - 49.
ANTÓNIO, D. Cactano de Sancto - 95.
ANTUNES, Acácio - 13.
AZEVEDO, António de Araújo de - 106.
AZEVEDO, José Soares de - 94.

B

- BERNARDINO, Fr. António de S. - 9.
BOCACHE, Reinerio - 50.
BOMTEMPO, João Domingos - 33.

C

- CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira - 112.
CAMPOS, José Pedro Francisco de Paula - 57.
CAPELLA, José Valério - 87.
CARNEIRO, Heliodoro Jacinto de Araújo - 1.
CASTRO, Isaac de - 111.
CHAGAS, Manuel Pinheiro Chagas - 58.
CONSTÂNCIO, Francisco Solano - 89; 99; 100; 105.
COSTA, Gregório Gonçalves - 98.
COURAÇA, Maximiano Saraiva da Costa - 46.
COUTINHO, D. Gastão Fausto da Câmara - 79.
CUNHA, José Anastasio da - 36.
CUNHA, José Gerson da - 18; 51; 71; 84; 85; 90; 107.
CUNHA, Xavier da - 74.

D

DAUN, João Carlos de Saldanha de Oliveira e - 63; 83; 120.

F

FABRO, Nilo Maria - 19.

FERREIRA, José Martins - 102.

FERREIRA, José Vicente - 4.

FIGANIÉRE, Frederico Francisco de - 5.

FRANZINI, Marino Miguel - 103.

G

GAMA, Miguel do Sacramento - 101.

H

HINCKLEY, John - 117.

HOLSTEIN, D. Pedro de Sousa, (Duque de Palmela) - 66.

L

LA HARPE, Mr. de - 65.

LAVERGNE, Leonce de - 34.

LENCASTRE, D. leonor de Almeida Portugal Lorena e - 17.

M

MACEDO, António de Sousa de - 37.

MAGALHÃES, João Jacinto de - 14; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 26; 38; 76;
86; 104.

MARTYRES, D. Antonio dos - 95.

MASCARENHAS, José Freire de Monterroyo - 115; 116.

MELLO, Francisco Cândido de Mendonça e - 6.

MENDONÇA, Francisco de Assis Castro e - 47.

MENDONÇA, Hypolito José da Costa Pereira Furtado de - 10.

MILLIÉ, J. Bte. J. - 67.

MORATO, P. José - 16.

N

NASCIMENTO, Francisco Manuel do - 42.

NERY, António Joaquim - 108.

P

PAIVA, Manuel Joaquim Henriques - 68; 75.
PALHA, José Egydio Garcez - 114.
PEREIRA, Gabriel Victor Monte - 40.
PINTO, Agostinho Albano da Silveira - 35.
PINTO, Júlio Raymundo da Gama - 7.
PORTUGAL, António Rodrigues - 96.

R

RIBEIRO, José Maria de Salles - 15; 48.
RIBEIRO, Vicente da Costa Alves - 43.
RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - 59.
ROSS, Thomasina - 52.

S

SARMENTO, Jacob de Castro - 29; 30; 39; 41; 69; 70; 109; 110; 113.
SERRA, José Francisco Corrêa da - 91; 92; 93.
SILVA, Francisco Gomes da - 73.
SILVA, João Manuel Pereira da - 45.
SILVA, José maria da Costa e - 32.
SOUSA, Joaquim Gomes de - 3.
STANLEY, Henry E. J. - 27.
STOCKDALE, Joseph - 118.
STRANGFORD, *Lord Viscount* - 97.

T

TOMÁS, Aníbal Pipa Fernandes - 80.
TRANSTAGANO, António Vieira - 2.
TRIGOSO, Sebastião Francisco Mendes - 72.
TRIGUEIROS, João Luis Rodrigues - 31; 77; 78; 81.
TWISS, Richard - 119.

V

VIEIRA, Francisco Ferreira da Silva - 56.

W

WAKE, Polycarpo - 88.

WHO WROTE A COMPLETE ACCOUNT OF THE PORTUGUESE LANGUAGE?

Manuel Gomes da Torre

0. Introduction

Academic research relating foreign language teaching has been characterized by intensive activity expressed by the continual publication of numerous books and journals, by seminars, congresses and conferences, both at the national and international levels. The great concern is the search for solutions that may diminish the centuries-old frustration of foreign-language teachers and learners unsatisfied with the poor results of the teaching/learning process. Such discontent is not a new phenomenon: it has been felt generation after generation and, throughout the centuries, there have been people with new ideas, sometimes announcing authentic panaceas, all aiming at finding solutions to the century-old problem. In spite of the visible progress which has sometimes been achieved, frustration remains, which justifies and stimulates new initiatives.

However, in spite of all the activity developed in this area little attention has been given to the history of foreign language teaching, which is to say, very few people seem to care about the way methodological and linguistic attitudes have evolved along the many centuries that the history of foreign language teaching already covers ⁽¹⁾. To a certain extent, past attitudes justify and are the basis of what is being done nowadays. The ignorance of that history is the origin of some confusion as Kelly very judiciously reminds us of:

'Nobody really knows what is new or what is old in present-day language teaching procedures. There has been a vague feeling that modern experts have spent their time in discovering what other men have forgotten; but as most of

⁽¹⁾ According to Kelly (1969) foreign-language teaching is twenty-five centuries old; Germain (1993) doubles that time.

the key documents are in Latin, moderns find it difficult to go to original sources. In any case, much that is being claimed as revolutionary in this century is merely a rethinking and renaming of early ideas and procedures' (p. ix).

Although two decades have already elapsed since Kelly published this statement, it is still absolutely valid. And there is no doubt that some of the terminology and propositions which have been announced by some methodologists and linguists in the two past decades have generally been considered as new attitudes in the language teaching field only in result of generalized ignorance of the history of language teaching. For those few who for some reason have studied that history, such 'new' propositions have a taste of rewarmed food. This statement could be illustrated by a reference to 'The Natural Approach', a method connected with the names of North-American didacticists, especially Stephen Krashen's. To anyone who analyses 'The Natural Approach' in detail it will resemble (with the logical differences dictated by a separation of one century and the advent of the technological resources that the modern teacher has at hand) the 'Natural Method', which had some popularity at the end of the 19th century⁽²⁾. The same could be said about the teaching of 'language functions', a term of great popularity in the realms of the recent communicative approach. This term under different names (or even without any specific tag) occurred in almost every old grammar published from the early 18th century up to the middle of the 19th century⁽³⁾. It is not my purpose to suggest that there is nothing genuinely new in modern foreign language methodology, but I have no doubt that the study of past methodologies would be very useful. Such study would certainly provide conclusions (perhaps quite surprising) that would confirm what Kelly says in the passage quoted above. In that case much of the effort that is being wasted nowadays on the search for new solutions would be saved because some of the 'new' solutions are only aspects of foreign language teaching which have already been forgotten after having lived for periods of variable duration in the history of education.

⁽²⁾ Two names, among others, are connected with this method: the German Gottlieb Hensch, the author of *Der Leitfaden für den Unterricht in der deutschen Sprache ohne Sprachlehre und Wörterbuch*, who, in the United States, around 1886, "had started a school for teaching languages by a "natural method" (Mackey 1969: 143); and M. D. Berlitz, the founder of a powerful international organization named *Berlitz Schools of Languages*, some of which having survived until now. About the 'Natural Method', its characteristics and names connected with it see Howatt 1984: 198-200, Chagas 1954: 35-38 and Closset 1949: 15. See also Berlitz 1921: 3-6.

⁽³⁾ For instance, it was Jacob de Castro's obvious intention to provide the 'curiosos' (the name given at that time to those interested in learning foreign languages) with useful utterances in pragmatic communication when he presented his 'familiar phrases', among which his readers could find "Expressions of kindness" (p. 194), "To thank and compliment, or shew kindness" (p. 195), "To affirm, deny, consent" (p. 197 etc.). Except for the natural differences imposed by the passing of time, in essence, there is a lot in common between this and, for example, some parts of *The Threshold Level*. See van Ek *et al.*

This recognition of the usefulness of the history of methods has led some scholars to devote time and work to the research of earlier materials. The results have been coming up and, if they have no other interest, they represent, at least, unique reading matter. Such are the cases of Alston (1967 and 1974), Kelly himself (1969), Howatt (1984), Finkenstaedt (1983), and Finkenstaedt *et al.* (1983).

1. Research in Portugal

In Portugal, up to present, very little has been done in this area in a systematic way. But there have been some isolated studies, dealing with specific books or themes, which present us with some interesting evidence of the scope that an investigation project in a larger scale could have. Cardim (1923, 1929 and 1931), Rodrigues (1951), Torre (1985 and 1988), and Salema (1993) are the only ones who, so far, have developed studies on the history of foreign-language teaching/learning in Portugal, mainly on the teaching/learning of Portuguese by the English and the French, and English and French by the Portuguese.

Luiz Cardim was the first investigator in Portugal who felt some attraction by the subject, although for reasons that were not directly connected with foreign-language teaching proper but with phonetics. In Portuguese and foreign libraries he searched for old grammars of English for the Portuguese and grammars of Portuguese for the English. He left the result of his work in his 1923 paper that would be published again with some changes eight years later⁽⁴⁾. Among the books dealt with by this scrupulous teacher and last director of the earlier Faculdade de Letras do Porto⁽⁵⁾ is the earliest English-Portuguese and Portuguese-English dictionary published in London in 1701 with the title *A Compleat Account of the Portugueze Language*⁽⁶⁾. Its author's name is reduced to the initials A. J.. Part of the same

(4) About the revised article Cardim wrote in 1931: "Em 1923 publicámos na *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Pôrto*, n.º 5 e 6, um artigo intitulado "Some Notes on the English-Portuguese and Portuguese-English Grammars to 1830. [...] Em 1929 tornámos a publicar esse trabalho, revisto e aumentado na sua contribuição para a fonética inglesa, no livro editado pela Faculdade de Letras da Universidade do Pôrto, *Estudos de Literatura e de Linguística*, e dele se tirou uma separata, em cujo título se precisaram melhor a natureza e os limites do assunto, ficando a chamar-se em definitivo "Portuguese-English Grammarians and Eighteenth-Century Spoken English" (pp. 5-6).

(5) The Faculdade de Letras da Universidade do Porto was first created in 1919 by the political influence of Leonardo Coimbra; for political reasons too a decree (nº 15365) dating 15 April 1928 closes it. About this see Torre 1987 and Pina 1966.

(6) The first part of the dictionary, 'Vocabularium Anglo-Lusitanicum', contains 195 unnumbered pages; the second part, 'Vocabularium Lusitano-Anglicum', has 181 pages.

(7) Cardim refers (1930, p. 12) that, at the time, the only copy of the dictionary in Portugal was to be found at the Public Library in Évora, information that he had certainly found in Inocêncio da Silva (Tomo segundo, 1858). And the situation has not changed. I have searched for other copies at several Portuguese libraries, public and private, and must conclude that Cardim's information is correct. But at the British Library in London there are several copies (among others under these shelf-marks: 12943.h.7 and 435.h.24). It is also available in microfilm.

volume (7), and by the same author, is a *Grammatica Anglo-Lusitanica* (8), which was anonymously published in Lisbon four years later, but this time it also included some 'familiar dialogues', a very common component in eighteenth-century grammars. It remains unknown whether the author of the Portuguese edition was A. J. himself or if someone else plagiarized the book and enlarged it with the dialogues.

2. Who was A. J.?

It would come to some surprise if Cardim had not tried to find out the name the two initials in the author's name corresponded to. He did try, but in the end of his study he had many doubts. In spite of that he vaguely advanced what seems to me a very plausible hypothesis.

The Portuguese bibliographers either said nothing about the issue — as was the case of Inocêncio da Silva and of *Bibliotheca Lusitana* — or they gave information that Cardim viewed as suspicious. In this latter case was Camilo Castelo Branco (pp. 16-7), who repeated the information collected in Bernardes Branco (pp. 21 (vol. I) and 567 (vol. II)), according to whom the work was attributed to lexicographer Raphael Bluteau (9). Cardim is very skeptical about this hypothesis because, in the meantime, he had discovered that *A Compleat Account...* seemed to him a translation of *Prosodia* and *Thesouro da Lingua Portuguesa*, two well-known works by the Jesuit Bento Pereira, and the *Grammatica Anglo-Lusitanica* was again a translation of the *Ars Grammatica pro Lingua Lusitana* by the same author. In the English adaptations made by Bento Pereira, English took the place occupied by Latin in Bento Pereira's works.

Resorting to a set of different data, Cardim tries to demonstrate the improbability of Camilo's information and advances the idea that the author of *A Compleat Account...* might be a former student of the Irish Colégio dos Inglesinhos (10), where, according to Cardim, Bento Pereira had been director for a time (11).

That the author was a native speaker of English is the most plausible hypothesis. One of the reasons had already been pointed by Cardim based on the good quality of the English used both in *A Compleat Account...* and in the *Grammatica Anglo-Lusitanica*. In fact

(8) This grammar has 40 pages in two columns, dedicated to morphology, prosody and orthography. Another 11 pages follow containing an "An Appendix of the Forms of Writing" with models of private and business letters, "A Letter of Attorney", an insurance policy, a letter of exchange etc..

(9) Bluteau is known for his Portuguese-Latin dictionary.

(10) This college was founded in Lisbon in 1622 as a Catholic seminary whereto future priests came from Britain to study and be ordained. Protestant hostility at home did not allow them good conditions to follow their calling (cf. Williams (1988) and *English College Lisbon*). See also Ramos *et al.*

(11) In *English College Lisbon*, p. 21, 'residential line' is presented that contains the names of all the directors of the College from 1627 to 1943. There is no interruption and Bento Pereira's name is not to be found in the list. Cardim does not tell us the source of his information, but he very probably found it in Innocencio Francisco da Silva, tome I, 1858: p. 352.

the English used by A.J. is absolutely flawless and purely idiomatic. As similar grammars later published by Portuguese writers would show, these characteristics were very far from being frequent.

Besides, some passages in the introduction to the dictionary show that its author's position relating to Portugal and the Portuguese is that of a foreigner who uses the third person when he speaks of our country and people, as can be seen in the following extracts:

Referring to the Portuguese A. J. writes:

'it is not to be doubted that *they* ⁽¹²⁾ and *their* Neighbours suffered an extream diminution of *their* Primitive Purity by the Irruptions of those Northern Warriors the Goths and Vandals...' (2nd page ⁽¹³⁾).

And further down:

However (as it is) notwithstanding all these Disasters, it hath successfully spread it self through all the Four Parts of the World, in which the Portugueze have so famed *themselves* to all Posterity for *their* early Discoveries and Conquests; and even now where *their* Sword has laid aside its awful Power...' (ib.).

Or still in the two following passages, in which, besides the aspects just been underlined, we find the first person when the author refers to the British:

'And since the English correspondence in Trade with the Kingdom of Portugal, hath been for those many years, and it is at this time so very considerable, and *our* Navigation to all those Parts where *that* ⁽¹⁴⁾ Nation hath yet in *their* Possession...' (ib.). 'It is well known how uneasie the due Pronunciation of the Modern Tongues is to **our** Northern climates' (3rd page).

Another reason that could be adduced is linked to the semi-anonymity of the initials A. J. itself. In his 1923 article, Cardim admits that these initials might stand for 'A Jesuit' (p. 440), basing his interpretation on the fact that Bento Pereira was a Jesuit and rector of the Irish College in Lisbon. In the later versions of his paper Cardim dropped such an interpretation, but maintained the idea that 'we may suspect the translation to have been made by a former Irish pupil of Pereyra, on his return to England' (1930: 4).

L. Cardim's suspicion is really interesting. It leads one to imagine a young British priest, very probably an Irishman, who had just returned to England after his long stay in Portugal ⁽¹⁵⁾, where he had

(12) My italics on this passage.

(13) The pages in *A Compleat Account* are not numbered; it is the alphabetical order of entries that ensures their sequence. But I numbered the pages for easier perusal.

(14) The use of this dicitic has some meaning for what I am trying to demonstrate.

(15) The young men arrived in Portugal from Britain around the age of 14 and here they remained at the College of Saints Peter and Paul (such was the name of the seminary

done his religious studies. During his stay abroad he had learned the Portuguese language and had concluded that it was worth the while teaching it to his countrymen. However, the England of his time was hostile to Catholicism ⁽¹⁶⁾. Therefore and in order to make his linguistic work circulate more easily, the mysterious author of *A Compleat Account...* signs it with his initials alone.

All this speculation needs documents to be supported. Maybe careful search in the archives of Ushaw College (Durham) — whereto all documentation of Colégio dos Inglesinhos was taken ⁽¹⁷⁾ — will allow us to find, among the names of the seminarists ordained in Lisbon in the last quarter of the 17th century, one or more that correspond to the initials A. J.. If this first stage is successful, the next step will consist in tracing the progress of the one or the ones whose name(s) correspond to the initials and, simultaneously, try to discover in him/them enough interest in the Portuguese language that might justify the initiative of producing the two linguistic works that are in the origin of the present paper. This strategy could be a way of proving Luiz Cardim's intuition, moreover at a time when a new disturbing factor has come onto the scene and a clarification of all this matter would be welcome ⁽¹⁸⁾.

3. The Alexander Justice hypothesis

The brief study of *A Compleat Account...* carried out by me in 1984-85 was based on a microfilm of the copy that exists in the Évora library. Being in London in 1987 and having a free morning, I decided to go to the British Library and check if it had any copy of the dictionary. There was a small detail that I wanted to confirm and that was a good chance.

When I was looking for the shelf-mark under **A. J.**, I was taken by surprise when I saw something handwritten added (in pencil) to the author's initials. No less than: **J. A. [i. e. Alexander Justice?** ⁽¹⁹⁾]. My

that was definitively closed in 1973) for twelve years until their ordination (cf. Williams: 241).

⁽¹⁶⁾ In *English College Lisbon* the following can be read: 'The College at Lisbon gave secure refuge to these heroic youths and enabled them to pursue their studies in peace and build their spiritual lives in a Catholic atmosphere. After ordination they went back by devious routes to their native land, landing secretly at obscure fishing villages and hiding in the houses of the Catholic gentry until they were assigned their sphere of activity. The story has been told many times of their work and the manner of their lives, harassed continually by pursuivants and informers and ending in some instances in their being condemned to death' (p. 6).

⁽¹⁷⁾ According to recent information personally given to me by Isabel Lousada, not all the documents of the former college were sent to Britain, as a lot of that material can be found at the Universidade Católica Portuguesa in Lisbon.

⁽¹⁸⁾ Lack of available time has not allowed me, so far, to make these steps, but thanks to the mediation of the Rev. Michael Williams of the University of Leeds, the librarian of Ushaw College, the Rev. Dr. Michael Sharratt, has given me permission to consult the files in the "Lisbon Room".

⁽¹⁹⁾ The question mark indicates, no doubt, that the author of the handwritten addition was not absolutely sure of his/her hypothesis.

next step was to go to **Justice, Alexander**, and my surprise increased when I saw that both the dictionary and the grammar were definitely attributed to him.

Due to shortage of time on the occasion all I could do was try to check in the bibliographies and biographies available at the BL if Alexander Justice had lived and published at a time around the turn of the seventeenth to the eighteenth centuries. As a matter of fact I could confirm that he had published a few books in the early eighteenth century. But in none of the sources I was able to consult on that morning was the authorship of *A Compleat Account...* attributed to him. That was a first sign that the handwritten addition which I had seen on the card of the BL catalogue relating to A.J. and *A Compleat Account...* might be the fruit of some sort of precipitation that a mere chronological coincidence could explain. But, most disturbing was the categorical tone of the entry **Justice, Alexander**.

In the autumn of 1989 I was able to go to London again and dedicate the necessary time to a more detailed study of the problem ⁽²⁰⁾. My main objective was to read everything I could find about the mysterious A. J. (or other A. J.'s), about Alexander Justice, and, obviously, to read the latter's published works.

In relation to all other writers who had signed their works with the same initials **A. J.**, the *General Catalogue* supplied the full names. Augustus Jessopp, A. Johnston, Aleksander Jabtonowski, A. Jars, Anthony Janson, A. A. Jakubowski, Alexander Justice are cases in point. Not all of them lived at the time when the dictionary and the Portuguese grammar were published; however, the titles of their works are mentioned in the catalogue, but among them no reference is made to an English-Portuguese dictionary. As far as Alexander Justice is concerned, there are cards with titles of books by him relating to maritime law, international trade, and moneys and exchanges. Only on one of the cards, which has obviously been recently added, can one see that *A Compleat Account...* is considered his work, as I said above. As I will try to demonstrate in the following pages, this should be viewed with some suspicion.

Among the various bibliographies that I had the opportunity to consult at the BL, only the ones by Lowndes and Hazlitt contain references to A. J., author of *A Compleat Account...*, but there is no reference to the *Grammatica Anglo-Lusitanica*. Neither do they include any data about A. J.'s life ⁽²¹⁾.

I faced the same scarcity of information about Alexander Justice's biography, although his works were referred to, not always

⁽²⁰⁾ I thank the Universidade do Porto and INIC for having provided me with the material means that made possible this stay in London.

⁽²¹⁾ "J. A. — A Compleat Account of the Portugueze Language; being a Copious Dictionary of English with Portuguese, and Portuguese with English. London 1701. folio. 6s" (Lowndes, vol.III: 1175); "J. A. Complete Account of the Portuguese Language, 1701, I. 232" (Hazlitt: 397).

coincidentally in as far as their number is concerned, in practically all the bibliographies. Let us see what some of the latter contain:

'**J. A. Alexander** *Justice*. A general Treatise of monies and exchanges... 1707 — See 'A well-wisher to Trade' ⁽²²⁾ (Cushing, vol I: 140).

'**J[ustice] (A[lexander].)** A General Treatise of the Dominion of the sea: And a Compleat Body of Sea-Laws: Containing what is most Valuable on that Subject in antient and Modern Authors; ... and Adjudg'd Cases in several Courts concerning Trade and Navigation. By A. J. Second Edition. London 1705. 4^{to} + The Third Edition, with large Additions, and Improvements. And a New Appendix... London: for the Executors of J. Nicholson; ... [1707] 4^{to}, pp. (26), 684, 107' (Sabin 1877, vol. I: 140).

'Justice, Alexander. 1. Laws of the Sea, &c., Lon., 1705, 4^{to}. 2. Commerce, 1707, 4^{to}. (Allibone (vol. I: 1005).

'JUSTICE, Alexander. — A General Treatise of the Dominions and Laws of the Sea, Jurisdiction of the English Admiralty, &c.; with an Appendix, concerning Pressing. Lond. 1705, 4^{to}. — A General Discourse of Commerce. Lond. 1707, 4^{to}. — A General Treatise of Monies and Exchange. Lond. 1707, 4^{to}.' (Watt 1824, vol. II: 560).

The various subsequent re-editions of some of Justice's works are evidence that there was interest in their contents, and it appears as a logical conclusion that their author was relatively well known. Therefore, it is somewhat surprising that none of the quoted bibliographers made reference to the dictionary and the grammar had Justice actually written them. Besides, it must be noted that Justice signed some of his works with the initials A. J. or with the even more undecipherable pseudonym 'a Well-wisher to Trade'. If his bibliographers were able to unveil such 'mysteries', they would have equally overcome the problem that the initials in question might have represented if Justice had really written *A Compleat Account...*, a kind of work that the publishers certainly would not like to see ignored by the public.

The above are the main reasons that could be used to question those who attribute the authorship of *A Compleat Account...* and *Grammatica Anglo-Lusitanica* to A. Justice. But there are arguments of a different nature that can be used for the same purpose. Such arguments can be collected in what Justice himself wrote.

In the preface to his treatise on moneys and exchanges Justice introduces himself mainly as a translator:

⁽²²⁾ 'a Well-wisher to Trade' is the pseudonym used by Justice in his treatise on coins and exchange, published in London in 1707. But the dedication of the book ('To Mr. Nicholas Tourton') is signed with the initials A.J..

'Mr. Nicholas Lincoln, a Merchant of this City, having brought from abroad, a Book of Monies and Exchanges, Printed in *Holland* ⁽²³⁾, in the *French* Language, which he thought might Merit an Impression in the *English*: I was apply'd to for Performing that Translation'.

Immediately after this he makes reference to the fact that his patron did not avoid effort and expenses 'in procuring to the Author several Rare and Useful Books in Foreign Languages'. This statement may lead us to thinking that Justice was a polyglot and among his abilities there was the one to read and understand Portuguese. But as one progresses in the reading of the preface one comes to different conclusions. Firstly, it is a plausible conclusion that French was the foreign language that he best mastered, if not the only one he knew. The passage just quoted and his statement that he had had 'residence in that Country' (i.e. France) ⁽²⁴⁾ legitimate such hypotheses.

My doubts about Justice's knowledge of the Portuguese language begin when he says on the same page:

'Next that comes an Account of the Exchanges of *Spain* and *Portugal*, which reaches to the end of Page 180, which I have taken from the *French* Author'.

It is obvious that this is not enough for me to demonstrate that Justice did not know Portuguese, as the emphasis of the passage seems to fall on the information about exchanges in Portugal and Spain, and what Justice studied/translated concerning this matter had been found in a book written in French. At least he admits that he was not very confident of his Dutch and high Dutch ⁽²⁵⁾.

I did not find any reference to Portuguese, a very unplausible circumstance if Justice could speak or simply knew it. On the contrary, everything we can find in the treatise relating to the Portuguese language seems to demonstrate that Justice ignored it completely. That is the case when he refers to Portuguese measures and weights.

In an appendix that Justice titled 'A General Discourse of Weights and Measures usual in all Considerable Towns of Trade', he includes a section called '*Of the Barros and Cavidos of Portugal*' ⁽²⁶⁾. The names given by Justice to the Portuguese measures are somewhat puzzling, although, with the help of the context and by comparison with foreign

⁽²³⁾ In italics in the original.

⁽²⁴⁾ On the 3rd page of the preface.

⁽²⁵⁾ 'Next that you will find the two Articles of the Exchanges of *Germany*, and the Northern Countries, and some other Places; and those of the Low-Countries, which is likewise a Translation from the aforesaid *French* Author, except some sheets from the *Dutch* and *Htgh German* Tongues; Containing the Regulations for the Exchange of several Remarkable Towns and Cities in those Countries, performed by two other hands, better acquainted with those languages than I" (3rd page of the preface).

⁽²⁶⁾ The italics in all quotations from this book correspond to the original.

measures, it may be possible to conclude they are measures of length. Let us see what Justice wrote:

'The Barros and Cavidos of *Portugal* containing an inconsiderable matter less than $1 \frac{4}{10}$ Aunes of *Amsterdam*, to avoid Fractions, you may reckon, that 100 Aunes of *Amsterdam* make 61 Barros of *Lisbon*, and 100 Barros of *Lisbon* make 164 Aunes of *Amsterdam*. II. And 100 Cavidos of *Portugal* makes but very little less, than 100 Aunes of *Amsterdam*.

The Cavidos of the Isle of Fagal, and other Islands, called the Isles of *Flanders*, belonging to the King of *Portugal*, is equal to an Aune of *Amsterdam*; which I have verified by the account of Sale of a certain quantity of Goods, which being sent thither from *Amsterdam*, rendered there as many Cavidoes, as there was sent thither of Aunes' (pp. 27-8).

Neither the Portuguese nor the English dictionaries I consulted record 'barros' (as a measure of length) or 'cavidos /cavidoes', a circumstance that made me think that Justice gave written forms to the words he might have heard others (presumably French and English merchants) pronounce relating to Portuguese measures. What he very probably meant to write was *varas* and *côvados*, instead of the words he spelled wrongly. The reference to the 'aune' (which, according to the *Oxford Universal Dictionary*, was an ancient French unit of measurement used to measure cloth and corresponded to the English measure called 'ell' ⁽²⁷⁾) helps us to make a deduction exercise that takes us to what Justice meant to say. If one 'aune' corresponded to one 'ell', and this measure, in the Flemish commercial practice, was equivalent to 27 inches (i. e. 0.6858 metre), it becomes clear that when Justice wrote '100 Cavidos [...] makes very little less, than 100 Aunes of *Amsterdam*', he should have written *côvados* instead of *cavidos*. As a matter of fact 100 *côvados* represented 66 metres, and 100 Flemish 'aunes' were equivalent to 68.58 metres, i. e. the 'côvados' measured 'little less than' the 'aunes' of Amsterdam. If my reasoning is correct, this lack of orthographic accuracy would be more than enough to demonstrate that Justice was far from being an expert in the Portuguese language and that he could never attempt to write a grammar and a dictionary about it. But there is more evidence of his ignorance of the Portuguese language.

About measures for corn, Justice offers 'A Treatise of Round Measures for Grains, &c.', where he refers to Portugal again:

'Of Portugal

At *Lisbon* they reckon 4 Alguiers to the Fanegue, 15 Fanegues to the Muid and 4 Muids to the Last of *Amsterdam*' (p. 43).

⁽²⁷⁾ 'ell' = A measure of length varying in different countries. The English ell = 45in; the Scotch 37.2in; the Flemish = 27in.' (*Oxford Universal Dictionary*).

'ell [...] vara (antiga medida de comprimento)' (*Morals*: 253).

And further down:

'Of the Weights of Portugal, compared with those of Amsterdam.

The Arobe of Portugal consists of 32 Pound, which render between 28 and 29 Pound at Amsterdam. And 4 Arobes make the Quintal' (p. 73).

We find ourselves again in the situation of having to admit several hypotheses: a) Either the Portuguese weights and measures quoted were expressed in English by the forms used by Justice (e. g. 'Alguier', 'Fanegue', 'arobe'); or b) such forms had no official statute and what Justice wrote were mere adulterations of the Portuguese words he heard others pronounce. If hypothesis a) were true, the *Oxford English Dictionary* (OED) at least would certainly record the words, as happens in relation to 'Muid' and 'Last'. As this is not the case of the three terms mentioned above (i.e. **alguier**, **fanegue**, **arobe**), hypothesis a) has very little consistency and should be dropped. Thus, the most plausible conclusion is that Justice did not know the correct Portuguese words, a surprising circumstance in the author of a dictionary which had been published a few years before and contained the names of the measures and weights in question written in their correct forms. A case in point is 'Arobe' (used instead of *arroba*), which appears in the Portuguese-English half of *A Compleat Account...* in the form 'arróba' (28).

On writing 'Alguiers', 'Fanegues' and 'Arobe', Justice certainly meant *alqueires*, *fanegas* and *arroba*, an interpretation that can be confirmed by the calculations I made based on the correspondences supplied by him. 'Muid', the English equivalence to *moio* and 'last' (an ancient dry measure without equivalence in Portugal (29)) are correctly spelt by Justice in his 'A Treatise of Round Measures for Grains, &c.'. Such oscillations between correct and incorrect forms could only be the product of somebody who was not sure in the use of the Portuguese language.

It would equally be very surprising if the author of *A Compleat Account...* revealed sheer ignorance concerning the Lusitanian reality. And such ignorance is easily detected in one of the passages quoted above, where Justice attributes the 'Isle of Fagal, and other Islands, called the Isles of Flanders', to the King of Portugal. He very probably meant the Azorean islands of Fayal and Flores. The orthographic deformation detectable in these two names reinforces our suspicion that what Justice did with weights and measures was another example of deformation of Portuguese words.

Many more examples could be added to the list of deviations taken from the section dedicated by Justice to tables of exchange where the

(28) It should be noted that the accent on the *o* is the means used by A.J. as an "Unerring Method of its [the Portuguese language] pronunciation" (on the title-page of the book, although referring to the grammar-book) and not graphic accentuation as such.

(29) One last corresponded to 80 bushels (cf. *New College Standard Dictionary*: 673) and represented about 2,819 litres.

names of Portuguese coins are subjected to considerably bad treatment: 'Croisado' (*crusado*?), 'Reas' (*reaes/reis/reys*?), 'Marvedis' (*maravedis*), 'Teston' (*tostão*), 'Patacoon' (*pataco*) etc., all words that do not integrate either part of *A Compleat Account*.... Neither does the OED register them, a proof that they were never used in standard English.

But there is something that puzzles me and can make me hesitate in considering that Justice was so ignorant of the Portuguese language that he could never feel like writing the dictionary and the grammar that motivated this paper. My confusion originated in the reading of another of his books: *A General Treatise of the Dominions and Laws of the Sea*.... There are some passages in Portuguese taken from Portuguese legislation that left me with the impression that Justice understood them quite correctly as he comments on them with great accuracy.

Conclusion

As the earliest Portuguese-English and English-Portuguese dictionary known, *A Compleat Account*... is a document of great importance for the history of English studies in Portugal. If we could learn something about its author, it would certainly be extremely interesting. But, as I have tried to stress, the discovery of the true identity behind A.J. has proved a very difficult enterprise.

References:

- ALSTON, R.C. 1967. «Polyglot Dictionaries and Grammars; Treatises on English written for Speakers of French, German, Dutch, Danish, Swedish, Portuguese, Spanish, Italian, Hungarian, Persian, Bengali and Russian». Vol. II of *Bibliography of the English Language from the Invention of Printing to the year 1800*. Bradford: Ernest Cummins.
- ALSTON, R.C. (ed.) 1967-72. *English Linguistics 1500-1800*. A Collection of Facsimile Reprints. Menston: Scolar Press.
- BERLITZ, M. D. 1921. *The Berlitz Method. Illustrated Edition for Children*, Paris/N. York/London: The Berlitz School.
- BLUTEAU, D. Rafael 1712-21. *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico. Anatomico, Architectural, etc., auctorizado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos, e offerecido a el-rey de Portugal D. João V*. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- BRANCO, Manuel Bernardes 1879. *Portugal e os Estrangeiros*. Estudos de..., Tomos 1º and 2º. Lisboa: Livraria A. M. Pereira — Editores.
- CARDIM, Luiz 1923. 'Some notes on the Portuguese-English and English-Portuguese grammars to 1830', *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n.ºs 5 and 6, pp. 437-51.
- CARDIM, Luiz 1929. *Estudos de Literatura e Lingüística*. Porto: Faculdade de Letras.
- CARDIM, Luiz 1930. *Portuguese-English Grammarians and Eighteenth-Century Spoken English*. Porto: Emp. Indust. Gráfica do Porto, L.da.

- CASTELLO BRANCO, Camillo 1882. *Narcoticos*, vol. II (Notas Bibliographicas). Porto: Livraria de Clavel & C^a — Editores.
- CASTRO, Jacob de 1777. *Grammatica Lusitano-Anglica, ou Portugueza e Ingleza*, a qual serve para instruir aos Portuguezes no Idioma Inglez; composta por ... Lisboa: Na Offic. de Manoel Coelho Amado. Anno M.DCC.LXXVII.
- CHAGAS, Valmir 1954. *Didática Especial de Línguas Modernas*. S. Paulo: Companhia Nacional Editôra.
- CLOSSET, François 1949. *Didactique des Langues Vivantes*. Bruxelles: Marcel Didier.
- EK, J. A. Van & L. G. ALEXANDER 1980. *The Threshold Level English*. Oxford: Pergamon Press.
- English College Lisbon* (undated). Lisbon: printed by Bertrand Irmãos, L.^{da}.
- FINKENSTAEDT, Thomas 1983. *Kleine Geschichte der Anglistik in Deutschland*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- FINKENSTAEDT, Thomas & Gertrude Scholtes 1983. *Towards a History of English Studies in Europe. Proceedings of the Wildsteig-Symposium April 30 — May 3, 1982*. Augsburg: Universität Augsburg.
- GERMAIN, Claude 1993. *Evolution de l'Enseignement des Langues: 5.000 Ans d'Histoire*. CLE International.
- HAZLITT, W. Carrew 1887. *Bibliographical Collections and Notes on Early English Literature 1474-1700* (third edition). London: Bernard Quaritch.
- HOWATT, A.P.R. 1984. *A History of English Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- INOCÊNCIO, Francisco da Silva 1858-1914. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- J., A. 1701. *A Compleat Account of the Portugueze Language. Being a copious Dictionary of English with Portugueze, and Portugueze with English. Together with an easie and unerring method of its pronunciation... and a compendium of... rules of construction and orthography digested into a grammatical form. To which is subjoined by way of appendix their usual manner of correspondence by writing... By... London. Printed by R. Janeway, for the author, 1701.*
- J., A. 1702. *Grammatica Anglo-Lusitannica: or a Short and Compendious System of an English and Portugueze Grammar*. Containing All the most Useful and Necessary Rules of the Syntax, and Construction of the Portugueze Tongue. Together with some Useful Dialogues and Colloquies, agreeable to common conversation. With a vocabulary of Useful Words in English and Portugueze. Designed for, and fitted to all Capacities, and more especially such whose Chance or Business may lead them into any part of the World, where that Language is used or esteemed. By... London: Printed by R. Janeway, and sold by Sam. Crouch, the Corner of Popes-Head-Alley; and Rich. Parker, at the Unicorn under the Royal-Exchange, Cornhill, 1702.
- JUSTICE, Alexander 1705. *A General Treatise of the Dominions and Laws of the Sea* containing what is most valuable upon the Subject, in Ancient and Modern Authors. And particularly that Excellent Body of Sea-Laws Lately Published in France; besides the Ancient Laws of the Rhodians and Romans, and of Oleron, and other Countries: With a Collection of

the Marine Treaties concluded during the last century. Together with, Several Discourses about Jurisdiction and Manner of Proceeding in the Admiralty of England, both in Criminal and Civil Matters, and Adjudg'd Cases in several Courts concerning Trade and Navigation. In all which are explained at Large the Laws and Customs of Merchants, and of the Courts in Cases of Battomry, Insurances, Charter- Parties, Bills of Lading, and Piracy, and Letters of Marque and Reprisal. To which is subjoyn'd; An Appendix concerning the Present State and Regulation of the Admiralty and Navy, and Means for improving it, and a proposal for the more easy and expeditious Manning of the Fleet without Pressing. Dedicated to His Royal Highness the Prince. By Alexander Justice, Gent.. London: Printed for S. and J. Sprint at the Bell, and J. Nicholson at the King's-Arms in Little Britain; and Rs. Smith at the Bible under Piazza of the Royal-Exchange, Cornhill.

JUSTICE, Alexander 1707. *A General treatise of Monies and Exchanges; in which those of all Trading Nations are particularly Describ'd and Consider'd. With An Account of all the Foreign Banks and different Species and Denominations of Monies, with their Current and Intrinsick Value; and of the Method and Practice of Foreign and Domestick Exchanges. Together with An Exact Translation of the Excellent Ordinances lately Publish'd in France, for Exchange and Commerce, and the Regulations of most Trading Places upon that subject. With an Introductory Discourse of the Nature and Origin of Exchange, Containing also the Principles of the most Intricate and Useful part of Commerce; with Forms of Bills of all sorts, and the Customs of Merchants relating thereto; in a most Easie and Familiar Method. As also, Tables of the Reduction of the Monies and Exchanges of the most Considerable Towns in Europe. To which is subjoyn'd, A General Discourse of the Trade and Commodities of most Nations; with a more particular Account of those of England, &c. Together with An Universal Treatise of the Weights and Measures usual in Trade all over the World, with Curious Tables relating thereunto: Of all which, a more particular Account in the Preface. By a Well-wisher to Trade. London, Printed for S. and J. Sprint, and J. Nicholson.*

KELLY, Louis G. 1976 (1st edition 1969). *25 Centuries of Language Teaching: 500-1969*. Rowley, Mass.: Newbury House Publishers.

KRASHEN, Stephen D. & Tracy D. TERRELL 1983. *The Natural Approach: Language Acquisition in the Classroom*. Oxford/San Francisco: Pergamon Press/Alemany Press.

LOWNDES, William Thomas 1864. *The Bibliographer's Manual of English Literature* (New edition, revised, corrected and enlarged by Henry G. Bohn). 6 vols. London: Henry G. Bohn.

MOSER, Fernando de Mello 1985. 'Para uma perspectiva da cultura portuguesa', *ICALP Revista*, Março, pp. 23-32.

New College Standard Dictionary. New York: Funk & Wagnalls. 1961.

LITTLE, William, H.W. Fowler & J. Coulson 1970. *Oxford Universal Dictionary*. London/Oxford: O.U.P..

OXFORD English Dictionary 1961. Oxford: At the Clarendon Press.

PEREIRA, Bento 1858. *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum et Lusitanum digesta*. Lisboa: Imprensa Nacional (1st ed. 1643).

- PEREIRA, Bento 1643. *Thesouro da Lingua Portugueza*. Lisboa.
- PINA, Luís de 1966. 'Faculdade de Letras do Porto (Breve História)', *Cale — Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. 1, pp. 59-172.
- RAMOS, Iolanda & Isabel Lousada 1995. 'O colégio dos Inglesinhos em Lisboa', *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 4: 9-44.
- RODRIGUES, A. Gonçalves 1951. *A Língua Portuguesa em Inglaterra nos Séculos XVII e XVIII*, separata da *Biblos*, vol. XXVII, pp. 14-21.
- SALEMA, Maria José da Gama Lobo 1993. *A Didáctica das Línguas Vivas e o Ensino do Francês na Viragem do Século: o período de 1894 a 1910* (PhD dissertation). Braga: Universidade do Minho.
- TORRE, M. Gomes da 1985. *Gramáticas Inglesas Antigas: Alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras.
- TORRE, M. Gomes da 1988 — 'O interesse pelo estudo do inglês em Portugal no século XVIII', *Actas do Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor* (de 15 a 18 de Outubro de 1986). Porto: Instituto de Estudos Ingleses da Faculdade de Letras.

ROMANTISMO INGLÊS E IMAGINÁRIO HISPÂNICO NA VISÃO DO REI RODRIGO

João Almeida Flor

Homenagem a Maria Leonor
Machado de Sousa

No presente trabalho, é nosso propósito abordar um aspecto do relacionamento do romantismo inglês com o imaginário hispânico, através da leitura crítica da lenda do Rei Rodrigo que, na variação dos seus contornos, mas também na permanência do seu potencial mitopoético, constitui matéria em permanente elaboração literária, no espaço cultural europeu, desde a Idade Média aos nossos dias. Neste contexto, o poema *The Vision of Don Roderick* de Walter Scott (1811) surgirá enquadrado de dois modos fundamentais — por um lado, como texto indissolivelmente ligado às circunstâncias e aos antecedentes históricos que o determinam e acabam por induzir a peculiaridade da sua recepção na cultura portuguesa; por outro lado, enquanto texto cujo significado poético-simbólico exemplifica o modo como o Romantismo inglês tematiza a história mítica da Hispânia, violentada pela dominação dos árabes após o colapso da civilização cristiano-visigótica que o próprio Rei Rodrigo personifica.

*

*

*

Começemos por notar que nas suas variadas implicações, o estudo da figura do Rei Rodrigo mereceu já atenção de uma pleiade de investigadores ibéricos, entre os quais se contam os nomes de Milá y Fontanals, Menéndez Pidal, Sánchez Albornoz e Lindley Cintra que, tomados em sequência e em conjunto, permitem reconstituir as fortunas e vicissitudes póstumas dessa personagem, à medida que, da história, ela foi sucessivamente transposta para

os planos da abstracção e ficcionalização caracterizadores da lenda, da alegoria e do mito. (1)

Como é sobejamente sabido, ao abordar a dominação árabe da Espanha (quer dizer, da península hispânica onde também Portugal se situa), os historiadores referem que, em 711, o chefe berbere Tarif, com a conivência de um traidor visigodo chamado Julião, reuniu um exército, desembarcou em Gibraltar, invadiu a Andaluzia, derrotou os visigodos em Guadalete e, a partir daí, consumou a ocupação muçulmana da Península que havia de durar oito séculos. (2) Em torno destes marcos históricos se foi tecendo a lenda de Dom Rodrigo, último rei godo, já presente na chamada *Crónica do Mouro Rasis* depois incorporada na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, compilada e refundida por D. Pedro, Conde de Barcelos, mas cuja origem deve remontar a autores moçárabes coevos, interessados em encontrar uma explicação para eles satisfatória do modo como terminara abruptamente a monarquia visigótica, soçobrando à ameaça dos infiéis.

Ora, quando procuramos reconstituir a estruturação dos materiais históricos na lenda do Rei Rodrigo, verificamos existir nesta a instabilidade textual própria de narrativas só tardiamente fixadas por escrito e entretanto sujeitas às alterações e variações inerentes à transmissão oral num meio de cultura jogralesca.

No entanto, é possível concluir que, subjacente às variantes conhecidas, existe uma mesma configuração narrativa que se articula em segmentos consecutivos e consecuentes a partir de cinco núcleos ou momentos correlativos, pertinentes e sequenciais. No primeiro, narra-se como Dom Rodrigo, chamado a desempenhar funções de regente na menoridade dos herdeiros da coroa, logrou usurpar o trono visigótico. No segundo, trata-se da atitude de desafio demonstrada pelo (agora) Rei Rodrigo, ao desrespeitar as instruções interditorias que determinavam a inviolabilidade de um cofre escondido numa casa de Toledo construída por Hércules. O terceiro momento refere o estupro da jovem Alataba, motivado pela concupiscência do Rei Rodrigo que, assim, atraiçoa a confiança nele depositada pelo pai da vítima, o Conde Julião, cuja cólera activará o motivo da vingança para desafronta da honra. O quarto momento situa a preparação e execução das acções militares onde os mouros, aliados ao Conde Julião e ainda aos legítimos herdeiros da coroa visigótica conseguem, por valor e astúcia, derrotar o exército cristão comandado pelo Rei Rodrigo em pessoa. Finalmente, o quinto

(1) Cf. Manuel Milá y Fontanals, *De la poesia*, (Madrid, 1874); Juan Menéndez Pidal, *Las leyendas del último rey godo* (Madrid, 1906); Ramón Menéndez Pidal, *El rey Rodrigo en la Literatura* (Boletín de la Real Academia de la Historia, 1924); Luis Filipe Lindley Cintra, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol I (Lisboa, 1951) e ainda *A Lenda do Rei Rodrigo* (Lisboa, 1964).

(2) Cf., p.ex., Bernard Lewis, *Os Árabes na História*, trad. port. (Lisboa, 1990); António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol II (2ª ed. Lisboa, 1989); Pedro Aguado Bleye, *Manual de História de España*, Tomo I (Madrid, 1963); Ramón Menéndez Pidal, org. *España Visigoda* (5ªed. Madrid, 1985).

momento, algo nebuloso, conduz ao desenlace mais ou menos enigmático, consoante se aceitar a hipótese que dá o Rei Rodrigo por morto na própria batalha ou a que o considera nela apenas desaparecido para, em ascética solidão, fazer penitência e remir as suas faltas.

Como se calcula, esta história percorrida pela temática do poder e do desejo, da honra e da vergonha, da posse e da expropriação, da interdição e transgressão, da violência e da expiação sofre notórias metamorfoses (por aditamento ou eclipse de episódios, de personagens, de ênfases e seleções) na sua longa transmissão desde a literatura moçárabe aos cantares de gesta, às novelas de cavalaria e ao romanceiro popular tradicional, e à medida que transpõe as fronteiras hispânicas e integra, por via românica e germânica, o património cultural europeu. ⁽³⁾

Num inventário que pretende ser mais sugestivo do que exaustivo, registemos que as duas obras seminais na instauração desta tradição literária são as de Pedro Corral, *Crónica Sarracina* (1430) e Miguel de Luna, *Historia verdadera del rey Don Rodrigo* (1589), fontes a que se reporta a grande maioria das obras posteriores, mesmo quando estas não estabelecem entre si relações de dependência genética directa. Depois, ao século XVII pertencem textos como os de Frei Bernardo de Brito, *Monarquia Lusitana* (1609), André da Silva Mascarenhas, *A Destruição de Hespanha* (1671), Frei Manuel Rodriguez, *Rodericus Fatalis* (Lovaina, 1631), Lope de Vega, *Jerusalén Conquistada* (1609) e *El postrer godo de España* (1617), para além das referências feitas por Tirso de Molina e Calderón e do drama de W. Rowley, *All's Lost by Lust* (1633).

Finalmente, no romantismo oitocentista se incluem, em França, Abel Hugo, *Romancero* (1821), Emile Deschamps, *Romances sur Rodrigue* (1827), alusões de Victor Hugo em *Notre Dame de Paris* (1831); em Espanha, Espronceda, *El Pelayo* (1824), o Duque de Rivas, *Florinda* (1834), José Zorrilla, *El Puñal del Godo* (1842); na Alemanha, Emmanuel Geibel, *König Roderich* (1844); em Portugal, evidentemente, Alexandre Herculano que, na introdução à *História de Portugal* e também em *Eurico o Presbítero* (1844), dedica alguns passos à história de Roderico e do Conde Juliano. E, se fosse necessário documentar a sobrevivência da lenda na literatura contemporânea, talvez bastasse recordar que ainda em 1875 se publica na Alemanha a obra de F. Dahn, *König Roderich*, e que, em 1970, o notável romancista Juan Goytisolo dá à estampa a *Reivindicación del Conde Don Julián*, logo traduzida para português por Pedro da Silveira e editada em 1972 pela D. *Quixote*. ⁽⁴⁾

⁽³⁾ Cf. Nota 1 *supra* e ainda Gonzalez Porto-Bomplani, *Diccionario Literario* (Barcelona, 1960); Ramón Menéndez Pidal, *Floresta de Leyendas Heroicas Españolas*, vols. I - III (Madrid, 1925); Elizabeth Frenzel, *Stoffe der Weltliteratur* (Stuttgart, 1970).

⁽⁴⁾ Ao meu Colega António M.C. Feijó agradeço a Informação que permitiu a leitura deste romance.

A completar este elenco, convirá indicar as ressonâncias principais da lenda do Rei Rodrigo na literatura oitocentista inglesa; para tanto, é pertinente transcrever o seguinte passo de uma carta de 8 de Setembro de 1811 em que Robert Southey agradece a Walter Scott a oferta do poema *The Vision of Don Roderick*:

"It is remarkable that three poets should at once have been employed upon Roderick. I have a tragedy of Landor's in my desk, of which Count Julian is the hero; it contains some of the finest touches, both of passion and poetry, that I have ever seen. Roderick is also the pre-eminent personage of my own *Pelayo* as far as it has yet proceeded." (5)

Com efeito, se recordarmos quer os poemas de Robert Southey, *La Cava* (1802) e *Roderick the last of the Goths* (1814), quer o de Walter Scott, *The Vision of Don Roderick* (1811) quer ainda o drama de Walter Savage Landor, *Count Julian* (1812), teremos delimitado o núcleo do *corpus* textual que, no romantismo inglês, tematiza a figura emblemática do Rei Rodrigo e a história trágica da queda da Hispânia sob o domínio muçulmano. Ao mesmo tempo, teremos definido a primeira década do século XIX como espaço de simultaneidade para o poema de Walter Scott e seus análogos e, a partir daqui, interessa reflectir sobre o condicionalismo histórico que propiciou tal afloramento hispânico no romantismo inglês e presidiu à génese, à estrutura interna e à recepção dos próprios textos.

Nesse sentido, e de forma sintética, convém sublinhar que, na sensibilidade histórico-política da geração de Walter Scott, pareciam evidentes as analogias entre dois grandes confrontos ideológicos e militares, ocorridos em épocas igualmente críticas para os destinos da Europa, embora separadas por mais de um milénio. Com efeito, o confronto traumático na Hispânia do século VIII entre cristãos e muçulmanos apresentava certas afinidades com o conflito internacional que, também no século XIX e na Ibéria da Guerra Peninsular, opunha os exércitos do imperialismo napoleónico, ainda nominalmente herdeiro da Revolução de 1789, aos defensores de uma outra ordem geo-estratégica, portadora de valores tradicionais do Antigo Regime.

Desta forma, nos alvares do século XIX, com referência aos anos imediatos ao Bloqueio Continental de 1806, a Hispânia encontrase no centro das atenções e expectativas da Europa e, por maioria de razão, dos românticos ingleses. Coleridge louvava a determinação e intrepidez de povos que, pela primeira vez, faziam retroceder e vacilar as forças napoleónicas; Wordsworth caminhava ansioso ao encontro da diligência que transportava os jornais com notícias da Península e, mais tarde, condensava boa parte do seu pensamento político em sonetos e num ensaio polémico escrito a propósito da

(5) Maurice H. Fitzgerald, ed., *Letters of Robert Southey* (London, 1912) 184.

chamada Convenção de Sintra; Southey, lusófilo entusiasta, maravilhava-se com a lição de heroísmo, generosidade e honra contida na reactivação do *ethos* da cavalaria medieval; Water Savage Landor leva a sua militância ao ponto de se ter alistado numa brigada de voluntários que entrou em combate na Península; e Leigh Hunt, na revista *Examiner*, a princípio reticente, acaba por apoiar a interferência britânica contra a França napoleónica, também comentada por periódicos como *The Times*, *Morning Chronicle* e *Courier*.

Quanto a Walter Scott, no primeiro dos quatro volumes biográficos que lhe consagrou, J. G. Lockhart sublinha o facto de o autor ter seguido com interesse indefectível os acontecimentos político-militares em curso no teatro de operações ibérico.

Conforme se encontra documentado na correspondência epistolar dessa época, tamanha era a preocupação de Walter Scott que, até mesmo em viagem, não dispensava a companhia de mapas da Península e cartas topográficas onde ia assinalando as posições e manobras dos exércitos em confronto. Mais do que isso, quando em princípios de 1811 se forma em Londres uma comissão para angariar fundos de auxílio às vítimas portuguesas da Guerra Peninsular, Walter Scott manifesta disponibilidade para colaborar, entregando, como donativo pessoal, a receita obtida com a venda do seu poema sobre o Rei Rodrigo, escrito especialmente para o efeito.

Na verdade, em carta datada de 26 de Abril de 1811 e dirigida a Morritt, pode ler-se a seguinte declaração de intenções:

“...I meditate some wild stanzas referring to the Peninsula: if I can lick them into any shape I hope to get something handsome for the Portuguese sufferers: ‘Silver and gold have I none, but that which I have I will give unto them.’ My lyrics are called *The Vision of Don Roderick*: you remember the story of the last Gothic King of Spain descending into an enchanted cavern to know the fate of the Moorish invasion — that is my machinery.”⁽⁶⁾

O poema, com perto de cem estrofes, foi publicado logo em Julho de 1811, ostentando no frontispício a dedicatória a John Whitmore e à comissão de lusófilos referida. Todavia, e independentemente do êxito comercial da edição, alguns críticos coetâneos lamentaram que a celeridade na composição do texto tivesse determinado certas negligências de construção, a contrastar com a elevação de tom patriótico e com o virtuosismo demonstrado por Walter Scott no manejo prosódico da chamada estância spenseriana de difícil execução técnica.

Aos olhos de um leitor dos nossos dias ainda mais se avolumam as insuficiências estético-literárias do texto, já que parece difícil elogiar os artificialismos de uma escrita convencionalmente arcaizante, de uma dicção poética saturada de apóstrofes, prosopopeias e hipérboles ou, por último, de uma representação

⁽⁶⁾ Cf. J.G.Lockhart, *Memoirs of the Life of Sir Walter Scott*, vol. I (Paris, 1838) 418ss.

ficcional sempre apoiada em alusões, perífrases e circunlóquios. Igualmente parece obsoleto e teoricamente inconsistente apreciar este ou aquele passo de *The Vision of Don Roderick* tomado de per si e como exemplo do pitoresco, do fantástico, do rigor descritivo, da imaginação visionária, da simbiose de história e alegoria ou, enfim, da evocação gótica do medievalismo. É certo que estes e outros aspectos existem realmente na obra mas de forma avulsa, em mera justaposição, a que falta a coesão interna e o suporte de homogeneidade orgânica que uma estruturação mais elaborada teria, porventura, assegurado.

Este juízo não pode surpreender quem estiver informado sobre o mérito relativo de Walter Scott enquanto romancista e autor de versos e sobre a diferente cotação atingida por essas duas dimensões da sua obra. Como seria de esperar, o interesse de *The Vision of Don Roderick* é essencialmente documental, por um lado como testemunho da afirmação do nacionalismo escocês, da autonomia e soberania britânica e da especificidade cultural hispânica conjugados para repelir a tutela estrangeira e, por outro lado, como texto que mais uma vez instrumentaliza e reactiva a figura mítica do Rei Rodrigo, comprovando a sua actualidade e pertinência, na leitura trágica da história dos povos peninsulares.

Ora, partindo da já citada *Historia Verdadera del Rey Don Rodrigo* e das tradições que conhecia, Walter Scott selecciona e reelabora as matérias-primas relativas à violação do segredo de Hércules, ao estupro de Alataba (ou Caba, ou Cava, ou Florinda), à indignação do Conde Julião, à invasão da Hispânia e ao desaparecimento do Rei Rodrigo, de modo a fixar-se num episódio a partir do qual seja possível sumariar em prolepse a história hispânica. Tal episódio-chave é constituído pela profanação do segredo de Hércules, ainda escondido e intacto na capital do reino.

Sobre este aspecto fulcral, ocorre observar que a dita violação da arca de Toledo não é mais do que uma prefiguração simbólica do estupro da jovem Alataba, já que são por demais evidentes as analogias entre as duas formas violentas de ganhar acesso ao conhecimento do espaço interior que é o lugar da intimidade na dimensão do mistério. Por seu turno, esta posse real e figurada, que a violência torna ilegítima, constitui a imagem central recorrente e sempre disponível para metaforizar a própria posse histórica do território hispânico inevitavelmente submetido à coacção armada que o Islão representa. Pela capacidade de ser, ao mesmo tempo, uma fábula onde o destino individual se identifica com o colectivo e permite uma reflexão etiológica sobre as estórias e a História, a lenda do Rei Rodrigo encerra um significado simbólico e mítico cuja espessura Walter Scott não chega a explorar inteiramente.

Com efeito, o segredo consiste na revelação do futuro da Hispânia pela sequência tripartida de visões que o protagonista experimenta e correspondem a três fases distintas (embora encadeadas), assim resumidas pelo autor no prefácio à primeira edição do poema:

“The first of these periods represents the Invasion of the Moors, the Defeat and Death of Roderick, and closes with the peaceful occupation of the country by the Victors. The Second Period embraces the state of the Peninsula, when the conquests of the Spaniards and Portuguese in the East and West Indies had raised to the highest pitch the renown of their arms; sullied, however, by superstition and cruelty. An allusion to the inhumanities of the Inquisition terminates this picture. The Last Part of the poem opens with the state of Spain previous to the unparalleled treachery of Buonaparte; gives a sketch of the usurpation attempted upon that unsuspecting and friendly kingdom, and terminates with the arrival of the British succours.” (7)

À medida que o entrecho do poema prossegue e se desdobra, o ângulo de visão vai-se fechando até que as atenções se concentram justamente no auxílio de ingleses, escoceses e irlandeses à causa da libertação da Hispânia, enquanto o cenário se torna distintamente português, com referências a Vimeiro, Buçaco, Serra da Estrela, Lisboa, Alverca, Alcobaça, Mondego e Águeda. Ao mesmo tempo, quebra-se o anonimato das forças britânicas e emergem, como heróis laureados vencedores dos franceses, as figuras de Wellington, Cameron, Cadogan, Beresford e Grahame.

Atingido esse clímax panegírico que reforça a intenção épica e celebratória do canto, Walter Scott glosa o tópico da viagem que, tal como o poema, vai chegar ao fim nesta estrofe:

But all too long, through seas unknown and dark,
(With Spenser's parable I close my tale,)
By shoal and rock hath steer'd my venturous bark,
And landward now I drive before the gale.
And now the blue and distant shore I hail,
And nearer now I see the port expand,
And now I gladly furl my weary sail,
And as the prow light touches on the strand,
I strike my red-cross flag and bind my skiff to land. (8)

Antes de encerrar a perspetivação histórica, cultural e literária de *The Vision of Don Roderick*, vale a pena acrescentar um comentário sobre a recepção do poema em Portugal ou, melhor dizendo, entre os portugueses que, no nosso país e no Brasil, a despeito da censura, tinham acesso à imprensa periódica publicada em Londres por exilados políticos de convicções liberais, no primeiro quartel do século XIX.

Enquanto aguardamos um estudo circunstanciado do papel de mediação intercultural desempenhado por tais periódicos na afir-

(7) Cf. *The Poetical Works of Sir Walter Scott* (Edinburgh, 1890) 650.

(8) Cf. *The Poems and Plays of Sir Walter Scott*, vol.II (London, 1927) 130.

mação da lusofilia britânica e na génese do Romantismo português, deixemos apenas aqui assinalado que a primeira recensão crítica e tradução parcial de *The Vision of Don Roderick*, anónima, embora alegadamente atribuída a Vicente Pedro Nolasco da Cunha, foi incluída no volume I da revista de Londres intitulada *O Investigador Português em Inglaterra*, em Julho de 1811, ou seja, logo a seguir à publicação do poema. ⁽⁹⁾ Com efeito, estamos perante mais um caso em que são os órgãos de comunicação dos liberais no exílio a dar conta do modo como certas obras da literatura inglesa provocam ampla ressonância nos meios lusófonos e chegam a desencadear polémicas apaixonadas, como virá a acontecer a propósito de *Childe Harold's Pilgrimage* em 1812.

No caso vertente, o autor começa por referir a reputação de Walter Scott, louvando o seu apoio a Portugal na “continuação da guerra contra o Tirano do mundo,” Bonaparte e transcrevendo longo extracto da *Historia Verdadera* por Miguel de Luna que, como sabemos, foi fonte principal de *The Vision of Don Roderick*. A partir desta introdução, a resenha prossegue com paráfrases e comentários, frequentemente ilustrados com a tradução portuguesa das estrofes mais relevantes que exemplificamos com a primeira:

Existe um som de férvida harmonia,
Que inda sublime feitos de Mavorte
Ou morreu lá c'o Mestre a melodia
Que celebrou de Ilion a adversa sorte?
Tal Wellington teu nome excitaria
E por ti mares contrastando, e a morte
Se inchará à voz da tuba, que afiança
A Britânia Vitória a Portugal vingança. ⁽¹⁰⁾

Notemos, por fim, que aos críticos ingleses de *The Vision of Don Roderick*, escandalizados pelo facto de Walter Scott haver exaltado a guerra justa e haver caucionado a violência organizada, responde o anónimo autor da recensão, manifestando concordância com tal reparo mas acrescentando:

“No tempo em que vivemos, quando estão soltas as paixões mais violentas e desoladoras, não podem salvar-nos obras que inspirem somente sentimentos brandos e pacíficos. Poemas tais como os da Morte de Abel e Messias de Klopstock são próprios para tempos menos revoltos. Neste século de ferro, precisam-se versos de fogo que o derretam; cantos como os de um Moisés, de um Homero, de um Ossian ou de um Scott.” ⁽¹¹⁾

⁽⁹⁾ No *Catálogo do Fundo British Council*, na Biblioteca da Fundação Gulbenkian, o texto é atribuído a Vicente Pedro Nolasco da Cunha (p. 139), em coincidência com a opinião expressa já em Marla Laura Bettencourt Pires, *Walter Scott e o Romantismo Português* (Lisboa, 1979) 56.

⁽¹⁰⁾ *O Investigador Português em Inglaterra*, vol. I (Londres, 1811) 154.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, 162.

Por outras palavras, o diálogo de Walter Scott e do romantismo inglês com o imaginário hispânico, a pretexto do Rei Rodrigo, será, fundamentalmente, tanto um modo de intervenção cívica na luta anti-napoleónica ou um catalisador de convicções políticas como também um posicionamento face à realidade multicultural da Península onde a mesma lenda celebra não só os dois países ibéricos mas também o encontro da cultura cristã com o mundo árabe, no espaço do Mediterrâneo ocidental. ⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ O presente trabalho foi apresentado como comunicação ao XVII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, em Aveiro, a 15 de Março de 1996.

ROBERT SOUTHEY, O PRIMEIRO LUSÓFILO INGLÊS

Maria Zulmira Castanheira

Decorridos precisamente duzentos anos sobre a primeira deslocação a Portugal, em 1796, do escritor inglês Robert Southey (1774-1843), romântico por geração e por gostos, é de justiça que assinalemos a data lembrando a vertente lusófila da obra deste autor hoje praticamente esquecido mas que, no seu tempo, alcançou grande notoriedade e prestígio.¹

Razões de ordem militar, política e comercial há muito que traziam súbditos britânicos até ao nosso país, mas foi no século XVIII, quando uma maior segurança, conforto e poder económico tornaram mais fácil e agradável o acto de viajar, que os ingleses começaram a afluir a Portugal em número significativo, movidos por interesses culturais e recreativos, ou simplesmente em busca de um clima ameno, recomendado pelos médicos britânicos aos seus doentes pulmonares.

Os dois únicos nomes sonantes das letras de além-Mancha que visitaram Portugal antes do poeta laureado Robert Southey, Henry Fielding (1704-1754) e William Beckford (1760-1844), tiveram exactamente por base das suas viagens motivações de natureza pessoal, e não quaisquer missões de índole profissional ou diplomática: o primeiro, autor dos célebres romances *Joseph Andrews* (1742) e *Tom Jones* (1749), rumou a Lisboa por causa do seu precário estado de saúde e aqui faleceu no ano de 1754, dois meses após a chegada, tendo deixado registadas para a posteridade as suas impressões da travessia marítima entre a Inglaterra e a Península Ibérica em *The Journal of a Voyage to Lisbon* (1755)², e o segundo, intelectual de plurifacetados talentos, homem irreverente e excêntrico, esteve em Portugal por diversas vezes entre 1787 e 1799³, não só devido à

¹ Há dez anos consagramos às relações de Robert Southey com Portugal um estudo aprofundado: vd. MARIA ZULMIRA BANDARRA DE SOUSA MACEDO LEAL, *Para o Retrato de Robert Southey. A visão de Portugal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

² Vd. HENRY FIELDING, *Diário de uma viagem a Lisboa*. Tradução, introdução e notas de João Manuel de Sousa Nunes. Lisboa, Edições Ática, 1992.

³ As impressões de William Beckford sobre Portugal encontram-se reunidas em: *Italy; with Sketches of Spain and Portugal*. By the author of "Vathek". London, Richard Bentley,

errância a que o forçou a sua situação de proscrito social, mas também pela própria ligação afectiva que acabou por estabelecer com o nosso país, ao qual chegou a referir-se como “beloved Portugal, my own true country”.⁴

Southey viria, aliás, a cruzar-se com Beckford na capital portuguesa em 1796, sem que, contudo, lhe tenha dirigido a palavra. O ostracismo a que a sociedade inglesa tinha votado o autor de *Vathek* (1786), por causa de um escândalo que lhe criara a reputação de homossexual, perseguiu-lo para o resto da vida e far-se-ia sentir em todos os países estrangeiros que visitou, Portugal incluído. Porém, aqui, a amizade que Beckford travou com a influente família Marialva acabaria por abrir-lhe muitas portas e transformá-lo num caso de cebridade entre os portugueses. Outra foi, no entanto, a reacção dos seus compatriotas residentes em Lisboa: nestes só encontrou frieza e desprezo, como prova a forma como Southey dele falou anos mais tarde, em carta ao seu amigo Charles Watkin Williams Wynn (1775-1850), datada de 7 de Julho de 1834:

“[...] Beckford I often met in Portugal, in the only way that he was ever met there by his own countrymen — in the streets.”⁵

No mês seguinte, em carta de 20 de Agosto dirigida à poetisa Caroline Bowles (1787-1854), sua futura mulher, Southey voltava a referir-se a Beckford em termos que traduzem um julgamento reprovador:

“I have not seen Beckford’s book, but should expect it to be as you describe it. No talents can compensate for that want of moral feeling which is likely to appear in anything he may write.”⁶

Apesar de muito diferentes em temperamento e mentalidade, ambos os autores partilharam um profundo interesse pelo nosso país, e é curioso que Beckford se tenha até provavelmente inspirado numa obra de Southey, *Letters from England: by Don Manuel Alvarez*

1834; *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha*. By the author of “Vathek”. London, Richard Bentley, 1835; e *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain 1787-1788*. Edited by Boyd Alexander. London, Rupert Hart-Davis, 1954.

⁴ *Life at Fonthill: 1807-1822. With Interludes in Paris and London. From the Correspondence of William Beckford*. Translated and edited by Boyd Alexander. London, Rupert Hart-Davis, 1957, p. 65. Citado por: MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES, *William Beckford e Portugal*. Lisboa, Edições 70, 1987, p. 122.

⁵ In JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law — . 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. IV, p. 378.

⁶ In EDWARD DOWDEN (ed.), *The Correspondence of Robert Southey with Caroline Bowles. To which are added: correspondence with Shelley, and Southey’s dreams*. Dublin, Hodges, Figgis, & Co.; London, Longmans, Green, & Co., 1881, p. 309.

Espriella. Translated from the Spanish (1807)⁷, para formular a sua própria definição de Portugal — «the Paradise of D. Fagundes» —, já que, ao referir-se a Londres, em 1808, usa a expressão «the Paradise of D. Espriella», numa óbvia alusão ao livro acima referido.⁸

Após as respectivas estadas em Portugal, tanto Beckford como Southey viriam a recordar com saudade e carinho, ao longo das suas existências, os tempos passados neste país ibérico. Sabe-se que o primeiro manteve até ao fim dos seus dias o hábito de recortar as notícias sobre Portugal que encontrava nos jornais ingleses⁹ e que o segundo acalentou durante muitos anos o sonho de aqui voltar e fixar residência para sempre entre o arvoredo e os perfumes de Sintra¹⁰, testemunhos inequívocos, portanto, da forte atracção que a nossa terra sobre eles exerceu.

Mas, se ambos os escritores estabeleceram com Portugal uma ligação sentimental, já para Southey a pátria de Camões adquiriria uma outra dimensão, esta de carácter profissional, ao sugerir-lhe um programa de investigação e de publicações nas áreas da história e da literatura lusitanas que procurou laboriosamente concretizar ao longo da vida, não só por gosto e verdadeiro empenho, mas também com a

⁷ Southey escondeu-se por detrás de uma identidade fictícia, *Don Manuel Alvarez Espriella*, para dar a conhecer aos seus compatriotas o que sabia e pensava sobre o seu país natal. O recurso a este artifício literário não foi, porém, original: em 1721 Montesquieu (1689-1755) publicara anonimamente *Lettres Persanes*, em que a França do seu tempo é observada pelos olhos de dois viajantes persas imaginários, e a partir de então vários foram os autores que usaram nomes estrangeiros para escreverem sobre os seus próprios países, procurando dessa forma atrair a atenção do público. Em Inglaterra, antes de Southey, já dois outros escritores de prestígio tinham adoptado semelhante método satírico: Horace Walpole (1717-1797) dera à estampa *Letter from Xo Ho: a Chinese Philosopher in London to his Friend Llen Chi at Peking* (1757) e Oliver Goldsmith (1730-1774) fizera vir a lume, cinco anos depois, *The Citizen of the World; or, Letters from a Chinese Philosopher, Residing in London, to His Friends in the East* (1762), de novo uma descrição da Inglaterra supostamente feita por um visitante chinês.

Ao usar um pseudónimo espanhol para escrever sobre a Inglaterra, Southey estava, pois, a cultivar um género já com tradição: o do relato de viagem pretensamente redigido por um estrangeiro. Os motivos que o terão levado a optar por esta fórmula foram, no entender de Jack Simmons, essencialmente os seguintes: vontade de conquistar um maior número de leitores, indo ao encontro do gosto do público por livros de viagens sobre a Inglaterra de autoria estrangeira, e desejo de escapar aos ataques dos seus inimigos literários, os quais, pensava Southey, criticariam a obra, independentemente das suas qualidades, movidos apenas por razões pessoais. Cf. ROBERT SOUTHEY, *Letters from England*. Edited with an Introduction by Jack Simmons. Gloucester, Alan Sutton, 1984.

⁸ MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES estabeleceu já esta relação: *op. cit.*, p. 136.

⁹ Vd. MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES, *ibidem*, pp. 130, 170, 192 (nota (82)) e 203 (nota (407)).

¹⁰ «Sintra! Sintra!... That place is the only place in the world that I love better than this [Keswick], and very probably I shall never quit this unless it be to reside in Portugal, where I would willingly go and take up my abiding-place for the remainder of my days. It is not possible to tell you how deeply I love that country... Here my happiness proceeds wholly from my mind — there I have an animal and bodily happiness for which my soul thirsts [sic] whenever I remember it.» (Carta a Henry Thomas, de 23 de Fevereiro de 1807, citada por: JACK SIMMONS, *Southey*. London, Collins, 1945, p. 120).

intenção de obter proventos financeiros que lhe permitissem garantir o sustento da sua numerosa família.

Sem ter fortuna pessoal e determinado a seguir a nada fácil carreira de homem de letras, Southey debater-se-ia sempre com problemas de ordem económica, ao contrário de Beckford, cuja imensa riqueza, proveniente das plantações de açúcar que a sua família possuía na Jamaica, levou a que Lord Byron lhe chamasse "England's wealthiest son".¹¹

Portugal não foi para Southey, portanto, apenas um espaço pitoresco, exótico, que satisfazia plenamente o seu gosto romântico pelo passado medieval, mas um sério objecto de estudo. Quando, em 1796, atravessou a fronteira portuguesa, vindo de Espanha, nada o faria supor que a temporada que estava prestes a passar em Lisboa iria ser o início de um interesse profundo por um povo estrangeiro que, à primeira vista, lhe desagradou, mas do qual acabaria por enamorar-se. As leituras que, já de regresso a Inglaterra, veio a fazer sobre a história e a literatura de Portugal apontaram-lhe, porém, um caminho em termos de carreira profissional, a especialização nos estudos portugueses, motivo pelo qual voltou à Península Ibérica em 1800, para aqui se manter até finais de Junho de 1801, altura em que abandonou Lisboa decidido a visitar-nos mais vezes, o que, na realidade, não chegaria a acontecer.

Das duas estadas em território português resultaram relatos em que Southey anotou as suas impressões de viagem: o primeiro, intitulado *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal. With some account of Spanish and Portuguese Poetry*¹², foi publicado em 1797 e viria a ser reeditado em 1799 e 1808 com alterações significativas¹³, enquanto o segundo se manteve inédito até 1949, data em que Adolfo Cabral, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa e autor de um estudo inteiramente dedicado às relações de

¹¹ Cf. *Childe Harold's Pilgrimage*, Canto I, estrofe XXII, v. 6.

¹² A indicação bibliográfica completa é a seguinte: ROBERT SOUTHEY, *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal. With some account of Spanish and Portuguese Poetry*. Bristol; Printed by Bulgin and Rosser, for Joseph Cottle, Bristol and G.G. and J. Robinson, and Cadell and Davies, London, 1797.

De ora em diante esta obra passará a ser referida, abreviadamente, por *Letters*.

¹³ À primeira edição, de 1797, seguiram-se outras duas: *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*. Second Edition. Bristol: Printed by Biggs and Cottle, for T. N. Longman and O. Rees, London, 1799 e *Letters Written During a Journey in Spain and a Short Residence in Portugal*. In two volumes. Third edition, corrected and amended. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1808.

Neste artigo a 2.^a e 3.^a edições serão designadas, respectivamente, por *Letters II* e *Letters III*.

¹⁴ Vd. ADOLFO CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, Papelaria Fernandes, 1959.

Antes desta data fora já apresentada à Universidade de Coimbra, em 1938, a dissertação de licenciatura de ALBINO PEIXOTO JUNIOR intitulada *As Cartas de Roberto Southey sobre Portugal*, mas trata-se de uma tradução de *Letters*, e não de um estudo da obra.

Southey com Portugal¹⁴, o descobriu em Bristol, juntamente com um outro sobre a ida a França em 1838, e o deu à estampa onze anos mais tarde no volume *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*.¹⁵

Percorrer hoje as páginas destes livros de viagens é duplamente compensador: não só obtemos uma panorâmica sobre a situação de Portugal nos finais do século XVIII, como acompanhamos a evolução do pensamento de Southey sobre o nosso país, desde uma primeira imagem em quase tudo idêntica à que visitantes anteriores haviam já veiculado e que se traduzia na ideia generalizada de considerar os portugueses como um povo retrógrado, supersticioso, tolhido pela tirania exercida pelo Estado e a Igreja, até uma visão que, nunca deixando de ser crítica, evidencia um respeito e admiração nunca antes demonstrados publicamente por qualquer viajante inglês em relação a esta pequena nação aliada.

Também na sua vasta correspondência particular, enviada ao longo dos anos a familiares e amigos, abundam as referências a Portugal, prova da preocupação constante de Southey pelo nosso país desde a sua primeira vinda à Península Ibérica. O facto de ter realizado tal viagem aos vinte e um anos de idade, quando se encontrava em plena fase de formação, revelar-se-ia decisivo para o rumo que a sua obra tomou. A partir de então, não mais abandonou o interesse pela história e literatura portuguesas, as quais procurou dar a conhecer aos seus compatriotas através de variadíssimos trabalhos feitos nesses dois domínios. Graças à sua pioneira campanha de divulgação da cultura lusitana no seu país, Portugal pôde pela primeira vez contar com uma voz que além-Mancha se esforçou por transmitir uma imagem positiva deste povo ibérico que durante séculos fora olhado pela Inglaterra com indiferença ou desdém.

Tão ardentemente Southey tentou documentar-se e compreender a nossa cultura, tão apaixonadamente se entregou à tarefa de escrever sobre o passado de Portugal e o seu património literário, que acabou por sentir-se intelectualmente português, como confessou em carta datada de 3 de Junho de 1815:

“[...] the long attention which I have given to their history and the whole of their literature has given me a sort of intellectual naturalization among them [...]”¹⁶

¹⁵ ROBERT SOUTHEY, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*. Edited by Adolfo Cabral. Oxford, At the Clarendon Press, 1960.

Esta obra passará a ser referida apenas por *Journals*.

¹⁶ Vd. “Cartas de Robert Southey a Theodore Koster e a Henry Koster (anos de 1804 a 1819)”, in JOAQUIM DE SOUSA LEÃO, “Em Torno de Robert Southey”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943 (Janeiro-Março), vol. 178, p. 46.

MY VOYAGE WAS TO PORTUGAL, AND YOU KNOW HOW MUCH IT
HAS INFLUENCED THE DIRECTION OF MY STUDIES ¹⁷

Apesar de ter vivido numa época fortemente marcada pelo individualismo e pelo pendor confessional, Southey não produziu nenhuma obra estritamente autobiográfica¹⁸, embora pareça ter sido ele a forjar o termo «autobiography» em 1809.¹⁹ No entanto, a sua prosa está repleta de dados sobre a vida e o pensamento do escritor, nomeadamente os relatos de viagem, onde pôde dar largas à sua tendência para o registo de tudo o que via de interessante, e que são hoje óptimos testemunhos da sua grande capacidade de observação e imensa curiosidade intelectual; *The Doctor* (1834-47), a única tentativa de Southey no domínio da ficção, caracterizada por um método narrativo digressivo e de tipo ensaístico; o *Common-Place Book* (1849-51), obra em que o autor anotou, de forma avulsa, ideias, opiniões, comentários, resumos de leituras e projectos de possíveis trabalhos, essencialmente relacionados com assuntos literários, históricos e religiosos; e, sobretudo, a volumosa correspondência trocada ao longo dos anos com amigos e familiares, onde Southey mais aberta e profusamente se revela enquanto homem²⁰ e enquanto escritor²¹.

É precisamente numa carta que Southey faz o resumo da sua vida, destacando, nessas curtas palavras, o lugar que Portugal desempenhou na sua carreira, graças à influência recebida de um tio que durante muito tempo desempenhou no Porto e depois em Lisboa as funções de capelão da Feitoria Britânica:

“[...] it is sufficient to state that I was born at Bristol 1774, was of Westminster School, and of Balliol College Oxford; and that the occasion which directed my studies

¹⁷ Carta a John Wood Warter (1806-1878), futuro genro de Southey, de 23 de Abril de 1830: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son The Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. VI, p. 98.

¹⁸ Entre 1820 e 1825 Southey deu início, sob a forma de cartas endereçadas ao amigo John May (1775-1856), à sua autobiografia. Este projecto foi, no entanto, abandonado, e nas epístolas que chegou a redigir apenas refere episódios da infância.

¹⁹ Vd. JAMES A. H. MURRAY, HENRY BRADLEY, W. A. CRAIGIE e C. T. ONIONS (editors), *The Oxford English Dictionary*. Oxford, at the Clarendon Press, 1978, vol. I, p.573: “f. AUTO + BIOGRAPHY [...] 1809 Southey in *Q. Rev.* I. 283. This very amusing and unique specimen of autobiography.”

²⁰ “Southey’s letters provide the best picture of Southey as a person, for it is in his letters that he is most completely himself.”: in KENNETH CURRY, *Southey*. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, p. 103.

²¹ “The reader who wishes to know Southey and is somewhat intimidated by the bulk of his many volumes of poetry, biography, history, and essays would do well to turn to his letters, for it is there that he will find the whole range of Southey’s life and career — the facts of his biography and the full expression of his opinions as they concern his occupation as a writer.”: in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. XI.

particularly to the literature and history of Portugal and Spain was that my maternal Uncle was for very many years Chaplain of the British Factory at Lisbon.”²²

Efectivamente, deve-se a esse seu parente pelo lado materno, o Reverendo Herbert Hill (1749-1828), residente em Portugal por mais de trinta anos até que, em 1807, a Guerra Peninsular o forçou a regressar à pátria, bem como à sua irmã, *Miss Elizabeth Tyler*, o início da relação de Robert Southey com Portugal e o posterior encaminhamento para o estudo das letras lusitanas.

Nascido em Bristol em 12 de Agosto de 1774, no seio de uma família de classe média economicamente pouco desafogada, Southey, dos dois aos seis anos de idade, viveu em Bath com a referida tia *Miss Tyler*, uma mulher excêntrica e apaixonada pelo teatro, que no próprio ano do nascimento do sobrinho viajara até Portugal, na companhia do irmão, por motivos de saúde. Em carta datada de 4 de Março de 1821, dirigida ao amigo John May, Southey viria a reconhecer a decisiva importância que a vinda da sua tia a Portugal acabou por ter para o futuro do tio sacerdote e para o seu próprio destino:

“Yesterday I received a letter from my uncle with the news of Miss Tyler’s death [...]. Had it not been for the whim which took her to Lisbon in the year of my birth, you and I should never have known each other; my uncle would never have seen Portugal, and in how different a course would his life and mine in consequence have run!”²³

Quando, aos seis anos, Southey deixou a elegante cidade de Bath para ir viver com os pais em Bristol, levava já consigo o gosto pelos livros e pelo teatro, e uma certa familiaridade com assuntos portugueses, obtida por certo através de conversas com a tia, da leitura da correspondência do tio Hill enviada de Lisboa e até mesmo de uma gravura imponente do Marquês de Pombal, emoldurada em pau-brasil, que durante muito tempo se habituara a ver pendurada numa das paredes do salão de *Miss Tyler*.

Dali em diante, a educação do jovem Southey seguiu um percurso que o conduziu a várias instituições escolares, que não agradaram à família, até que em 1788 ingressou na conceituada Westminster School, em Londres, onde fez o que chamaríamos hoje os estudos secundários. Mas nem mesmo os quatro anos passados nesta *public school* deixaram de ser tumultuosos: insatisfeito com a rigorosa disciplina imposta e com as matérias ali ensinadas, entregou-se por

²² Carta de Southey ao editor de *The New Monthly Magazine*, datada de 5 de Junho de 1814, citada em: ADOLFO CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, P. Fernandes, 1959, p. 371.

²³ Carta a John May, que Southey conheceu na capital portuguesa, datada de 4 de Março de 1821: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. V, p. 62.

conta própria a leituras pouco ortodoxas, que fizeram dele um partidário dos ideais da Revolução Francesa, ao mesmo tempo que se manifestava frontalmente contra os castigos corporais aplicados em estabelecimentos de ensino como o seu — em artigo publicado no n.º5 do jornal estudantil *The Flagellant* —, o que o levou à expulsão de Westminster, decorria então o ano de 1792.

Por causa deste incidente, que lhe vedou a admissão no afamado Christ Church, colégio onde a família pretendia que se ordenasse, acabou por dar entrada, em Janeiro de 1793, no Balliol College, igualmente em Oxford, por diligência e a expensas do tio Hill. Também aqui o Southey estóico e republicano, para usarmos os termos com que ele próprio se definiu relativamente a esse período da sua vida²⁴, não se adaptou. Desiludiram-no, mais uma vez, as cadeiras ensinadas e as regras de comportamento estabelecidas, e de novo tomou uma atitude de confrontação ao recusar-se, por exemplo, a usar a cabeleira empoada ao jantar, o que desde logo lhe valeu ser incluído no número dos revolucionários.

A permanência em Oxford fez Southey perceber que não possuía verdadeira vocação para a vida religiosa, e isso mesmo se apressou a comunicar ao Reverendo Hill. Compreendido e apoiado pelo tio, opta então pelo estudo da Medicina, o que redundaria em mais um fracasso.

Sem saber por que carreira enveredar, embora já nesta altura tivesse despertado em si o interesse pela literatura e a história, abandona de vez a Universidade no Verão de 1794, passando a residir ora em Bath, com a tia, ora em Bristol, primeiro com a mãe (o pai morrera dois anos antes) e depois com Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), que conhecera em Oxford e de quem se tornara admirador e amigo. Com este célebre poeta viria Southey em breve a delinear o plano da «Pantisocracy», isto é, a intenção de emigrar para a América do Norte, com um pequeno grupo de pessoas, entre as quais a própria mãe de Southey e a sua noiva, Edith Fricker, e aí fundar uma colónia comunitária.

Mas também não foi neste projecto utópico que Southey encontrou um rumo a dar à sua vida, bem pelo contrário: não só a ideia de viajar para o continente americano se tornou inviável por falta de dinheiro, como desagradou profundamente a Miss Tyler, que, por essa razão, e pelo desejo manifestado pelo sobrinho de casar com uma

²⁴ "I left Westminster in a perilous state, — a heart full of feeling and poetry, a head full of Rousseau and Werter, and my religious principles shaken by Gibbon: many circumstances tended to give me a wrong bias, none to lead me right, except adversity, the wholesomest of all discipline. An instinctive modesty, rather than any purer cause, preserved me for a time from all vice. A severe system of stoical morality then came to its aid. I made Epictetus, for many months, literally my manual. The French revolution was then in its full career. I went to Oxford in January, 1793, a Stoic and a Republican.": in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. IV, p. 186.

rapariga de condição humilde, o expulsou de sua casa e nunca mais o quis voltar a ver.

O ano de 1795 foi, para Southey, um tempo de viragem do ponto de vista das suas relações com Portugal, pois foi nessa altura que o tio Hill, chegado de Lisboa para uma curta estada em Inglaterra e posto ao corrente do difícil momento que o sobrinho atravessava, lhe propôs que o acompanhasse no seu regresso a Portugal, passando na ida por terras de Espanha. A ideia tinha intenções bem claras: afastar Southey de Bristol, esperando assim que arrefecessem nele os ardores revolucionários, bem como a vontade de levar por diante uma relação amorosa considerada inconveniente pela família.

Embora Southey nunca tivesse acalentado o sonho de visitar a Península Ibérica, e não acolhesse, portanto, com entusiasmo o convite do tio, acabou por aceitá-lo para agradar à mãe, que muito preocupada andava com a conduta e o futuro do filho. A forma como se refere, em carta enviada ao amigo Grosvenor Charles Bedford, à viagem que está prestes a encetar, não deixa, porém, de ser elucidativa do estado de espírito que então o dominava:

“And where, Grosvenor, do you suppose the fates have condemned me for the next six months? — to Spain and Portugal! Indeed, my heart is very heavy.”²⁵

Em 8 de Dezembro de 1795, Robert Southey embarcou num paquete em Falmouth, rumo a Espanha, sentindo-se bastante deprimido. Para trás deixava Edith, com quem se casara em segredo no mês anterior, para protegê-la de possíveis calúnias na sua ausência e assegurar-lhe o apoio da sua família caso morresse durante a viagem; o amigo Grosvenor Charles Bedford, a quem fizera testamento dos seus bens literários; e o cunhado Samuel Taylor Coleridge, que acabara de contrair matrimónio com outra das irmãs Fricker, Sara²⁶. Apenas uma vantagem pessoal via Southey nesta deslocação: a de poder fortalecer-se na amenidade do clima peninsular, visto que emagrecia de dia para dia, embora não sofresse de qualquer doença específica.

Como durante toda a vida sentiu a necessidade de trabalhar regularmente para um fim bem determinado, Southey começou, antes mesmo de deixar a Inglaterra, a pensar em diferentes maneiras de ocupar proveitosamente o tempo enquanto estivesse no estrangeiro:

²⁵ Carta de 23 de Outubro de 1795: In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 251.

²⁶ A terceira das irmãs Fricker, Mary, casou também com um outro amigo de Southey, um poeta menor chamado Robert Lovell (1770?-1796), falecido pouco tempo antes de Southey regressar da sua primeira estada em Portugal.

Southey e Lovell deram à estampa, juntos, o volume de poesia intitulado *Poems containing The Retrospect, Odes, Elegies, and Sonnets, etc. by Robert Lovell, and Robert Southey, of Balliol College, Oxford* (1794).

"I hope to become master of the two languages, and to procure some of the choicest authors; from their miscellanies and collections that I cannot purchase, I shall transcribe the best or favourite pieces and translate, for we have little literature of those parts, and these I shall request some person fond of poetry to point out, if I am fortunate enough to find one."²⁷

A estes planos veio juntar-se a encomenda de um livro de viagens, feita pelo livreiro Joseph Cottle (1770-1853)²⁸, de Bristol, seu grande amigo e editor. Tal proposta decerto agradou imenso a Southey, e foi munido de um caderno de apontamentos que desembarcou na Corunha, no dia 13 de Dezembro de 1795, pronto a registar as suas impressões sobre os países ibéricos. Dessas notas, e das cartas enviadas aos familiares e amigos enquanto esteve fora, cartas que entretanto pôde reaver, nasceu *Letters*, a primeira obra em que fala de Portugal, publicada em 1797, como já dissemos.

A disposição com que Southey chegou à Península não era, como se viu, das melhores, e isso reflectiu-se no modo de observar e apreciar as coisas: revoltado e contrariado como vinha, em quase tudo encontrou defeitos e, fazendo um balanço, pode dizer-se que, de um modo geral, nem Espanha nem Portugal lhe ofereceram muitos motivos de prazer.

O estudo da história e da literatura ibéricas começou nesta altura e, com o tempo, veio a transformar-se numa das suas principais paixões. Anos mais tarde, Charles Cuthbert, filho de Southey, reconheceria os determinantes resultados que teve para o seu pai esta primeira vinda a Lisboa:

²⁷ Carta a Grosvenor Charles Bedford, de 23 de Outubro de 1795: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 251.

²⁸ Joseph Cottle conta como conheceu Southey e que impressão este lhe causou logo no primeiro encontro: "One morning shortly after, Robert Lovell called on me, and introduced Robert Southey. Never will the impression be effaced, produced on me by this young man. Tall, dignified, possessing great suavity of manners; an eye piercing, with a countenance full of genius, kindness, and intelligence.": in JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 5.

Também Lord Byron, o maior e mais famoso detractor de Southey, nos deixou afirmações elogiosas à aparência física de Southey, de mistura com alusões irónicas ao seu valor como escritor: "Yesterday, at Holland House, I was introduced to Southey — the best-looking bard I have seen for some time. To have that poet's head and shoulders, I would almost have written his Sapphics." e "[...] at Holland House I met Southey; he is a person of very *epic* appearance, and has a fine head — as far as the outside goes, and wants nothing but taste to make the inside equally attractive." (Respectivamente, carta a Thomas Moore, de 27 de Setembro de 1813, e carta a James Wedderburn Webster, de 30 de Setembro de 1813, in *Letters and Journals*. Edited by R. E. Prothero (1898-1901), vol. II, p. 266 e vol. II, pp. 269-70, citadas por LIONEL MADDEN (ed.), *Robert Southey—The Critical Heritage*. London and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1972, p. 157.

“My father's visit to Lisbon seems chiefly to have been useful to him by giving him an acquaintance with the Spanish and Portuguese languages, and by laying the foundation of that love for the literature of those countries, which continued through life, and which he afterwards turned to good account.”²⁹

Apesar de preencher o tempo lendo, escrevendo e passeando pelos lugares mais turísticos da capital portuguesa, o facto é que Southey desejava ardentemente voltar a Inglaterra:

“Gladly would I exchange the golden Tagus with the olive and orange groves of Portugal, for the mud-encumbered tide of Avon and a glimpse of Bristol smoke.”³⁰

O regresso deu-se em Maio de 1796, e o jovem Southey que se reuniu então à família e aos amigos era já menos inconformista e rebelde, tendo aprendido a valorizar o seu país, muito mais rico e civilizado do que o Portugal em que residira nos últimos meses.

Casado, com novas responsabilidades, sem um domicílio certo nem uma profissão definida, Southey, de volta a Inglaterra, viu-se de novo em dificuldades. Dedicou-se então arduamente à escrita, iniciou a colaboração em jornais e revistas e, a partir de 1797, começou a receber uma pensão anual de cento e sessenta libras, dada pelo amigo Charles Watkin Williams Wynn, com a condição de ir estudar Direito.

Foi com esse fim, efectivamente, que Southey ingressou no Gray's Inn, nesse mesmo ano, para aí se manter até 1800, altura em que, já convencido de que não possuía qualquer vocação para a carreira forense e sentindo-se bastante doente³¹, rumou novamente a Portugal, a conselho do seu médico assistente, Thomas Beddoes.

Se, em 1796, fora com alívio que Southey deixara Lisboa jurando não mais cá voltar — “I leave this country in April; and, when once I reach England, shall cross the seas no more.”³² —, agora, quatro anos volvidos, animava-se com a possibilidade de rever a capital portuguesa que, entretanto, começara a ser lembrada como uma boa recordação.

Enquanto esperava com ansiedade pela resposta à carta que enviara a Herbert Hill, dando-lhe a saber das suas intenções de passar

²⁹ CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 273.

³⁰ Carta de Robert Southey a Charles Watkin Williams Wynn, de 26 de Janeiro de 1796: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —, 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 20.

³¹ Chegou a pensar que sofria de tuberculose ou deficiência cardíaca, mas parece ter-se tratado de uma perturbação de origem nervosa, que se traduzia num mal-estar geral.

³² Carta a Robert Lovell, de 19 de Fevereiro de 1796: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 266.

uma temporada em Portugal, na companhia da sua mulher, e pedindo-lhe mais uma vez apoio, Southey confessou ao seu amigo John May:

"I look with anxiety for my uncle's letter; and think so much of Lisbon, that to abandon the thought would be a considerable disappointment."³³

Obtida a anuência do tio, Robert e Edith Southey largaram de Falmouth em 24 de Abril de 1800 e ancoraram no Tejo no dia 30 do mesmo mês, precisamente a data com que tem início o diário em que o escritor anotou as impressões da sua segunda estada em Portugal, só dado à estampa no nosso século.

Antes de partir, Southey, sempre previdente, tomara algumas precauções relativas à preservação da sua obra: instituiu Coleridge seu procurador e herdeiro dos seus bens literários, e encarregara o irmão predilecto, Thomas Southey (1777-1838), então primeiro-tenente da armada britânica, de guardar zelosamente as cartas que lhe haveria de enviar de Portugal, para que mais tarde as pudesse vir a usar em caso de extravio do diário que iria manter em terras lusitanas. Além disso, fizera igualmente planos quanto à forma de ocupar proveitosamente o ano que contava aqui permanecer: procuraria ampliar o seu saber sobre as literaturas portuguesa e espanhola e iria efectuar a investigação necessária para a realização de um projecto que entretanto concebera, o de escrever a História de Portugal. Sobre este último, esclareceu o irmão Thomas em carta de 23 de Março de 1800:

"My intention is, when at Lisbon, to undertake the History of Portugal, a long, and arduous and interesting, and important undertaking, which I think I can do as it ought to be done. The little connection which Portugal has had with general politics gives a wholeness and unity to the story; and no country in her rise ever displayed more splendid actions, or exhibited a more important lesson in her fall. It will be necessary to know well the country of which I write, and to be familiar with the situation of every town famous for a siege, and every field famous for a battle."³⁴

É, aliás, curioso e sintomático do seu entusiasmo por esta ideia, que antes mesmo de ter a certeza de voltar a Portugal Southey tenha logo começado a trabalhar para a sua concretização:

³³ Carta a John May, de 18 de Fevereiro de 1800: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend ——. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 50.

³⁴ Carta de 23 de Março de 1800: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law ——. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 99.

"I have busied myself in idleness already in the History of Portugal, and the interest which I take in this employment will make me visit the field of Ourique and the banks of Mondego and the grave of Inez. The Indian transactions are too much for an episode, and must be separately related. The manners and literature of the country should accompany the chronological order of events. I should disturb the spiders of Necessidades, and leave no convent library unransacked."³⁵

Um outro modo de rentabilizar a sua estada em Portugal seria ainda publicar um segundo livro de viagens, o que, como sabemos, não veio a acontecer: a prova de que essa era a sua intenção reside não só no pedido feito ao irmão para que guardasse as suas cartas, já acima mencionado, como nas próprias palavras que escreveu em 1807 a um outro dos seus correspondentes, o estatista John Rickman (1771-1840):

"During my last residence in Portugal I noted down whatever came either to eye or ear, both senses being habitually upon the alert. I have materials enough for a saleable volume."³⁶

Fazendo o balanço dos resultados desta nova estada em Portugal, pode dizer-se sucintamente que ela contribuiu para o aprofundamento dos conhecimentos de Southey sobre a língua, a literatura, a história e a geografia portuguesas, bem assim como sobre o carácter e os costumes do povo luso. Pôde ainda adquirir um sem número de livros, muitos deles portugueses. De suma importância foi, finalmente, o facto de a partir de então Southey ter decidido definitivamente consagrar uma grande parte do seu labor literário aos estudos ibéricos, tendo-se tornado nesse campo um perito de reconhecido mérito.

As ameaças de guerra e de peste obrigaram Southey a deixar Portugal, não por vontade própria, mas sobretudo devido à insistência de Edith, que receava pela segurança do casal. Por ele teria aqui permanecido, apesar dos perigos que se aproximavam, como disse a Coleridge em carta escrita em Março de 1801:

"We are threatened with speedy invasion, and the critical hour of Portugal is probably arrived. [...] Were it not for

³⁵ Carta a John May, de 18 de Fevereiro de 1800: *in* CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 49.

³⁶ Carta a John Rickman, de 24 de Novembro de 1807: *in* KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*, Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 461.

Também numa outra carta, de 4 de Janeiro de 1809, enviada ao amigo de infância Charles Danvers (falecido em 1814), Southey se refere a este segundo relato, dizendo concretamente que já está a trabalhar na obra: "I am getting on at intervals with my Letters from Portugal." (*ibidem*, vol. I, p. 497).

Edith, I would fairly see it out, and witness the whole boderation."³⁷

Em fins de Junho de 1801 inicia-se a viagem de regresso, sentindo-se Southey satisfeito por ter visto realizados os dois desejos que aqui o tinham trazido: recuperara a saúde e voltava carregado de documentos que iriam servir de base a futuras publicações. Mas partia com o coração pesado, pois o clima português deliciava-o — "I feel positive pleasure in breathing the fine air in Portugal"³⁸ — e afeiçoara-se aos lugares por onde deambulara por mais de doze meses.

As saudades não se fizeram esperar. Ainda no barco que o levaria à pátria, já Southey exclamava em carta dirigida a Grosvenor Charles Bedford:

"Now would I lose a few fingers and toes for four-and-twenty, aye, for half-a-dozen hours of Lisbon weather!"³⁹

De volta ao seu país e resolvido finalmente a viver da escrita, Southey deparou-se novamente com o habitual problema da falta de um domicílio certo. A convite de Coleridge, visita, em Agosto, a casa deste — Greta Hall —, situada em Keswick, no Lake District. Apesar da beleza da paisagem, Southey estava demasiado apaixonado por Portugal para se deixar prender àquela região:

"The lakes at first disappointed me. They were diminutive to what I had expected, the mountains little compared to Monchique — and for beauty — all English — perhaps all existing scenery must yield to Cintra, my last summers residence."⁴⁰

No entanto, em 1803, Southey regressou a Greta Hall, onde acabou por se fixar para o resto dos seus dias. Na base de tal resolução esteve uma série de tristes acontecimentos: o desapontamento em relação a um emprego aparentemente prometedor como secretário de Isaac Corry, Chancellor of the Exchequer na Irlanda; a morte da mãe,

³⁷ Carta a Samuel Taylor Coleridge, de 28 de Março de 1801: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 136.

³⁸ Carta ao poeta amigo Walter Savage Landor (1775-1864), de 10 de Outubro de 1811: citada por ADOLFO DE OLIVEIRA CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, P. Fernandes, 1959, p. 369.

³⁹ Carta a Grosvenor Charles Bedford, de Junho de 1801, incluída em "Robert Southey's hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence": in ADOLFO CABRAL (ed.), *Robert Southey's Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*. Oxford, At the Clarendon Press, 1960, p. 176.

⁴⁰ Carta a Henry Herbert Southey, de Setembro de 1801: in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 248.

Henry Herbert Southey (1783-1865), o irmão mais novo de Robert Southey, foi um médico famoso de Londres e casou por duas vezes com filhas de comerciantes de Lisboa.

Margaret Hill (1802); e o nascimento e morte da sua primeira filha, Margaret (1803).

Já estabelecido em Keswick, Southey entregou-se com afã ao estudo e à produção literária, de modo a poder manter uma família que, com o correr do tempo, veio a incluir sete filhos (Edith, Herbert, Emma, Bertha, Katharine, Isabel e Charles Cuthbert), para além dos filhos e da mulher de Coleridge, a partir do momento em que este abandonou Greta Hall, e ainda da viúva de Robert Lovell, sua cunhada.

O convívio com velhos amigos e com o vizinho William Wordsworth (1770-1850)⁴¹ proporcionou-lhe, entretanto, momentos de grande prazer. Igual conforto encontrou nos passeios e excursões que, sempre que pôde, realizou. Um ano antes de se fixar no Lake District visitara o País de Gales e, em 1805, durante uma viagem à Escócia, travou conhecimento com *Sir Walter Scott* (1771-1832). Seria, aliás, este romancista a sugerir a nomeação de Robert Southey para «Poet Laureate» aquando da sua própria recusa em aceitar tal honra (1815), pois, como escreveu a *Lord Byron*, considerava-o “a real poet such as we read of in former times, with every atom of his soul and every moment of his time dedicated to literary pursuits.”⁴²

O facto de, a partir de 1809, ter passado a ser um dos colaboradores do periódico *The Quarterly Review*, de tendência conservadora, é outra prova do prestígio, bem assim como da erudição que, com os anos, Southey foi adquirindo. Curiosamente, ambas as distinções desencadearam ferozes ataques por parte da oposição *whig*, o que se traduziu num decréscimo de vendas dos seus livros e, conseqüentemente, lhe criou problemas económicos. No entanto, os editores continuaram a apostar em Southey, cuja reputação estava firmemente estabelecida.

Antes que as décadas de 20 e 30 lhe trouxessem novas provas de reconhecimento público — em 1820 a Universidade de Oxford, que ele abandonara sem concluir qualquer curso, atribuiu-lhe o título de doutor *honoris causa*, em 1826, após uma viagem aos Países Baixos, foi eleito Membro do Parlamento pela circunscrição de Downton e, nove anos mais tarde, o primeiro-ministro *Sir Robert Peel* (1788-1850) ofereceu-lhe o título de baronete⁴³ —, Southey sofreu um rude golpe,

⁴¹ O célebre poeta romântico William Wordsworth estabeleceu-se em Grasmere, perto de Keswick, no ano de 1799. Do convívio com Southey ficou-lhe uma grata recordação, que exprimiu nos seguintes termos: “His [Southey’s] genius and abilities are well known to the world, and he was greatly valued for his generous disposition and moral excellence.” (Carta de Wordsworth a *Sir William M. Gomm*, datada de 24 de Março de 1843, in WILLIAM KNIGHT (ed.), *Letters of the Wordsworth family from 1787 to 1855*. In three volumes. Boston and London, Ginn and Company, Publishers, 1907, vol. III, p. 261).

⁴² *The Letters of Sir Walter Scott*. Edited by H. J. C. Grierson, 1932-37, vol. 4, p. 444, citado por: KENNETH CURRY, *Southey*. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, p. 65.

⁴³ Southey recusou as duas últimas destas distinções, a primeira porque não desejava ingressar na vida política, e a segunda por não possuir meios materiais que lhe permitissem fazer jus a tal posição.

do qual nunca chegou a recompor-se totalmente, que lhe abalou bastante a sua auto-confiança e capacidade de enfrentar positivamente os obstáculos: a morte, em 1816, do seu filho Herbert, então com dez anos de idade, no qual o escritor depositava a esperança de ver continuada a sua carreira literária.

Os últimos anos da vida de Southey trouxeram-lhe ainda mais motivos de infelicidade: o falecimento de uma outra filha, o que levou a sua mulher Edith à loucura e, finalmente, à morte, em 1837, e o desaparecimento de alguns dos seus melhores amigos. No entanto, encontrou ainda algum conforto no casamento que contraíu em 1838 com a escritora Caroline Bowles, sua correspondente e amiga de longa data.

O gosto pelas viagens, que Southey demonstrou durante toda a vida, foi satisfeito pela derradeira vez precisamente nesse ano do seu segundo matrimónio com uma visita a França, na companhia do filho, Charles Cuthbert.

Por esta altura, Southey começou a evidenciar indícios de que estava a perder as faculdades mentais. O rápido agravamento do seu estado levou-o a deixar de reconhecer as pessoas e a perder de todo a noção do que se passava à sua volta. Aquele que sempre vivera para as letras, finalizava os seus dias, em 21 de Março de 1843, sem poder ler nem escrever. Ao funeral, realizado no cemitério de Crosthwaite, em Keswick, assistiram William Wordsworth e o genro, Edward Quillinan (1791-1851), igualmente um conhecedor de Portugal⁴⁴, tendo cada um deles composto um poema evocativo do acontecimento.⁴⁵

Robert Southey morreu sem ter realizado uma das suas maiores ambições: voltar a pisar solo português. Quando abandonou Lisboa pela segunda vez, em 1801, fê-lo com a intenção de regressar e, durante o resto da vida, tentou concretizar esse desejo, nomeadamente planeando juntar-se às tropas que, na Península, combatiam o jugo napoleónico, ou procurando obter uma nomeação para desempenhar qualquer cargo na capital portuguesa, o que nunca viria a conseguir.

Por vezes chegou a pensar que a terceira viagem a Portugal estava próxima, como mostram os versinhos que escreveu para a filha Edith:

“Over the water, and over the water,
Together we go, Papa and his daughter.
Where do we go-a? where do we go-a?”

⁴⁴ Sobre as ligações de Edward Quillinan com Portugal, veja-se: MIGUEL ALARCÃO E SILVA, “Home is where the heart is: a obra lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)”, *In Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, N.º 4, 1995, pp. 87-132.

⁴⁵ Os poemas intitulam-se, respectivamente: “Inscription for a Monument in Crosthwaite Church, in the Vale of Keswick” (*In The Poetical Works of Wordsworth*. With Introductions and Notes. Edited by Thomas Hutchinson. A New Edition, revised by Ernest De Selincourt. London, New York, Toronto, Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1950, p. 459) e “Funeral of Robert Southey” (*In Poems by Edward Quillinan*. With a Memoir by William Johnston. London, Edward Moxon, 1853, pp. 217-220).

Over the water, to pretty Lisboa.
Over the water together we go,
To the land where the grapes and oranges grow."⁴⁶

Portugal aparecia-lhe até nos sonhos:

"Of Oxford I never remember to have dreamt, so little has a college life entered into my being. Of Portugal very often. The language of my dreams is almost as often Portuguese as English."⁴⁷

Mesmo quando já instalado em Greta Hall, numa região de grande beleza natural, não deixou de fazer uma comparação com a terra lusitana:

"Nothing in England can be more beautiful than the site of this house. Had this country but the sky of Portugal, it would leave me nothing to wish for."⁴⁸

Mas os obstáculos que o impediram de fixar residência para sempre em Portugal não pararam de surgir e Southey nunca mais voltaria a ver o amado Tejo:

"I would give one eye to blind Fortune if she would let me look on the Tagus with the other."⁴⁹

PORTUGAL, 1796: *THE ONLY PLEASURE I FIND [HERE], IS IN LOOKING ON TO MY DEPARTURE* ⁵⁰

Em 1797 saía a público *Letters Written During a Short Residence on Spain and Portugal. With Some Account of Spanish and Portuguese Poetry*. Obra resultante da primeira vinda de Southey à Península Ibérica, foi composta quando o autor se encontrava já de novo em Inglaterra, valendo-se para isso não só dos apontamentos tirados durante a viagem, mas também das cartas que enviara aos amigos enquanto esteve no estrangeiro. As reflexões de índole variada, as traduções e o estudo das literaturas portuguesa e espanhola por certo

⁴⁶ Carta a Miss Barker (que conhecera em Portugal), de 27 de Novembro de 1805: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 350.

⁴⁷ Carta a Caroline Bowles, datada de 7 de Janeiro de 1805: in EDWARD DOWDEN (ed. lit.), *The Correspondence of Robert Southey with Caroline Bowles. To which are added: Correspondence with Shelley, and Southey's dreams*. Dublin, Hodges, Figgis & Co.; London, Longmans, Green and Co., 1881, p. 368.

⁴⁸ Carta a John May, de Keswick, 22 de Setembro de 1803: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 232.

⁴⁹ Carta a Miss Barker, de 8 de Setembro de 1803: in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 231.

que foram redigidos na tranquilidade do lar, e não à medida que deambulava por terras ibéricas.

Apesar deste distanciamento, é lícito considerar, especialmente depois de verificada a extensão das alterações introduzidas pelo autor nas duas edições posteriores e os diferentes pontos de vista que então manifesta, que a edição de 1797 contém as impressões directas que recolheu num primeiro contacto, isentas ainda do trabalho de revisão que vieram mais tarde a sofrer, fruto dos conhecimentos entretanto adquiridos por Southey. Por esta razão, afigura-se inevitável tomar a edição de 1797 como base para a reconstituição da imagem inicial do escritor sobre o nosso país. É o que se fará numa primeira etapa, passando-se depois à comparação com as versões de 1799 e 1808, cotejo que permitirá tirar conclusões quanto à evolução da visão de Portugal tal como Southey a formou e transmitiu.

Antes de mais, importa chamar a atenção para o facto de o *olhar* do autor ter sido bastante influenciado pelos sentimentos de revolta e impaciência de que então se achava imbuído. Se é notória já nele uma poderosa capacidade de observação do modo de ser e de viver dos povos espanhol e português, não é menos verdade que em *Letters* Southey faz apreciações apressadas da realidade peninsular, revelando uma atitude hipercrítica que viria mais tarde a reconhecer como precipitada.

Letters é uma obra escrita na forma epistolar, género por definição aberto a acolher uma grande variedade de temas e questões e, por isso mesmo, frequentemente adoptado por aqueles que quiseram publicar os seus relatos de viagem e dar assim a conhecer aos seus compatriotas sociedades diferentes. Acresce que à carta estava naturalmente associada uma ideia de confessionalismo e veracidade, o que muito interessava aos viajantes, desejosos de que a sua palavra merecesse a confiança dos leitores e não fosse tomada como uma impostura.

É precisamente esta preocupação de conquistar a credulidade do público que leva Southey, logo no prefácio, a declarar peremptoriamente que a sua obra é fidedigna e corresponde àquilo que lhe foi dado observar — “In the following letters I have related what I have seen”⁵¹ —, guiando-se o autor por uma busca escrupulosa da objectividade⁵² que, imediatamente a seguir, e como seria inevitável, reconhece ser conseguível apenas parcialmente: “I have represented things as they appeared to me.”⁵³

Nas treze primeiras cartas de *Letters*, datadas de 13 de Dezembro de 1795 a 20 de Janeiro de 1796, Southey dá-nos a sua visão de Espanha através de notas registadas quase diariamente. Embora não digam respeito ao nosso país, elas reflectem o contacto inicial com

⁵⁰ Carta a Joseph Cottle, de 1 de Fevereiro de 1796: in JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 193.

⁵¹ *Letters*, p. V.

⁵² “I have given facts, and the Reader may comment for himself.”: *Letters*, p. V.

⁵³ *Letters*, p. VI. Sublinhado nosso.

uma realidade que durante séculos a Europa encarou globalmente, pelo que tem interesse sabermos o que pensou Southey da pátria de Lope de Vega, mais a mais que o viajante de visita aos dois países ibéricos dificilmente poderá fugir às comparações.

De um modo geral, Southey não gostou de Espanha e foi com uma certa mágoa que viu desfazer-se a imagem de grandeza e esplendor que trazia à chegada à Península Ibérica, criada pela leitura de obras literárias e históricas. Proveniente de uma nação mais civilizada e conhecedora, nos últimos anos, de um progresso científico e tecnológico sem precedentes nem igualado por qualquer outro país do mundo, Southey não poderia deixar de reconhecer a superioridade da Inglaterra face à pobreza e ignorância generalizadas que veio encontrar em Espanha, e, mais tarde, em Portugal.

Foi na gente humilde dos campos que Southey detectou as virtudes da simplicidade, honestidade e amor ao próximo, bem assim como um modo de ser sociável e simpático, que, admitiu, não fazia parte do carácter dos seus compatriotas. Mas estas pessoas ligadas à terra eram apenas uma honrosa excepção dentro de uma sociedade inculta, atrasada e presumida. Os fidalgos surgiram-lhe como exemplos de futilidade e arrogância, tristes descendentes dos seus gloriosos e empreendedores antepassados. Quanto ao clero, Southey viu-o não só como causador da estagnação intelectual do país, por ser ignorante e avesso à inovação, mas também como o principal responsável pela depravação moral e de costumes existente na sociedade espanhola. Não só registou a transgressão frequente da regra do celibato, como ficou com a impressão de que a vida dentro dos conventos de freiras decorria mais de acordo com princípios mundanos do que espirituais.

Talvez alertado por opiniões de outros viajantes, que eram particularmente sensíveis a este aspecto, não escapou a Southey o carácter profundamente crente e supersticioso dos povos ibéricos. Por todo o lado deparou com imagens de santos, gravuras e crucifixos, demonstrações de um fervor religioso que muitas vezes roçava o fanatismo. Apercebeu-se de que a Igreja exercia sobre a população um poder despótico, do seu ponto de vista, valendo-se da fé das pessoas para benefício da própria instituição. Por aquilo que viu e pelos contactos que estabeleceu, em poucos dias Southey havia já encontrado motivos suficientes para fundamentar e fortalecer os preconceitos desfavoráveis ao Catolicismo que trouxera consigo de Inglaterra.

Igualmente explorador do povo era o Estado. Mal governada e administrada, por toda a Espanha observou Southey sinais evidentes de pobreza e criminalidade, como o contrabando e a ladroagem, a que a justiça não punha cobro por ser totalmente inoperante.

À degradação das cidades e aldeias, à miséria das gentes, juntou o autor comentários à falta de beleza física dos espanhóis⁵⁴, à

⁵⁴ Sobre a fisionomia dos portugueses nada adiantou; nem mesmo os olhos negros das raparigas, elogiados por diversos viajantes, o atraíram. Ficou-se antes pelo anotar de casos vários de uma fealdade espantosa.

deselegância e exagero de ornamentos do seu vestuário e à falta de asseio das pessoas, das habitações e dos lugares. Desde a infância educado pela tia Miss Tyler no culto da higiene, Southey sentiu verdadeira repugnância pelas ruas repletas de lixo, que só o vento varria, e pelas inúmeras pousadas em que pernitoiu. A falta de qualquer tipo de conforto incomodou-o; mas foram sobretudo a densa população de pulgas por centímetro quadrado de colchão e as investidas dos mosquitos que mais o molestaram. A toada monocórdica dos guizos das mulas⁵⁵ nos estábulos, o miar dos gatos, o ruído dos ratos nos telhados e o barulho das rodas dos carros-de-bois completavam a música de fundo que impossibilitava um sono tranquilo e reparador.

Eram estas as “comodidades” dos albergues nocturnos espanhóis — e também portugueses⁵⁶ — que os viajantes estrangeiros não se cansaram de descrever. E um acompanhante de Southey neste trajecto fazia notar, com graça, que os crucifixos colocados por cima das cabeceiras das camas deveriam ser “to the memory of the last traveller devoured by the bugs.”⁵⁷

Também a comida espanhola foi, para Southey, uma descoberta desagradável: achou o azeite rançoso, o vinho geralmente de má qualidade, o cheiro a alho demasiado intenso, a carne esturricada e o costume de comer gatos verdadeiramente chocante para uma pessoa que, como ele, adorava estes felinos.⁵⁸

O amor que Southey nutria pelos animais levou-o igualmente a reprovar a festa-brava, a que teve oportunidade de assistir em Madrid. A tourada, a largada de novilhos e o combate entre um javali e cães, que compuseram o espectáculo, pareceram-lhe bárbaros e não pôde deixar de se interrogar sobre a viabilidade de um país que tinha tais divertimentos nacionais.

Outra forma de entretenimento que Southey manifestou vontade de conhecer foi o teatro, e, por duas vezes, enquanto esteve em Espanha, aventurou-se a ir ver comédias. A primeira das experiências teve lugar em Madrid — cidade que lhe desagradou completamente, quer pela falta de comodidades, quer ainda pelo elevado custo de vida — e não terá sido memorável, por quanto não nos dá sobre ela

⁵⁵ No estreito contacto dos espanhóis com as mulas encontrou Southey uma possível explicação para um defeito que, diz, todos eles tinham, independentemente da classe social: a telmostia. Certa vez, as mulas serviram-lhe até para uma comparação de mau gosto, nada lisonjeira para a sua mulher, Edith: “I thought Edith wrong in attempting it, but she chose to go — and having been in Portugal I knew it was difficult to make a Mule change her mind.” (in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 275).

⁵⁶ No trajecto entre a fronteira e Lisboa, Southey teve oportunidade de experimentar as estalagens portuguesas que, apesar de tudo, achou melhores do que as espanholas.

⁵⁷ *Letters*, p. 39.

⁵⁸ Também à alimentação em Portugal Southey não se refere em pormenor, tendo aludido apenas à falta de batatas que, segundo diz, não se davam bem no nosso país, e à má qualidade da carne de carneiro; mostra ainda surpresa perante o apetite devorador dos portugueses na véspera do Dia de Páscoa, após um penoso jejum (cf. *Letters*, p. 499).

quaisquer pormenores. Já na Corunha Southey encontrou motivos de sobra para se divertir. Uma vez que não dominava a língua, a sua atenção foi-se prendendo a curiosidades como o facto de o público se distribuir pela sala consoante a classe social, havendo uma total e rígida separação entre homens e mulheres; as vestes sujas dos actores e o seu aspecto duvidoso; o trabalho do ponto que, colocado a meio do palco na sua caixa, ia lendo, em voz tão alta quanto a dos actores, toda a peça, reagindo violentamente a qualquer tentativa de improvisar; ou a maneira engenhosa como um homem fazia subir o pano, atirando-se do tecto preso a uma corda.

Embora a pobreza cultural fosse notória, para o que muito contribuía a acção da censura, Southey deu-se conta de que um renascimento do gosto pela literatura estava em marcha, pois encontrou à venda traduções de autores ingleses e edições recentes das obras dos melhores poetas espanhóis, os quais, menos de um mês após a sua chegada, já se achava, não sem presunção, capaz de ler e entender.

Se optámos por salientar aqui os aspectos da vida espanhola que mais desagradaram a Southey e o deixaram mal impressionado, foi com a intenção de mostrar que a imagem negativa que ele viria em breve a formar sobre Portugal mais não é do que o prolongamento de uma visão que começou logo à chegada à Península Ibérica. Na verdade, em Espanha o viajante encontrou em quase tudo razões de queixa, excepção feita ao clima e à paisagem, ou seja, aquelas realidades em que o homem não pode intervir ou que ainda não alterou.

Para um inglês, habituado ao frio, à chuva e à neblina, a luz e amenidade do clima espanhol não podiam deixar de parecer bençãos maravilhosas. Também a variedade e novidade dos cenários naturais o fascinaram, o que, partindo de uma sensibilidade romântica, não nos surpreende. Serão igualmente o clima e a paisagem dois dos poucos aspectos portugueses que lhe merecerão palavras elogiosas, como adiante se verá. Por ora, retome-se o itinerário do autor, de modo a podermos constatar as diferenças que de imediato Southey detectou entre ambos os países e as suas gentes.

Depois de ter atravessado a zona “infernai” da fronteira, Southey viu-se finalmente em Portugal, feliz “to have escaped from Spain”⁵⁹. O emprego do verbo «to escape» dá-nos por si só uma ideia clara do que representou para o escritor a estada em Espanha. Ainda em Badajoz, Southey começou logo a aperceber-se da animosidade entre os dois povos e, após ter entrado no nosso país, em 21 de Janeiro, continuou a dar-se conta dessa rivalidade, traduzida por exemplo nos insultos dirigidos a Manuel Mambrino, o barbeiro de Oviedo que acompanhou Southey tanto nesta sua primeira visita, como mais tarde, em 1800-1801. Este e outros incidentes, bem como o provérbio espanhol “Strip a Spaniard of all his virtues and you make a Portuguese of him”⁶⁰, de

⁵⁹ *Letters*, p. 242.

⁶⁰ *Letters*, p. 288.

que o escritor teve conhecimento, foram suficientes para Southey divisar esta inimizade e levaram-no à formulação de um ditado de sua própria autoria: "add hypocrisy to a Spaniard's vices, and you have the Portuguese character."⁶¹

Já em Lisboa, Southey teve mais uma vez oportunidade de testemunhar o mau conceito que os portugueses faziam dos naturais do país vizinho, particularizando desta feita os provenientes da Galiza. Foram vários os viajantes estrangeiros que notaram a presença, na capital portuguesa, de um grande número de galegos, a quem cabia a execução de tarefas humildes. Também a Southey eles não passaram despercebidos, tecendo-lhes até o autor um rasgado elogio por serem bastante trabalhadores, precisamente a qualidade pela qual eram discriminados pelos portugueses, que lhes entregavam as ocupações mais pesadas e os tratavam com presunção.

A arrogância é, aliás, um traço distintivo do carácter dos lusitanos de que muitos visitantes do século XVIII se fizeram eco, ao qual se tornou costume juntar outros como a preguiça, o ciúme, a vaidade, a ignorância, a desonestidade, a hipocrisia, a supersticiosidade e a índole vingativa. De um modo geral, Southey veio a concordar com esta má imagem que livros de viagens anteriores ao seu tinham divulgado, como é o caso da obra *Sketches of Society and Manners in Portugal*, assinada por Arthur William Costigan (1787), pseudónimo do escocês James Ferrier⁶², que Southey leu e considerou "a book, so romantic, apparently — really so true!"⁶³, acrescentando-lhe ainda o temperamento brigão e traiçoeiro, a aversão a qualquer tipo de inovação, a moral dissoluta e a falta de hábitos higiénicos, que, como já vimos, eram defeitos partilhados pelos vizinhos espanhóis.

A uma última particularidade dos portugueses se refere Southey: a atitude de desconfiança em relação aos estrangeiros, que ele bem sentiu, por ser um forasteiro. A razão de tal aspereza de tratamento, no que dizia respeito aos britânicos, achou-a o autor no ressentimento causado pela influência que a Inglaterra tinha nos destinos de Portugal, bem nos termos do Tratado de Methuen (1703), extremamente desvantajoso para nós, como Southey ouviu argumentar.⁶⁴ Ao contrário, porém, do que faz a propósito de aspectos da sociedade portuguesa que não lhe agradam, Southey não tece sobre estes assuntos quaisquer comentários críticos.

É certo que deixara claro logo no prefácio que não era sua intenção fazer incursões nos domínios da política e do comércio de Portugal; mas uma leitura de *Letters* mostra que, ocasionalmente, o autor se viu obrigado a focar esses campos, ainda que com superficialidade. Na

⁶¹ *Letters*, p. 289.

⁶² Sobre este livro de viagens sobre Portugal, veja-se o nosso artigo: MARIA ZULMIRA BANDARRA DE SOUSA, "O relato de viagem de Costigan sobre Portugal", in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas. Número 2, 1992, pp. 79-104.

⁶³ *Letters*, p. 397.

⁶⁴ *Letters*, p. 546.

verdade, o leitor depara por vezes com apreciações ao mau funcionamento das instituições políticas, acusadas por Southey de ineficiência e lentidão. A Corte é especialmente apontada como a responsável pelo estado de decadência e ignorância em que se encontra o país, e várias são as alusões à loucura da Rainha D. Maria I.

Relativamente aos governantes, o autor apenas destaca o Marquês de Pombal, como era aliás comum nos livros de viagens de autoria inglesa da segunda metade de Setecentos. A vida de Sebastião José de Carvalho e Melo, bem assim como as medidas por ele tomadas, mereceram a Southey muitas reflexões, que culminaram num juízo simultaneamente reprovador e elogioso: "Pombal, though a great villain, was a great Minister."⁶⁵

Para um homem com forte inclinação para a investigação histórica, como Southey, seria difícil não incluir no seu livro uma panorâmica do estado político e económico de Portugal, e, efectivamente, foi isso que acabou por fazer em cerca de meia centena de páginas a que deu o título "On the State of Portugal".⁶⁶ Segundo palavras do próprio autor, trata-se do resumo de "a very curious paper, written about 1740, by a Portuguese Secretary of State, and containing his plans for the improvement of Portugal."⁶⁷ Ora, o manuscrito a que Southey se refere e que corresponde, de um modo perfeito, às opiniões que este inglês formara sobre o nosso país, tem por título *Instruções Inéditas de D. Luís da Cunha a Marco António de Azevedo Coutinho* e foi escrito precisamente por D. Luís da Cunha (1662-1749), diplomata de prestígio, autor que Southey só identifica na terceira edição de *Letters*.

Tendo contactado com outras nações mais avançadas e apostado em contribuir, de forma actuante, para o progresso económico e cultural do seu país, apontando os males e os atrasos e propondo soluções e reformas, D. Luís da Cunha redigira um texto que, pela sua lucidez e sentido crítico, muito interessou a Southey, por servir para mostrar como, em apenas algumas semanas, ele se apercebera dos mesmos problemas sociais que aquele português ilustre detectara ao longo dos anos.

O resumo que Southey apresenta revela a preocupação em seleccionar aqueles aspectos susceptíveis de captar a atenção do leitor estrangeiro: assim, são destacadas as passagens em que o diplomata se refere ao enorme poder da Igreja e ao grande número de ordens religiosas existentes em Portugal, segundo ele uma das causas do atraso nacional. As críticas que D. Luís da Cunha faz ao clero, acusando-o de parasita e explorador da credulidade do povo, bem como a opinião de que os poderes do Tribunal do Santo Ofício deveriam ser limitados, decerto agradaram a Southey, que sempre detestou a religião católica romana.

Os judeus, sobre os quais o político português tece longas considerações, interessaram-no igualmente, e, por isso, não só repro-

⁶⁵ *Letters*, p. 316.

⁶⁶ Vd. *Letters*, pp. 408-463.

⁶⁷ *Letters*, p. 407.

duziu os pontos de vista do embaixador, nomeadamente a sua defesa da liberdade de consciência para os que professassem o judaísmo, como ainda reservou toda a "Letter XIX" do seu relato para esse assunto.⁶⁸

Curioso é ainda que Southey não tenha omitido a posição de D. Luís da Cunha face à Inglaterra aliada, divulgando quer as suas expressões de admiração pela industriiosidade dos ingleses, quer a sua reprovação relativamente ao Tratado de Methuen, que o autor de *Letters*, mais uma vez, não comenta, o que não deixa de ser significativo, já que se tinha por um homem defensor da justiça.

Cabe aqui lembrar, porém, um facto importante, resultado da sua vinda à Península Ibérica, e que talvez explique a atitude menos crítica em relação à Inglaterra: o amor à pátria que em Southey estão despertou. Na realidade, se antes se tinha revelado simpatizante dos ideais da Revolução Francesa e o país natal lhe parecera opressor, agora, ao contacto com nações pouco desenvolvidas, dava graças a Deus por ser inglês. Isto não significa, no entanto, que não se mostre desagradado com o convívio com os seus compatriotas, a que se viu forçado em Lisboa, e que consitui uma outra das condicionantes da sua visão de Portugal nesse ano de 1796.

Com efeito, a relativa pobreza de dados que Southey transmite acerca do carácter, costumes e modo de vida do povo português, quando comparados com os que o autor registou sobre os espanhóis, decorre em grande medida do facto de, em Lisboa, quase só ter contactado com os membros da British Factory ali estabelecida. Enquanto que em Espanha Southey esteve de passagem, tendo por isso percorrido estradas, pernoitado em estalagens e entabulado conversa com os naturais das diferentes terras, em Portugal instalou-se em casa do tio, na capital, resumindo-se o seu convívio social quase só ao círculo de ingleses aqui residentes.

Consequentemente, não se encontram nas dezassete cartas que o autor dedica ao nosso país os episódios divertidos e os comentários irónicos de uma pessoa que, em viagem, a todo o momento depara com o curioso, o inesperado, o estranho ou o exótico. Falta ao seu relato sobre Portugal o tom ligeiro e a riqueza de pormenores do dia a dia, bem como os dados sobre a história, a geografia, o governo, as intuições, os monumentos, etc., que davam a muitos dos livros de viagens daquele tempo o carácter de guia turístico que o público tradicionalmente procurava. O que ficou foi, antes, uma visão personalizada e uma organização da obra feita sobretudo de acordo com os interesses do autor.

Ficou também uma imagem bastante completa da numerosa e fechada colónia britânica de Lisboa, da qual o Reverendo Herbert Hill foi capelão entre 1792 e 1807. Pela circunstância de estar a morar em casa do tio, Southey viu-se condenado a ter na capital portuguesa o mesmo tipo de vida social que já o entediava em Inglaterra e, por isso,

⁶⁸ Vd. *Letters*, pp. 311-325, onde Southey traça uma breve resenha da história dos judeus na Península Ibérica.

aborreceu-se profundamente, acabando por criticar os ingleses da mesma forma que apreciou negativamente os lusitanos.

A partir do momento em que chegou, viu-se obrigado a cumprir o cerimonial da sua apresentação à comunidade britânica, o que lhe pareceu um autêntico purgatório; e dali em diante, mais não sentiu do que aborrecimento com os serões em que se ouvia música, dançava, jogava às cartas, namoriscava, conversava sobre frivolidades ou se faziam intrigas, passatempos para os quais o jovem Southey não possuía qualquer inclinação. Por isso as palavras desagradáveis com que se refere à população da capital — e destacaríamos a célebre frase “Here I am among the Philistines”, incluída numa carta a Joseph Cottle, datada de 1 de Fevereiro de 1796⁶⁹, escolhida por Rose Macaulay para servir de título ao capítulo que dedicou a Southey na sua obra, bastante conhecida, *They Went to Portugal* (1946)⁷⁰ — parecem aplicar-se muito mais aos seus compatriotas, do que aos naturais de Lisboa, com os quais pouco contactou.

Tendo em vista estas considerações, poderia deprender-se que Southey viveu isolado do país que visitou, cercado como esteve de uma comunidade igual à que sempre conhecera. Mas, na realidade, esse facto não o impediu de analisar e comentar o mundo que o rodeava. Os aspectos em que mais se demora são geralmente aqueles que os forasteiros costumavam realçar, pelo seu carácter insólito ou chocante, como são os casos da justiça, geralmente inoperante ou precipitada, que deixava impunes os muitos assaltantes e assassinos, ou da medicina, exercida por médicos que nada sabiam do seu ofício e desacreditada pelos doentes, que preferiam considerar as melhoras que sentiam como obra de Deus e não como resultado da eficiência dos clínicos.

Mais gritante e merecedora de acesas críticas se lhe afigurou, porém, a situação religiosa portuguesa, razão pela qual o Catolicismo é um dos principais temas tratados em *Letters*.⁷¹ Para Southey, como para os outros ingleses que também nos visitaram, Catolicismo e superstição confundiam-se e eram responsáveis pelo estado de atraso e ignorância existente. Foram frequentes as oportunidades desfrutadas pelo autor para poder dar-se conta do fanatismo religioso dos portugueses, tendo chegado à conclusão de que a superstição grassava mais na província do que nas cidades.

Southey tinha esperança de que as diferentes formas de credence popular haveriam de desaparecer a curto prazo mas, enquanto as pessoas continuassem a acreditar na palavra do clero, este manteria

⁶⁹ In JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 193.

⁷⁰ “A Romantic Among the Philistines”, in ROSE MACAULAY, *They Went to Portugal*. Harmondsworth, Penguin Books, 1985, pp. 143-165.

⁷¹ Jack Simmons chamou a atenção para o papel determinante que a vinda à Península Ibérica desempenhou na formação de Robert Southey: “Above all, he learnt from what he saw in the Peninsula to despise and hate the Roman Catholic church: this was, indeed, one of the most important effects the journey had upon him.” (In JACK SIMMONS, *Southey*. London, Collins, 1945, p. 61).

o seu poder e influência ilimitados, o que se revelava extremamente nefasto, a seu ver, para a sociedade portuguesa.

Foi em particular contra o tipo de vida levado pelos frades nos mosteiros que Southey se insurgiu, resultando das suas apreciações um retrato bastante negro que inclui acusações de ignorância, vício, corrupção, roubo, exploração da fé cega dos crentes e até assassinato.⁷² Também as manifestações religiosas públicas não escaparam à observação severa do autor, havendo em *Letters* variadíssimas críticas a romarias, procissões, sermões e adoração de santos.

A superstição e o fanatismo que encontrou nos poucos portugueses com quem se deu fizeram Southey desinteressar-se pelas gentes da cidade de Lisboa. Contudo, esforçou-se por conhecer as ruas da capital, os seus monumentos e os lugares tradicionalmente visitados pelos estrangeiros, transmitindo-nos, de um modo geral, a mesma imagem pouco atraente que outros viajantes já tinham posto a circular, mas muito menos pormenorizada, pois Southey não está grandemente preocupado em satisfazer as exigências do público leitor pondo à sua disposição a maior quantidade possível de informações úteis. Foram as paisagens naturais de Almada, Arrábida e Sintra que o fascinaram, e não o meio lisboeta, por isso a capital poucas descrições lhe suscitou.

Logo na primeira noite em que dormiu na cidade, Southey foi acordado às cinco horas da madrugada por um tremor de terra, o que, como se compreende, não o predispôs para ficar com uma boa impressão de Lisboa. Curiosamente, porém, uma vez que estamos a par do gosto de Southey pela investigação histórica, tal experiência não o conduziu à abordagem de um assunto que habitualmente era tratado nos livros de viagens de autoria estrangeira sobre Portugal, o Terramoto de 1755, o que provavelmente decorre do pouco interesse que a nossa capital então lhe despertou. Ainda assim, explica a etimologia do topónimo Lisboa e fornece dados estatísticos sobre o decréscimo gradual da população portuguesa, o que evidencia um certo esforço de pesquisa.

Apreciador dos passeios a pé — “I walked — for you know, I am what our friend T. calls a great *pedestal*”⁷³ —, é fácil imaginar Southey a deambular por Lisboa, pronto a registar tudo aquilo que mais tarde lhe iria servir de base para a elaboração do seu relato de viagem. Duas características naturais lhe mereceram de imediato elogios: a situação geográfica privilegiada da cidade e o clima estupendo. Estas qualidades, porém, não conseguiram anular a má sensação causada pela falta de asseio e de conforto, bem como pelo grande número de mendigos com que se cruzou a cada passo, pedindo esmola e expondo aos olhos dos transeuntes as chagas e as deformidades dos seus corpos.

As ruas estreitas, mal conservadas, onde o lixo se acumulava por força do hábito do “água-vai”, exalando um cheiro pestilento, pareceram-lhe horrorosas:

⁷² Cf. *Letters*, pp. 403-405.

⁷³ *Letters*, p. 29.

“The filth of this city is indeed astonishing; every thing is thrown into the street; and all the refuse of the kitchen, and dead animals are exposed to these scorching suns.”⁷⁴

A inexistência de uma rede de esgotos; o não escoamento das águas, que tornava as ruas extremamente perigosas pelas torrentes que se formavam nos dias de muita chuva; a ausência de iluminação pública e de policiamento; as pragas de mosquitos e formigas; e as numerosas matilhas de cães vadios esfomeados que percorriam as vias públicas, acabando por funcionar como um sistema de limpeza, foram outros aspectos que concorreram para que Southey tivesse detestado Lisboa. No entanto, com o decorrer dos anos, viria a conhecer cidades ainda mais fétidas do que a nossa capital, como Genebra e Amsterdão.⁷⁵

Para além destas facetas do quotidiano da cidade, Southey atentou igualmente nos edifícios que nesta época de reconstrução evidenciavam a existência de dois tipos de arquitectura. Sobre a parte mais antiga da capital falou apenas das ruas estreitas e sujas, mas já no que diz respeito à Lisboa pombalina Southey dirige críticas às igrejas mandadas construir pelo Marquês de Pombal, todas elas parecidas com vulgares casas.

Menciona ainda a nobreza da estátua equestre de D. José, salientando o facto de lhe ter sido retirado o busto do ministro Sebastião José de Carvalho e Melo após a morte do Rei; e refere a Igreja da Memória, relatando os acontecimentos históricos que estiveram na origem da sua construção, bem como o Sítio do Chão Salgado.

Outros lugares turísticos que visitou em Lisboa foram o Aqueduto das Águas Livres, que o deixou agradavelmente surpreendido⁷⁶, Igreja de S. Roque, para cujos painéis de azulejos chamou particularmente a atenção, a Basílica da Estrela, a Igreja de Santo António da Sé, onde viu a capela erguida no lugar onde o santo nasceu, e as várias atracções da zona da Ajuda, como o Museu, onde ficou impressionado com a colecção de pássaros, e o Jardim Botânico, havendo ainda lugar para uma alusão ao Paço Velho da Ajuda, ou seja, o palácio provisório, feito de madeira, mandado contruir por D. José a seguir ao Terramoto de 1755 com o intuito de tornar a habitação real menos vulnerável a

⁷⁴ *Letters*, p. 263.

⁷⁵ Cf. Carta a Edith Southey, de 11 de Junho de 1817: “Wednesday we halted to see this famous, most ugly, most odd, and most striking city [Geneve], compared to which Lisbon is a city of sweet odours.” (in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. IV, p. 269); e carta a Walter Savage Landor, de 21 de Fevereiro de 1827: “Holland is to me a very interesting country. Except Amsterdam, which outstinks Lisbon, I like everything in it.” (*Ibidem*, vol. V, p. 288).

⁷⁶ Para além da imponência, esta construção interessou a Southey também por ser junto dela que a seita dos Sebastianistas se costumava reunir: vd. *Letters*, p. 520.

Uma outra vez veio Southey a referir-se aos Sebastianistas, desta feita com muito mais pormenor: vd. *History of the Peninsular War*. 3 vols. London, John Murray, 1823-1832, vol. I, pp. 134-135.

sismos, e que em Novembro de 1794 fora completamente destruído por um incêndio.

Estas visitas serviram-lhe, aliás, para se dar conta da falta de protecção do património cultural português: não só notou a má organização do Museu, como o estado de abandono a que estavam condenados os animais selvagens, muitos deles provenientes das colónias africanas, que se encontravam reunidos numa espécie de jardim zoológico situado na vasta cerca do Palácio Real de Belém.

Por forma a obter uma panorâmica diversificada da vida cultural portuguesa, Southey procurou também informar-se sobre a nossa música, teatro e literatura. Embora se considerasse "no lover of music"⁷⁷, não deixou de assistir a uma ópera italiana, embora detestasse tal divertimento por condenar veementemente o cunuquismo. Do teatro, diz-nos apenas que D. Maria I não permitia que as mulheres pisassem os palcos, em nome da moral e dos bons costumes, razão que o autor entendeu como uma desculpa para esconder o verdadeiro motivo: o ciúme da rainha. A literatura, pelo contrário, mereceu-lhe um grande número de referências, o que, vindo de um poeta, como Southey se definia na altura em que nos visitou, não é de estranhar.

Enquanto aqui permaneceu, no ano de 1796, não consta que tivesse contactado com qualquer escritor português. Segundo o autor, apenas travou conhecimento com o poeta de origem italiana Angelo Talassi⁷⁸, que nos finais do século viera para Portugal e passara a estar ao serviço de D. Maria I. Southey, que há muito acalentava o desejo de ouvir um improvisador, entusiasmou-se com este encontro, mas, ao ouvi-lo declamar, depressa se desiludiu ao perceber que o suposto dom de Talassi em nada mais consistia do que no truque de usar *clichés* previamente decorados e aos quais recorria de acordo com as ocasiões e o auditório.

Foi em casa do tio Hill que Southey viu pela primeira vez Angelo Talassi, e foi lá igualmente que se iniciou no estudo da literatura portuguesa, que nunca viria a abandonar. É certo que o nome de Camões lhe era já familiar, mas quanto a tudo o resto o autor inglês era então um perfeito ignorante, o que não admira, pois as nossas letras encontravam-se, à data, muito pouco divulgadas em Inglaterra.

Pode dizer-se que só a partir de 1655, quando da publicação de *The Lusiad, or Portugals Historicall Poem*⁷⁹, a primeira tradução de *Os Lusíadas*, feita por Sir Richard Fanshawe (1608-1666), a literatura portuguesa começou a ser conhecida naquele país, e mesmo assim por um grupo restrito de pessoas. Antes disso, haviam sido essencialmente vertidos para o inglês relatos dos navegadores e conquistadores lusos, bem como os romances de cavalaria *Amadis de Gaula*, *Palmeirim de Inglaterra* e *Los Siete Libros de Diana*, pensando-se no entanto que eram de autoria espanhola.

⁷⁷ *Letters*, p. 23.

⁷⁸ Pai de Catarina Talassi e avô de Carlota Talassi, ambas actrizes célebres.

⁷⁹ *The Lusiad, or Portugals Historicall Poem: written in the Portugall Language by Luis de Camoens; and now newly put into English by Richard Fanshawe*. London, Humphrey Moseley, 1655.

Já na segunda metade do século XVIII a divulgação da literatura portuguesa além-Mancha conheceu um novo impulso, para o que em muito contribuíram os viajantes que então visitaram o nosso país, alguns dos quais se referiram a outros nomes importantes das letras lusitanas, sem darem, porém, uma visão de conjunto.⁸⁰

Entretanto, em 1776, eis que sai a público nova versão inglesa de *Os Lusíadas*, desta feita da autoria do escocês William Julius Mickle (1734-1788): *The Lusiad; or, The Discovery of India*.⁸¹ Tendo alcançado um assinalável êxito, esta tradução estabeleceu definitivamente a reputação do grande épico português e deu início a debates sobre a sua obra. Foi através deste trabalho de Mickle, aliás, que Southey tomou pela primeira vez contacto com assuntos lusitanos.

Antes de o autor de *Letters* passar a interessar-se pela nossa literatura e pela maior das suas figuras, a projecção de Camões em Inglaterra teve ainda outros desenvolvimentos que importa sublinhar. Por um lado, à imagem do poeta épico juntou-se a do lírico de grande valor, graças à publicação da obra *An Essay on Epic Poetry; in five epistles to the Revd. Mr. Mason. With Notes* (1782), de William Hayley (1745-1820), onde este autor elogia a poesia lírica de Camões e traduz três dos seus sonetos; por outro, começa a notar-se uma grande curiosidade em relação à triste biografia do épico — aproximavam-se os ventos românticos, que iriam explorar a faceta de Camões como génio perseguido pelo infortúnio.

Robert Southey foi o primeiro inglês a desenvolver consistentemente um trabalho em prol de uma ampla divulgação da literatura portuguesa em Inglaterra, como Félix Walter já realçou em termos categóricos:

“Robert Southey est l'architecte principal de tout cet édifice anglo-portugais, dont ses ascendants littéraires avaient construit la charpente à loisir et un peu au hasard. Avant Southey elle ne consistait à vrai dire qu'en un seul étage, et dans cet étage il n'y avait qu'une pièce qui fût terminée; c'était la chapelle ardente dans laquelle se célébrait le culte de Camões. Il s'est mis à l'oeuvre et avec lui le bâtiment s'est peuplé d'ouvriers.”⁸²

Não foi, contudo, o relato da sua viagem a Portugal em 1796, mas publicações posteriores, que contribuíram decisivamente para essa difusão. Em *Letters*, de facto, deparamos com um Southey para quem nem mesmo *Os Lusíadas* constituem uma obra de elevada qualidade literária:

⁸⁰ É o que faz, por exemplo, James Cavanah Murphy em *Travels in Portugal* (1795), obra resultante da visita que efectuou ao nosso país entre 1789 e 1790.

⁸¹ *The Lusiad; or, The Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens*. Oxford, Jackson and Lister, 1776.

⁸² *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927, p. 56.

"I will venture to assert that there is more genius in one of our old metrical Romances than can be found in all the Epic Poems of Portugal, not excepting Camoens."⁸³

Assim, o que importa salientar, neste domínio, em relação às quinhentas e cinquenta e uma páginas que compõem este seu livro, é o facto de o autor ir referindo aqui e ali escritores espanhóis e portugueses, chegando mesmo a transcrever algumas das suas composições e a resumir outras mais longas. No que diz respeito à literatura portuguesa, Southey aproveitou, fazendo acompanhar de tradução de sua própria autoria, um excerto de *Diana* (1559 ?), de Jorge de Montemor⁸⁴, um madrigal de Fr. Jerónimo Baía⁸⁵ e um soneto de D. Francisco Manuel de Melo⁸⁶, e incluiu ainda extractos e um resumo de *Caramuru, poema epico do descobrimento do Brasil* (1781), de José de Santa Rita Durão, que contém passagens a merecer de Southey a classificação de "horribly sublime"⁸⁷, bem como trechos da obra de Pedro de Azevedo Tojal, *Carlos Reduzido, Inglaterra Illustrada. Poema heroico offerecido á soberana magestade delrey N. S. D. João V.* (1716), inspirada no casamento de Charles II de Inglaterra com Catarina de Bragança, filha de D. João IV, no qual, segundo Southey, o autor português "wasted powers of language and imagination that if properly directed would have ranked him among the first poets in Europe."⁸⁸ De crítica semelhante, curiosamente, viria a ser alvo, postumamente, Southey, quando, em 1856, alguém comentou em *The Quarterly Review* que o escritor inglês desperdiçara o seu talento a tratar de temas ibéricos quando, com muito maior proveito, se deveria ter dedicado a assuntos do seu próprio país:

"His attention became directed to those countries in an especial degree, and he was led to make them the subject of the voluminous works upon which he relied for the larger part of his reputation with posterity [...] The best-laid schemes sometimes turn out the worst; and the journey to Lisbon was — we believe, in its permanent consequences — the most unfortunate step in Southey's life."⁸⁹

Mereceram-lhe ainda um destaque particular dois escritores portugueses de renome, António José da Silva e Luís de Camões, cujos destinos infelizes reforçaram a má imagem que Southey formou do nosso povo:

"They suffered their best epic poet to perish for want; and they burned to death their best dramatic writer, because he was a Jew."⁹⁰

⁸³ *Letters*, p. 482.

⁸⁴ *Letters*, pp. 87-88.

⁸⁵ *Letters*, p. 328.

⁸⁶ *Letters*, pp. 468-469.

⁸⁷ *Letters*, p. 485.

⁸⁸ *Letters*, pp. 331-354.

⁸⁹ *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1856, vol. XCVIII (Mars), pp. 477-478.

⁹⁰ Carta a Joseph Cottle, de 1 de Fevereiro de 1796, in JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, p. 198.

Já atrás foi dito, de passagem, que Southey não apreciava *Os Lusíadas*, ao ponto de ter declarado em *Letters* preferir a tradução de Mickle ao original⁹¹. Posteriormente viria a manter esta mesma opinião, exclusivamente pessoal, em relação à grande epopeia portuguesa, sem se preocupar com o facto de o seu ponto de vista estar em desacordo com o ambiente de culto de Camões que se vivia em Inglaterra. Os seus compatriotas, no entanto, não o seguiram, como provam o trabalho realizado por John Adamson (1787-1855)⁹², por exemplo, e as traduções que de *Os Lusíadas* se fizeram no século XIX⁹³.

Bem diferente, porém, foi a posição de Southey face à lírica camonianiana, como testemunha a carta que enviou a Charles W. W. Wynn, de 23 de Abril de 1796:

"I should have thought Camoens deficient in feeling if I had only read his *Lusiad*; but the sonnets of Camoens are very beautiful: those given by Hayley in his notes to the *Essay on Epic Poetry*, though among the best, are but a wretched specimen to the English reader: the translations are detestable, and the originals so printed as to be unintelligible."⁹⁴

Trata-se do único elogio a uma obra literária portuguesa que se lhe conhece datando do ano em que pela primeira vez esteve entre nós. Nessa época, e apesar de ter procedido a muitas e variadas leituras na biblioteca do tio Hill, as nossas letras pareceram-lhe insignificantes, o que em grande medida resultou do preconceito de encarar como inferior tudo o que não era inglês. Fazendo, no ensaio que em *Letters* dedicou às literaturas espanhola e portuguesa ("Essay on the Poetry of Spain and Portugal"⁹⁵), uma apreciação geral, Southey chega à seguinte conclusão sobre as causas que impediam o florescimento da poesia na Península Ibérica:

"Such then are the causes that have combined to prevent the progress of Poetry in Spain, — the licentious negligence of their most favourite authors, the decline of the

⁹¹ Vd. *Letters*, p. 123.

⁹² John Adamson veio a realizar um trabalho importante no campo dos estudos camonianos, sendo de salientar *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* (1820), a primeira monografia europeia do grande épico português.

Sobre este lusófilo inglês, consultem-se: JOÃO PAULO ASCENSO PEREIRA DA SILVA, *Memórias de Portugal. A obra lusófila de John Adamson*. Ponta Delgada, Eurosigno Publicações, 1990; e *Idem*, "John Adamson e o mito romântico de Camões", in MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA (coord.), *Camões em Inglaterra*. Lisboa, ICALP, 1992, pp. 159-187.

⁹³ Vd. IOLANDA FREITAS RAMOS e ISABEL CRUZ LOUSADA, "Traduções de *Os Lusíadas* em Inglaterra", in MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA (coord.), *Camões em Inglaterra*. Lisboa, ICALP, 1992, pp. 13-67.

⁹⁴ JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law ——. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. 1, p. 26.

⁹⁵ *Letters*, pp. 121-130. Este "Essay" foi suprimido na 2.^a edição, de 1799.

state, the despotism of the government, and an absurd and abominable superstition".⁹⁶

Tendo em conta esta posição fortemente crítica, nada faria supor que no futuro Southey viesse a revelar uma atitude mais aberta e receptiva em relação à literatura portuguesa, mas afinal foi isso que sucedeu. Pouco tempo depois de ter regressado a Inglaterra fazia já planos literários baseados em motivos lusitanos, como confidenciou a Grosvenor Charles Bedford em carta de 31 de Julho de 1796:

"I want to write my tragedies of the Banditti —
Of Sebastian,
Of Íñez de Castro,
Of the Revenge of Pedro."⁹⁷

Southey não chegou a concretizar estes projectos, mas Portugal viria a sugerir-lhe outros que levou a bom termo após a publicação de *Letters*. Não é de estranhar que a edição deste livro de viagens tenha constituído um êxito. Enquanto o autor esteve na Península Ibérica, foi dado à estampa um poema seu, *Joan of Arc* (1796), que lhe granjeou uma certa reputação e mereceu um bom acolhimento por parte dos críticos. Percebe-se, pois, que os leitores tenham ficado motivados para ler futuras obras de Southey e que tenham evidenciado interesse por *Letters*, precisamente a estreia do escritor no domínio da prosa.

Desta convergência de factores resultou uma rápida venda do livro, a ponto de logo no início de 1798 se fazer sentir a necessidade de uma reedição. No ano seguinte surge, então, a segunda edição de *Letters*, a que sucedeu uma terceira, cerca de uma década mais tarde. Para ambas procedeu Southey a um cuidado trabalho de revisão, que acabou por conferir um carácter substancialmente diferente ao seu relato de 1797: retirou todas as passagens em que tecera considerações precipitadas ou mais severas, ou em que abordara assuntos para os quais não estava minimamente preparado, melhorou a sintaxe do seu discurso e corrigiu a ortografia dos termos portugueses que, na primeira edição, mostrara não dominar. O resultado destas modificações foi, em termos de imagem do estrangeiro, uma visão menos drástica de Portugal.

Para esta mudança de atitude concorreu, por certo, a leitura dos muitos livros sobre assuntos peninsulares que o acompanharam no seu regresso à pátria, bem como dos que o Reverendo Hill lhe continuou a enviar de Portugal⁹⁸. O estudo e a reflexão ter-lhe-ão

⁹⁶ *Letters*, pp. 129-130.

⁹⁷ In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 287.

⁹⁸ Mesmo depois de 1801, ano em que Southey abandonou Portugal pela segunda e última vez, continuou a receber em Inglaterra livros de autores portugueses: "I have just received a most valuable book from Lisbon, the unpublished Chronicle of Fernando, by Fernam Lopes, a Mss., by its appearance as old as the original work — from 250 to 300 years old." In JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 204.

mostrado que formulara juízos críticos exagerados ou levianos, faltas essas que procurou remediar através dos acrescentamentos e omissões patenteados por *Letters II* e *Letters III*. Como Southey veio a perceber, a sua primeira reacção a Portugal fora em quase tudo semelhante à de outros viajantes estrangeiros que aqui já tinham vindo, e foi só com uma segunda visita ao nosso país em 1800-1801, antes, portanto, da terceira edição de *Letters*, aliada a uma aturada investigação histórica e literária, que acabou por reconhecer e apreciar as boas qualidades dos portugueses:

“Travellers, forming their hasty estimate from the inhabitants of sea-ports and great cities, have too generally agreed in reviling the Portugueze and the Spaniards: but if they whose acquaintance with these nations was merely superficial have been disposed to depreciate and despise them, others who dwelt among them always became attached to the people, and bore willing and honourable testimony to the virtues of the national character.”⁹⁹

Tendo tido, pois, oportunidade de rever a sua posição face a Portugal, Southey veio, aliás, a lamentar ter publicado o seu relato de viagem com tanta prontidão, admitindo que a imagem que transmitira deste país ibérico fora pouco amadurecida:

“My own Letters I dislike, because they would have been so infinitely better had I kept them unpublished till this time.”¹⁰⁰

A primeira diferença que salta à vista quando se compara a edição de 1797 com as de 1799 e 1808 é, desde logo, o título. No que diz respeito à segunda, Southey chamou-lhe apenas *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, suprimindo “With some account of Spanish and Portugueze Poetry”. Consequentemente, não se encontram na segunda edição alguns dos poemas por ele traduzidos e incluídos na primeira, mas, em contrapartida, a edição de 1799 apresenta, em nota, cinco novas composições poéticas, sendo quatro delas traduções do espanhol e apenas a última um original do próprio Southey, inspirado na visita que fez ao Convento dos Capuchos, em Sintra: “Inscription for a Hermitage”¹⁰¹. Para além desta alteração, é de referir também a omissão, na edição de 1799, das páginas de *Letters* em que fizera distinções entre poetas espanhóis e portugueses e em que aqueles saíam, por comparação, sobrevalorizados¹⁰², pos-

⁹⁹ ROBERT SOUTHEY, *History of the Peninsular War*. 3 vols. London, John Murray, 1823-1832, vol. I, p. 11.

¹⁰⁰ Carta a Miss Barker, de 6 de Julho de 1805, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —, 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 331.

¹⁰¹ Vd. *Letters II*, p. 374.

¹⁰² Vd. *Letters*, pp. 373-377.

sivelmente porque entretanto tomara consciência de que depreciara demasiado a literatura portuguesa. Ainda assim, reitera, num acrescentamento à segunda edição, o seu desagrado em relação a *Os Lusíadas*:

“Sensuality is certainly the vice of the Portuguese. The debauched imagery of Camoens, his island of Love, and Venus the protector of Gama, prove that they pique themselves on their debaucheries of this kind.”¹⁰³

Na terceira edição foram mantidas as supressões efectuadas aquando da edição de 1799, tendo Southey ido ainda mais longe ao eliminar também a “Letter XXVI” da primeira edição¹⁰⁴, onde dava notícia das traduções de obras inglesas existentes em Portugal, para além de incluir dados sobre literatura e música portuguesas. Pode dizer-se que, com esta revisão final, Southey pretendeu evitar que o leitor ficasse com uma má ideia da nossa literatura, preocupação que evidenciara já em 1799.

Mas não foi apenas em relação à literatura que o autor modificou a sua reacção inicial. Também sobre os portugueses, o seu governo e a sua religião isso aconteceu, fruto, novamente, de uma maior ponderação e conhecimento, aumentado, claro está, pela segunda estada em Portugal: será esta, provavelmente, a razão porque o título da terceira edição de *Letters* sofreu uma mudança, bem significativa da mais profunda ligação de Southey ao nosso país — *Letters written during a Journey in Spain, and a Short Residence in Portugal*.

Assim, a comparação entre as três edições mostra claramente que o escritor pretendia apresentar uma visão mais moderada de Portugal também no que dizia respeito às suas gentes e instituições, o que procurou atingir não só através da supressão de passagens onde fizera comentários desagradáveis e às vezes até mesmo insultuosos, mas igualmente por meio de alterações de vocabulário, como, por exemplo, a mudança na qualificação de “depraved society”¹⁰⁵ para “mistaken system of society”¹⁰⁶.

Esta imagem menos sombria da sociedade portuguesa estende-se, como já se disse, ao domínio da religião. O termo *diabolical*, que Southey usara com liberalidade na edição de 1797 para caracterizar certos aspectos da vida religiosa do nosso país, foi, posteriormente, substituído por vocábulos menos fortes, e, por vezes, até desapareceu do relato de viagem; o mesmo sucedeu com a palavra *bigotry*, que surge trocada por *devotion*. Mais importantes do que estes exemplos de pormenor, porém, são as omissões, na edição de 1808, da “Letter XVI. Reflections on the Monastic Life. Story of an English captain. Institutions somewhat familiar to Nunneries wanted in England” e da passagem da “Letter XXIV” em que eram focados os assaltos feitos a

¹⁰³ *Letters II*, p. 431.

¹⁰⁴ *Letters*, pp. 480-497. Corresponde à “Letter XXVI” da segunda edição, pp. 335-350.

¹⁰⁵ *Letters*, p. 360.

¹⁰⁶ *Letters III*, p. 81.

conventos. Conclui-se que Southey não quis manter por mais tempo algumas partes da sua obra em que criticava severamente a religião em Portugal e dela dava uma imagem negra.

O exame a que Southey submeteu *Letters* não conduziu, contudo, apenas a cortes no texto original; como já foi dito, o autor fez-lhe acrescentamentos, especialmente aquando da preparação da terceira edição. Esta, com efeito, inclui muitas passagens e episódios inéditos, o que nos leva a pensar que Southey voltou a pegar nos diários e cartas relativos à viagem à Península Ibérica nos anos de 1795-1796 para dar um novo arranjo ao seu relato. Para além da adição de citações, geralmente em nota de rodapé, de autores que escreveram sobre os mesmos assuntos abordados em *Letters* — o que visa esclarecer ou ilustrar certos pontos —, são bastantes as histórias e os pormenores acrescentados. Com a introdução das primeiras, Southey conseguiu tornar mais ligeira uma obra que se caracterizava por um tom talvez demasiado sério para um livro de viagens, recriando simultaneamente um pouco da “cor local” que faltava ao seu relato, pleno de erudição. Quanto às novas pequenas informações inseridas na edição de 1808, correspondem a uma vontade de ser mais preciso ou esclarecedor em relação ao que afirma. Assim, por exemplo, enquanto que na edição de 1797 Southey não caracteriza de qualquer forma Elvas, a primeira terra portuguesa onde esteve, na versão de 1808 apresenta já uma descrição bastante completa daquela localidade.¹⁰⁷

Esta preocupação em fornecer um maior número de dados e em ser mais correcto explica-se talvez também por o autor querer estar à altura das responsabilidades que a reputação de lusófilo, entretanto adquirida, lhe dava. Neste sentido, Southey introduziu igualmente na sua obra alterações a nível formal: não só ordenou as cartas de diferente maneira, o que, na prática, não surtiu qualquer efeito em termos de um melhor encadeamento do discurso, mantendo-se a mesma descontinuidade e fragmentação narrativa que o próprio género epistolar implica, como procedeu a modificações de cariz estilístico, revelando-se, essas sim, bem mais pertinentes. Por um lado, cuidou mais a expressão escrita, e, por outro, teve a preocupação de corrigir a ortografia das palavras portuguesas, agora que já tinha adquirido um melhor conhecimento da língua de Camões.¹⁰⁸

Deve dizer-se, aliás, a este propósito, que o tempo veio provar a Southey que também a avaliação que fizera da língua portuguesa em 1796 estava profundamente errada. Nessa altura, achara que para falar o nosso idioma apenas era necessário “corromper” o espanhol:

¹⁰⁷ Vd. *Letters III*, pp. 32-33.

¹⁰⁸ Exs.: 1.ª edição: “Ventas de Pegoens” (p. 258) — 2.ª e 3.ª edições: “Venda de Pegoens” (p. 207 e p. 43, respectivamente); 1.ª edição: “Penamator” (p. 321) — 2.ª e 3.ª edições: “Penamacor” (p. 283 e p. 123, respectivamente); 1.ª edição: “Affirmeraoon” (p. 356) — 2.ª edição: “affirmarão” (p. 240) — 3.ª edição: “affirmaram” (p. 70).

"I had begun to speak a little Spanish when we entered Portugal, and find little difficulty in corrupting it into Portuguese."¹⁰⁹

Anos mais tarde, porém, rectificou a sua opinião, revelando uma maior seriedade na abordagem do assunto quando afirmou, em *The Quarterly Review*, que "They who conceive Portuguese to be a corrupt dialect of the Castillian are mistaken".¹¹⁰

Paralelamente ao aperfeiçoamento da expressão escrita, Southey tornou também o seu discurso mais objectivo, completando referências. Entre os frequentes casos podem citar-se três: a designação "Juiz Ordinario de Termo de Evera", que aparecera na primeira edição¹¹¹, surge na terceira como "Juiz Ordinario do Termo de Evora-Monte"¹¹²; o "Conde de Arcos"¹¹³ na edição de 1799 é identificado como "Don Jozé de Menezes, son of the Marquis of Marialva"¹¹⁴; e um facto ocorrido "in this kingdom a few years back"¹¹⁵ é situado concretamente "near Montalegre, in 1785" na edição de 1808¹¹⁶.

O cuidado posto por Southey na revisão de *Letters* mostra bem que esta obra não veio nunca a ser de somenos importância no conjunto da sua vasta produção literária; e a forma como, por diversas vezes, dela falou, omitindo o facto de a Espanha também estar contemplada no seu volume de viagens, comprova a preferência que começou a dar ao nosso país. É o que revelam as palavras que dirigiu ao irmão Thomas em 1808, quando se encontrava a rever o texto para a terceira edição e se referiu ao seu relato como "my Letters from Portugal"¹¹⁷.

Este amor de Southey por Portugal, nascido, podemos dizê-lo, a contragosto, começou, aliás, a despontar quando o autor se achava ainda entre nós, pois no final de *Letters* escreve:

"I am now preparing for my return: I am eager to be again in England, but my heart will be very heavy when I look back upon Lisbon for the last time."¹¹⁸

Sem ter plena consciência disso, no momento de partir Southey transportava já consigo aquele gosto por Lisboa que haveria de levá-

¹⁰⁹ Carta a Charles W. W. Wynn, de Lisboa, 26 de Janeiro de 1796, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —, 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 24.

¹¹⁰ *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1809, vol. I, n.º 2 (May), p. 268.

¹¹¹ *Letters*, p. 355.

¹¹² *Letters III*, p. 69.

¹¹³ *Letters*, p. 403.

¹¹⁴ *Letters II*, p. 316.

¹¹⁵ *Letters*, p. 402.

¹¹⁶ *Letters III*, p. 159.

¹¹⁷ Carta de 13 de Outubro de 1808, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. III, p. 172.

¹¹⁸ *Letters*, p. 547.

lo a embarcar de novo rumo à capital portuguesa. A distância, contudo, fê-lo reconhecer a ligação afectiva que entretanto se estabelecera:

“I have associations with Lisbon that give me a friendship for the place — recollected feelings and hopes, pleasures and anxieties — all now mellowed into remembrances that endear the associated scenes.”¹¹⁹

Esta afirmação é tanto mais surpreendente quanto se sabe que Lisboa não constituiu para ele, em 1796, uma experiência agradável. Ao contrário de outros viajantes que se empenharam em conhecer Portugal de Norte a Sul, Southey, durante a sua primeira estada entre nós, pouco se ausentou da capital e, como vimos, não lhe poupou críticas. Mas, as poucas vezes que se afastou da cidade, teve ocasião de admirar cenários naturais de inconfundível beleza que lhe ficaram gravados na memória, pelo que devemos entender as palavras acima transcritas como uma alusão aos lugares perto de Lisboa que visitou: Almada, Arrábida e Sintra.

Do alto de Almada, sentado nas ruínas do castelo, Southey contemplou uma vista colorida e variada, que o encantou ao ponto de exclamar: “altogether I never beheld a more cheerful scene.”¹²⁰ Nos mesmos termos, sensivelmente, veio depois a exprimir a sua impressão sobre a zona de Palmela: “The prospect as we descended is the most beautiful I ever beheld.”¹²¹

A Serra da Arrábida, a principal razão que o levou a empreender um passeio de burro até à região de Setúbal, proporcionou-lhe, por seu turno, o primeiro grande momento de êxtase que Southey sentiu em relação a uma paisagem portuguesa e, pela terceira vez, o escritor repetiu ser aquele o local mais belo que jamais observara:

“Never did I behold scenery so wild and so sublime as the mountain of Arrabida presented, and which continually varying as we advanced, always displayed some new beauty.”¹²²

Experiência inesquecível, esta visita à Arrábida inspirou-lhe um poema com que Southey pretendeu imortalizar aquele lugar, a seus olhos sagrado. “Musings after visiting the Convent of Arrabida”¹²³, assim se chama essa composição que, embora não primando pela qualidade literária, possui o interesse de constituir a resposta do autor a um cenário natural português que considerou paradisíaco.

¹¹⁹ Carta a John May, de 18 de Fevereiro de 1800, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 50.

¹²⁰ *Letters*, p. 389.

¹²¹ *Letters*, p. 465.

¹²² *Letters*, p. 471.

¹²³ *Letters*, pp. 476-479.

Finalmente, no mês de Abril, Southey deslocou-se a Sintra, lugar obrigatório para todos os ingleses que nos visitavam e onde o tio Hill tinha uma casa de campo, encoberta pelo arvoredado. Ali instalado, e perante a imponência da Serra, que ele era o primeiro nome de vulto das letras britânicas a habitar, depois de Beckford, sentiu dificuldades em retratar aquela paisagem da qual para sempre se enamorou:

“I know not how to describe to you the strange beauties of Cintra; it is, perhaps, more beautiful than sublime, more grotesque than beautiful.”¹²⁴

Aventura-se, no entanto, a fazer uma descrição que tem inconfundíveis traços românticos. Como se de uma pintura se tratasse, refere a Serra, a vila de Sintra com o Palácio, e a densa vegetação, por entre a qual espreitavam as casas dos ingleses. Observador minucioso e apaixonado, Southey registou cada pormenor, cada flor, cada árvore, cada recanto pitoresco, cada jogo de cor. Para além dos dotes naturais do lugar, o escritor sentiu-se igualmente atraído pelos edifícios de Sintra: menciona o Paço Real, na vila, o Convento da Penha, as ruínas do Castelo dos Mouros, a Quinta da Penha Verde e o Convento dos Capuchos, ou da Cortiça, onde a cela de um eremita que ali permaneceu doze anos tocou a sua sensibilidade.

Local privilegiado, calmo, propício ao lazer e à actividade intelectual, Sintra foi vista por Southey como um espaço paradisíaco, tal como aconteceu mais tarde com *Lord Byron*. Completamente deslumbrado, chega a dizer que, se ali tivesse nascido, jamais abandonaria aquele lugar:

“Had I been born at Cintra, methinks no inducement could have tempted me to leave its delightful springs and shades, and cross the dreary wilderness that insulates them.”¹²⁵

Mas, claro, a visita a Portugal aproximava-se do seu termo, e Southey teve mesmo de deixar Sintra, levando deste lugar a quase única boa recordação da sua primeira vinda ao nosso país. Será, pois, com grande emoção que, quatro anos volvidos, revisitará a Serra, na companhia da mulher, desta vez no decurso de uma segunda estada em Portugal ardentemente desejada. Em carta a Samuel Taylor Coleridge, de 1 de Abril de 1800, escrita poucos dias antes de iniciar a viagem de regresso, antecipava já o prazer de voltar a desfrutar das delícias de Sintra:

“Our summer will probably be passed at Cintra, a place which may be deemed a cool paradise in that climate. I do not look forward to any circumstance with so much emotion as to hearing again the brook which runs by my uncle's door.”¹²⁶

¹²⁴ *Letters*, p. 510.

¹²⁵ *Letters*, p. 511.

¹²⁶ In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend ——. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 53.

Apesar de ter sido com alívio que Southey deixou Portugal em 1796, firmemente decidido a não mais aqui voltar, as circunstâncias da vida futura vieram, como já vimos, a fazê-lo embarcar de novo em Falmouth rumo a Lisboa, cidade onde ancorou no dia 30 de Abril de 1800. Desta segunda estada no nosso país nasceu *Journal of a Residence in Portugal 1800-1801*, obra constituída por apontamentos tirados diariamente ao longo do itinerário percorrido, só dada à estampa em 1960.

Tratando-se de um relato que não foi sujeito por Southey a um arranjo com vista à sua publicação, possui a espontaneidade própria da forma diarística. O facto de estarmos perante um texto que corresponde exactamente ao manuscrito original permite-nos, pois, captar de uma maneira mais fiel as impressões e os sentimentos do autor, dado que ocorreu pouco espaço temporal entre o vivido e o discurso, e este, por seu turno, não sofreu quaisquer alterações ou retoques.

Os registos e os comentários feitos em cima da hora testemunham a vivacidade e o poder de observação de um Southey feliz por se encontrar mais uma vez em Portugal e a todo o momento descobrindo coisas novas, ou revendo outras a que os quatro anos de ausência davam um encanto que em 1796 não fora capaz de descortinar. É esta, precisamente, a principal diferença que existe entre as duas visitas de Southey: o estado de espírito alegre e interessado com que empreendeu a segunda e que, durante a primeira, estava longe de sentir.

Esta outra maneira de olhar Portugal começou logo a partir do momento em que o paquete que transportava o casal Southey entrou na barra de Lisboa. Na verdade, foi com grande deleite e sentido de novidade que o escritor viu a cidade ir tomando forma ao longe, uma vez que em 1796 entrara em Portugal por Elvas, e não por mar. Dias mais tarde, quando já instalado na casa da Rua de Buenos Aires que o tio previamente arrendara, Southey fez uma descrição pormenorizada da paisagem que se avistava da janela, da qual merecem destaque as palavras com que traduziu todo o seu entusiasmo pelo rio Tejo:

“The Tagus so superb a river! Alive with its thousand-shaped boats — and yet so broad as never to be crowded — the bustle of business animates only not confuses it — lying smooth under the sunny heaven like the blue of burnished armour at noon seen where it does not dazzle, — and now spotted with purple islands by a few thin clouds. Views like these exist only in climates like these.

¹²⁷ Carta a Samuel Taylor Coleridge, de Lisboa, 28 de Março de 1801, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 136.

They have a mellowness — a richness — a soft and voluptuous luxuriance of which the parts of an English landscape can help you to no idea."¹²⁸

Bem disposto como se sentia, Southey exasperou-se menos com as carências e defeitos da vida lisboeta, embora não tenha deixado de apontá-los de novo. Também a religião voltou a ser duramente criticada, prova de que o autor mantinha o desprezo pela Igreja Católica Romana que já em 1796 manifestara; e nem mesmo os festejos do baptizado da Princesa Maria Francisca de Assis, filha do futuro D. João VI, a que teve oportunidade de assistir, o emocionaram ou lhe agradaram.

Foi antes ao deambular pelas ruas que Southey se encantou com o bulício, a variedade e o colorido de Lisboa, e, em notas soltas, registou, por exemplo, o modo de vestir da população, as características dos telhados das casas e os ornamentos colocados nos burros. Dos naturais da capital, porém, pouco disse, dado que, mais uma vez, limitou os seus compromissos sociais ao contacto com a colónia dos britânicos residentes em Lisboa. Ainda assim, faz um elogio aos portugueses em geral:

"The Portuguese face when fine is very fine. And it never wants the expression of sense."¹²⁹

Em relação à cidade, que em 1796 tanto lhe desagradara, também agora consegue exprimir opiniões favoráveis, de que destacaríamos o balanço positivo que faz da saúde e da segurança públicas. Escreveu Southey, sobre a primeira destas questões, ao seu irmão Thomas:

"Filthy as Lisbon is, no infectious disorders are known here. The streets are narrow, and the houses high, the people dirty, and scantily fed upon poor food, chiefly salt fish, a diet miserably bad and indigestible; yet with all these disadvantages they are as healthy as the inhabitants of any city in the world."¹³⁰

Quanto à segunda, referente ao baixo índice de criminalidade, foi abordada em *Journals*:

"I do not quarrel in the streets — and no one has any interest in purchasing my life. A man may as easily escape being assassinated here — as he may duelling in England. We are indeed safer than in England, because there is not so much ingenuity exerted in villainy. Instruments for picking pockets and breaking open houses, have not yet

¹²⁸ *Journals*, p. 4.

¹²⁹ *Journals*, p. 10.

¹³⁰ Carta de 3 de Maio de 1800, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, pp. 110-111.

been introduced into Portugal. We find no counterfeit money in circulation. The country manufactures are not forward enough to produce coiners.”¹³¹

O facto de dominar a língua e de já cá ter estado anteriormente foram factores que concorreram para que Southey, desta vez, se inteirasse melhor da realidade portuguesa. Além disso, a abertura de espírito com que veio ajudou-o, evidentemente, a despir-se de preconceitos e a prestar atenção a coisas que antes olhara com indiferença ou desdém.

Mais tempo tivesse estado em Lisboa e, por certo, outras qualidades e pontos de interesse teria encontrado na capital portuguesa; mas o calor do Verão começava a apertar, e o casal de forasteiros buscou a frescura de Sintra, depois de Southey ter ido conhecer o Vale de Chelas, que muito apreciou. A beleza do lugar mais uma vez o extasiou, a ponto de sentir-se incapaz de descrevê-la com justiça:

“You cannot imagine nor is it in my power to describe the beauties of this place. There are no miniature resemblances in England to assist me.”¹³²

Foi na correspondência que da Serra enviou aos amigos que falou com abundância de Sintra; em contrapartida, no diário que então manteve nada incluiu sobre esta sua segunda estada ali, provavelmente por pensar que não valia a pena, num futuro relato de viagem, voltar a referir-se a um local que já tratara em *Letters*.

Ao regressar àquele abençoado retiro da azáfama cidadina, Southey deparou-se com uma situação inesperada, que em nada lhe agradou: nos últimos quatro anos a Serra de Sintra atraía novos habitantes, os comerciantes portugueses endinheirados, aos quais o autor inglês reagiu com a violência de quem vê o seu paraíso invadido por estranhos. As palavras que a este propósito escreveu ao irmão Thomas, onde dá vazão ao seu sentimento de revolta, devem ser entendidas em função do contexto que as gerou:

“Cintra is too good a place for the Portuguese. It is only fit for us Goths — for Germans or English.”¹³³

Tendo chegado a Sintra em 30 de Junho de 1800, apenas em 28 de Outubro do mesmo ano voltou Southey a Lisboa, não sem que primeiro tivesse ido conhecer a Boca do Inferno e visitado Mafra.

¹³¹ *Journals*, p. 13.

¹³² Carta a Grosvenor Charles Bedford, de Outubro de 1800: “Robert Southey’s hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence”, in *Journals*, p. 112.

¹³³ Carta de 15 de Junho de 1800: “Robert Southey’s hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence”, in *Journals*, p. 99.

Também Lord Byron, em 1812, exprimiu pensamento idêntico ao de Southey quando falou de Sintra no seu poema *Childe Harold’s Pilgrimage*: “Poor, paltry slaves! yet born ‘midst noblest scenes — / Why, Nature, waste thy wonders on such men ?” (Canto I, est. XVIII).

Enquanto permaneceu na Serra, o escritor tomara a decisão de empreender, no Outono, excursões pelo Norte, Centro e Sul de Portugal, de modo a ficar bem documentado sobre o país de que tencionava escrever a história nacional. Contudo, só em Março de 1801 realizou o segundo daqueles passeios, e, no mês seguinte, efectuou o terceiro. Quanto à viagem ao Norte, Southey não teve oportunidade de concretizá-la, para grande pena sua, e, por isso, sempre que no futuro pensava em regressar a Portugal, colocava logo à cabeça das prioridades deslocar-se ao Norte do nosso país, como testemunham as palavras que dirigiu ao amigo William Taylor (1765-1836) em carta datada de 21 de Março de 1806:

"[...] in the autumn I go to Portugal, and cannot tell when I shall return. [...] I shall make it my first business after the winter is over to go through the northern province."¹³⁴

Com a aproximação da Primavera, e depois de se ter deslocado à Costa da Caparica e a Odivelas, Southey resolveu-se, portanto, a deixar Lisboa, no que se fez acompanhar de Edith e de mais quatro compatriotas seus. O modo como decorreu o passeio, os lugares visitados e as impressões com que deles ficou encontram-se registados na "Part II — Northward Excursion to Coimbra" de *Journals*¹³⁵, pois foi só nessa altura que o autor retomou a escrita do diário que abandonara em meados de Maio do ano anterior, possivelmente por ter considerado uma perda de tempo fazer anotações sobre lugares onde já havia estado (Lisboa e Sintra).

No que diz respeito ao trajecto percorrido, Southey resumiu-o em carta a John May:

"We have, as you probably know from other quarters, been travelling. Caldas by the Torres Vedras road, Alcobaca, Batalha, the Fabria, Coimbra, Thomar, Santarem — this has been our route, and in twenty days, with some little expence of money and fatigue we have seen enough to remember for the remainder of our lives."¹³⁶

Foi uma viagem que decorreu sem problemas, através de uma região cheia de encantos naturais. O passo lento das montadas permitiu ao grupo de ingleses uma observação demorada do ambiente circundante, e são numerosas, em *Journals*, as descrições das paisagens que Southey teve oportunidade de apreciar, com especial destaque para os campos à volta de Coimbra, que mereceram do autor a adjectivação de "magnificent".

¹³⁴ In: J. W. ROBBERDS (comp. e ed.), *A Memoir of the Life and Writings of the Late William Taylor of Norwich [...] Containing his Correspondence of many years with the late Robert Southey, Esq., and original letters from Sir Walter Scott, and other eminent literary men.* 2 vols. London, John Murray, 1843, vol. II, pp. 119-120.

¹³⁵ *Journals*, pp. 15-33.

¹³⁶ Carta de 27 de Março de 1801, in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey.* Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, pp. 242-243.

Também aquela cidade lhe agradou bastante — “I never saw [...] a city more gloriously seated”¹³⁷ —, não por oferecer mais conforto ou patentear maior asseio do que as outras, mas pela riqueza de locais de interesse histórico e cultural. A Universidade, a Biblioteca, o Jardim Botânico, o Museu e o Mosteiro de Santa Cruz foram pontos obrigatórios da visita a Coimbra, guiada por duas figuras ilustres da cidade, para quem tinham levado cartas de apresentação: o botânico Félix de Avelar Brotero (1744-1828) e o Dr. Francisco Soares Franco (1772-1844), doutor em Medicina.

Como é característico deste diário, Southey não faz grandes descrições ou comentários aos tópicos que ia apontando: o desenvolvimento de cada assunto ficaria para mais tarde, importando-lhe agora, em plena viagem, registar o maior número possível de generalidades. Por esta razão, deixou-nos poucas ou nenhuma opinião sobre os lugares que conheceu em 1801: a boa memória que tinha ajudá-lo-ia posteriormente no trabalho de reconstituição das cenas vividas. Assim sendo, torna-se bastante significativo o facto de Southey ter já aqui dedicado algumas linhas à Fonte das Lágrimas, ou dos Amores, local de encontro entre os célebres amantes D. Pedro e D. Inês de Castro, que muito o impressionou.

O sonho, há muito acalentado, de visitar o túmulo da “Colo de Garça” foi satisfeito desta vez, quando se deteve em Alcobaça, a caminho de Coimbra. O Convento tocou-o sobretudo pela sua grandiosidade, mas foi a magnificência dos monumentos funerários em memória de Pedro e Inês que mais o marcou, dado que se apaixonara pela trágica história de amor que lhes estava associada, à qual chegou até a pensar dar tratamento literário, como já referimos.

O mesmo interesse pelos destinos humanos levou-o a preocupar-se mais com os frades do convento — inteirando-se dos seus rendimentos, posses, ideologia, modo de agir e alcance da influência que exerciam na região em que se encontravam instalados — e menos com a arquitectura do edifício, embora a ampla cozinha, de grandes chaminés, o tenha entusiasmado.

Bem diferente, no entanto, foi a sua reacção ao Mosteiro da Batalha, cujo trabalho em pedra o deixou maravilhado: “The freshness of the stone astonished me.”¹³⁸ Recordando-se então dos desenhos que o arquitecto irlandês James Cavanah Murphy (1760-1814) fizera¹³⁹, reconheceu-lhes mérito, mas concluiu que não faziam justiça à beleza daquela soberba construção.

Coimbra, Alcobaça e Batalha foram os lugares a que prestou mais atenção durante este passeio, mas em outras localidades se apeou ao

¹³⁷ *Journals*, p. 25.

¹³⁸ *Journals*, p. 23.

¹³⁹ Murphy é autor de uma descrição ilustrada do Mosteiro da Batalha: *Plans, Elevations, Sections, and Views of the Church of Batalha, in the Province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by Fr. Luls de Sousa, with remarks to which is prefixed an introductory discourse on the principles of Gothic Architecture*. London, I. & J. Taylor, 1795.

longo das estradas em mau estado que percorreu: Torres Vedras e Caldas da Rainha, elogiadas pelo asseio, bidos, terra que lhe pareceu tirada de um quadro, a Marinha Grande, onde viu a fábrica de vidros do inglês William Stephens (? - 1802)¹⁴⁰, Leiria, que visitou em dia de feira, o que lhe proporcionou um espectáculo alegre e colorido, Pombal, que lhe despertou a curiosidade pela tradição local relacionada com o milagre da Nossa Senhora do Cardal¹⁴¹, que lamentou não ter tido oportunidade de presenciar, e Tomar, cidade onde o grupo permaneceu algum tempo para poder ir conhecer os monumentos mais famosos. Aqui deparou Southey com um exemplo flagrante de superstição popular, representado pela prática de raspar as pernas da estátua de S. Cristovão, existente num dos extremos da ponte, para assim obter um pó que, depois, tomado com água, era tido como um remédio eficaz contra o paludismo.

Tendo deixado a mulher em Tomar, Southey partiu com um dos seus amigos, de apelido Waterhouse, em direcção a Abrantes, onde desfrutou de uma bela vista do Tejo. Foi por este mesmo rio, que lhe povoaria os sonhos futuros, que, a partir da Barquinha, o grupo de forasteiros ingleses fez a viagem de regresso a Lisboa, tendo Southey utilizado o adjectivo "magnificent" para qualificar as bonitas margens que pôde apreciar ao longo do percurso de volta à capital.¹⁴²

Fazendo um balanço desta sua excursão ao Centro do país, podemos dizer que se tratou de um passeio que muito lhe agradou por lhe ter dado a ver novos espaços e ter alargado o seu conhecimento do território português. Munido de um guia de viagens, o *Mappa de Portugal* (1745-1758) de João Baptista de Castro, Southey aventurara-se com entusiasmo por regiões que há muito desejava visitar, tendo, durante cerca de vinte dias, entabulado conversa com camponeses e frades, pedindo-lhes informações e escutando os seus pontos de vista sobre o que se passava em Portugal, apreciando paisagens contrastantes, constatado a fertilidade dos solos, observado as diferenças arquitectónicas entre construções antigas e modernas, salientando a falta de beleza das segundas, provado os excelentes vinhos¹⁴³ e as laranjas da

¹⁴⁰ William Stephens: industrial inglês que veio para Portugal no tempo do Marquês de Pombal. Adquiriu, em 1769, uma fábrica de vidros na Marinha Grande, que transformou numa das primeiras empresas do género da Europa. O nosso governo concedeu a esta indústria muitos privilégios, razão pela qual o irmão de William, John James Stephens (? - 1826), último herdeiro da fábrica, a legou em testamento ao Estado português, como reconhecimento pelos favores e protecção concedidos.

¹⁴¹ Trata-se de uma prática que teve lugar em Pombal até ao século XX e que se realizava por altura das festas da Nossa Senhora do Cardal, em Julho, num forno ali existente. Era costume, nessa ocasião, um homem entrar no forno, onde desde a véspera cozia um bolo, dar três voltas lá dentro e sair com o dito bolo, sem apresentar quaisquer queimaduras.

¹⁴² Vd. *Journals*, p. 33.

¹⁴³ Em carta a Robert Lovell, de 19 de Fevereiro de 1796, Southey referira-se já à boa qualidade dos vinhos que bebera em Portugal: "Here are most excellent wines, which I do in no small degree enjoy: the best Port; Bucellas of exquisite quality; old Hock, an old gentleman for whom I have a very great esteem; Cape, and I have "good hope" of getting some to-day; and Malmsey such as makes a man envy Clarence." (in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 267).

província, que o deliciaram, e pernitoado em pobres estalagens, ou até em sítios ainda menos cómodos, como, por exemplo, um fedorento armazém de bacalhau. Percorridas trezentas e cinquenta milhas, em vários meios de transporte, “carriages, mules, asses, by land, and by water”¹⁴⁴, ei-lo de volta a Lisboa, cansado mas feliz, a pele bronzeada e a mente repleta de boas recordações.

Chegado à capital em 22 de Março, Southey partiu de novo logo no dia 7 de Abril, desta vez apenas na companhia de Waterhouse. A ameaça de invasão do país pelas tropas napoleónicas, as escaramuças com os espanhóis no Sul e a possibilidade de a peste que grassava na Andaluzia vir a atingir aquela mesma região de Portugal não foram obstáculos suficientes para fazê-lo desistir de viajar até ao Alentejo e ao Algarve, mas, ciente dos perigos que corria, convenceu Edith a ficar em Lisboa.

Ao atravessar o Alentejo, cujo clima, de noites extremamente frias, lhe custou a suportar, Southey deu-se essencialmente conta da pobreza e fome generalizadas, o que não pôde deixar de espantá-lo, tratando-se de uma zona fértil: “The people are starving in the midst of a country which would produce every thing.”¹⁴⁵ Apesar das condições adversas em que as pessoas viviam, o autor foi testemunha de muitos exemplos de hospitalidade, o que lhe causou tão boa impressão quanto a paisagem, descrita abundantemente em *Journals*. A Serra do Caldeirão, a separar aquela província da do Algarve, pareceu-lhe especialmente estranha e fascinante, a julgar pelas seguintes palavras:

“It is a strange land — exactly the old Holy Land views, mountain all around swelling — breasting — surging like a sea.”¹⁴⁶

Com a entrada no Algarve, o tipo de anotações muda totalmente. Aos comentários sobre as carências do povo alentejano, sucedem-se agora as referências às espécies vegetais da região que atravessa, com destaque para a alfarrobeira, que Southey desconhecia, e aos grandes bandos de pássaros que sobrevoavam uma terra perfumada pelos laranjais, coberta de trigo para a banda de Lagos, e rica em amendoeiras, figueiras e vinhas.

A profusão de alusões a aspectos paisagísticos surge como que a suprir a falta de descrições de monumentos algarvios. Na verdade, Southey não dá notícia de ter visitado as mais conhecidas construções de cidades como Faro, Tavira ou Lagos. A primeira agradou-lhe antes pelo simpático convívio com o Cônsul, em casa de quem se hospedou; da segunda gostou por ser grande, aseada e rica; e na terceira passou pela experiência de ser preso durante rugas que ali se efectuaram, no intuito de descobrir suspeitos que tinham entrado em Lagos.

¹⁴⁴ Carta à mãe, Margaret Southey, de Março de 1801, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 140.

¹⁴⁵ *Journals*, p. 40.

¹⁴⁶ *Journals*, p. 42.

Quanto a castelos, igrejas ou quaisquer outros monumentos, praticamente nem uma linha escreveu, o que aponta para uma clara preferência dada aos espectáculos naturais. Entre estes, sobressaíram, a seus olhos, dois cenários bem distintos: Monchique e Sagres. Do primeiro, a que chamou "the lovely Cintra of Algarve"¹⁴⁷, iria recordar-se para o resto da vida. Sagres, por seu turno, impressionou-o pela sua desolação e pela imponência do mar, que ali se fazia sentir de forma opressora. O barulho das águas a bater nas paredes das profundas cavernas, que descreveu como "the voice of the Ocean thro a speaking trumpet"¹⁴⁸, aterrou-o; e a solidão em que viviam os nove frades do Convento do Cabo de S. Vicente, rodeados por paisagem tão devastadora, fê-lo sentir-se aliviado por deixar aquele local.

Após a visita a Sagres, teve início o retorno a Lisboa. Os apontamentos tirados a partir daí são ainda mais fragmentados do que é costume nas páginas anteriores do diário, a denunciar a pressa de um viajante que deseja chegar ao seu destino o mais brevemente possível, reunir-se à mulher e regressar à pátria para fugir ao conflito bélico que se aproximava.

Do Algarve trouxe a imagem de uma região plena de atractivos naturais, mas com pouco interesse do ponto de vista cultural e artístico. Já o Alentejo se lhe revelara mais rico nesses domínios, pois tivera ocasião de conhecer Évora, com o seu templo de Diana, a Igreja de Santo Antão, a Sé e a Igreja de S. Francisco, cuja Capela dos Ossos o aterrorizou, como deixou registado em *Journals*:

"The Casa dos Ossos — which gave me a good idea of a Mexican temple. It is really shocking. There were two whole skeletons suspended from one of the walls — or rather dried bodies — the skin still clinging in most parts to the bones."¹⁴⁹

Foi-lhe também grato visitar Beja, especialmente por ter podido então trocar ideias com o bispo D. Manuel do Cenáculo (1724-1814), para quem levava uma carta de apresentação escrita pelo tio Hill¹⁵⁰. Do ilustre clérigo fez Southey o seguinte retrato:

¹⁴⁷ *Journals*, p. 52.

¹⁴⁸ *Journals*, p. 56.

¹⁴⁹ *Journals*, p. 36.

¹⁵⁰ Eis o texto desta carta de apresentação, datada de 5 de Abril de 1801, que o Rev. Hill deu a Southey para ser entregue ao Bispo de Beja: "O Snr. Southey, o Portador desta, e hum Sobrinho meu, vai fazer huma jornada à Alentejo e Algarve — aquellas partes de Portugal, que elle até agora não vizitou, e, em quanto o unico objecto de suas Viagens hê de se instruir, tenho lhe muito encommendado que não deixe de vêr e fallar com o veneravel Bispo de Beja, tanto para que se informe das cousas mais dignas de vêr daquella vizinhança, como para que me mande algumas noticias de V. Exa."

Esta carta encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, lugar onde está recolhida a correspondência enviada a Fr. Manuel do Cenáculo. Para além desta missiva, contam-se all outras sete escritas pelo Reverendo Herbert Hill: vd. Pasta 72 — Cod. CXXVII / 1-10.

Há cinquenta anos S. GEORGE WEST publicou pela primeira vez esta carta: vd. "Robert Southey, The Rev. Herbert Hill and The Bishop of Beja", in *Ninth Annual Report & Review of the Historical Association, Lisbon Branch*. Lisbon, 1945, pp. 551-558.

“The Bishop — a little, chearful, large-eyed man — a Santinho with a stick they called him — learned and beloved evidently by all about him.”¹⁵¹

Pelas palavras escolhidas, vê-se que o autor ficou a estimar bastante o bispo de Beja, a ponto até de ter sido a ele que Southey enviou a única carta conhecida que escreveu em português, com data de 11 de Abril de 1801¹⁵², onde exprime a sua gratidão pela solicitude que o eclesiástico demonstrara em ajudá-lo.

Um dos auxílios prestados foi justamente a entrega de uma carta de recomendação para ser apresentada ao padre de Castro Verde, que lhes mostrou as igrejas da vila e os acompanhou depois ao campo de Ourique, lugar que há muito Southey ambicionava visitar. Pisar o solo onde se travara uma batalha importante da história lusitana foi, com certeza, extremamente emocionante para Southey, pois, como sabemos, tencionava escrever e dar a conhecer aos seus compatriotas a história de Portugal. Para isso consultou muitos livros em Lisboa e foi comprando outros pelo caminho, sempre que a ocasião se proporcionou.

De volta à capital, nos finais de Abril, depois de muitas noites mal dormidas e mal alimentado, devido à escassez de víveres nas regiões que acabara de atravessar, Southey não esmoreceu no seu trabalho de recolha de material bibliográfico que seria mais tarde devidamente tratado em Inglaterra. O diário de viagem não contém referências a essas pesquisas, mas Southey, sempre pronto a comunicar aos amigos as tarefas que tinha em mãos, deixou na sua correspondência variadíssimas alusões à investigação que estava a realizar.

Aproveitando o facto de o Reverendo Hill ter ido passar uma temporada ao seu país natal, Southey, antes de fazer as excursões a Coimbra e ao Algarve, mudara-se até para sua casa, a fim de mais comodamente se poder servir da bem fornecida biblioteca do tio. Aos livros ali consultados, há que acrescentar a leitura dos que teve à sua disposição em diversas bibliotecas e arquivos onde se deslocou: Biblioteca Nacional, Torre do Tombo e Academia das Ciências.

Por intermédio de Herbert Hill, homem culto e bem relacionado com intelectuais, Southey contactou também com homens de letras, bibliotecários e livreiros portugueses, como as pessoas do círculo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, 1.º Conde de Linhares (1745-1812), diplomata e ministro, homem de notável cultura, especialmente no

¹⁵¹ *Journals*, p. 39.

¹⁵² Eis o conteúdo dessa carta: “Muito excellente Senhor, Não podemos certamente deixar passar esta occasião; para exprimir á sua Excellência, quanto sentimos os favores recebidos em Beja, tambem a grande vantagem, que achamos da sua recommendação, tendo sido muito bem servido hoje; e o Snr João da Palma nós tem procurado bestas, e nós mostrado as curiosidades deste sítio.

Outra mercê ainda pedimos, Isto he, que os erros na forma, e na linguagem sejam escusados, esperando que Vossa Excellencia goze por muitos annos todas as felicidades possibels: Eu e meu amigo ficando sempre/ Seus criados obrigadissimos.” (cf. ADOLFO DE OLIVEIRA CABRAL, *Southey e Portugal 1774-1801. Aspectos de uma biografia literária*. Lisboa, P. Fernandes, 1959, p. 345).

domínio das ciências, e grande apoiante da aliança inglesa; o jurisperito e bibliotecário-mor da Biblioteca Nacional, Doutor António Ribeiro dos Santos (1745-1818); o lexicógrafo Agostinho José da Costa Macedo (1745-1822), no futuro segundo bibliotecário da Biblioteca Nacional; o censor Johann Wilhelm Christian Müller (1752-1814)¹⁵³; e o editor Bertrand¹⁵⁴.

Além disso, embora a partir de 1801 não mais tenha regressado a Portugal, Southey continuou a receber em sua casa, nos anos que se seguiram e até à retirada definitiva de Herbert Hill para Inglaterra, em 1807, muitos pacotes de manuscritos que o tio conseguia facilmente obter num país em que não se dava protecção à cultura, e muito menos naquela época, em que a ameaça francesa consternava a nação.

Em carta datada de 26 de Novembro de 1800, expedida de Lisboa, Southey descrevia ao amigo William Taylor o seu labor na capital portuguesa:

"I am up to the ears in chronicles — a pleasant day's amusement: but battles and folios, and Moors and Monarchs, teaze me terribly in my dreams. I have just obtained access to the public manuscripts, and the records of the Inquisition tempt me — five folios — the whole black catalogue; yet I am somewhat shy of laying heretical hands upon these bloody annals."¹⁵⁵

Com estas leituras ficava para sempre cimentado o seu interesse pelo passado de Portugal. Quanto à nossa literatura, também ela se tornou por esta altura uma preocupação constante, projectando Southey, à medida que prosseguia a sua pesquisa no retiro de Sintra, escrever a sua história, como deu a saber a Joseph Cottle em missiva enviada daquela localidade:

"My desk is full of materials for the literary history which will require only the labour of arrangement and translation, on my return."¹⁵⁶

História e literatura, eis, pois, as duas vertentes dos estudos lusófilos que veio a fazer em Inglaterra e em que se tornou mestre. Quando abandonou Lisboa pela última vez, no Verão de 1801, partia com um conhecimento bastante mais aprofundado da cultura por-

¹⁵³ Traduziu o artigo de Southey intitulado "Portuguese Literature", publicado em *The Quarterly Review* (London, John Murray, 1809 (May), vol. I, n.º 2, pp. 268-292): *Memória sobre a Literatura Portuguesa, Traduzida do Inglês* (1809).

¹⁵⁴ Talvez Jorge Bertrand, que, em 1775, herdou com sua mãe a livraria com o mesmo nome, estabelecida em Lisboa em 1732.

¹⁵⁵ In J. W. ROBBERDS (ed.), *A Memoir of the Life and Writings of the Late William Taylor of Norwich [...] Containing his Correspondence of many years with the late Robert Southey, Esq., and original letters from Sir Walter Scott and other eminent literary men.* 2 vols. London, John Murray, 1843, vol. I, pp. 360-361.

¹⁵⁶ In JOSEPH COTTLE, *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey.* Highgate, Lime Tree Bower Press, 1970, pp. 224-225.

tuguesa e carregado de bibliografia que seria preciosa para as suas futuras obras. Era também agora capaz de falar e escrever muito melhor em português, como comprova a correcta ortografia dos termos da nossa língua usados no texto de *Journals*, como, por exemplo, na frase “It was our intention to sleep there, see Arrabida on the morning and reach Setubal. Paciencia — we proceeded with our burros and excellent they were.”¹⁵⁷ O seu próprio discurso em inglês chega até a sofrer uma contaminação da língua estrangeira, quando, a dada altura, escreve “That court was the only house in the house”¹⁵⁸, o que revela a atribuição ao termo «house» de um dos significados que a palavra portuguesa sua correspondente, «casa», tem, isto é, «divisão de uma casa», por sua vez equivalente a «room» no idioma materno de Southey.

Durante o resto da sua vida, o autor persistiu na consulta de obras escritas em português, o que, por certo, aumentou a sua competência no uso da nossa língua. É mesmo possível encontrar, quer na correspondência, quer em obras não relacionadas com Portugal, termos portugueses, como acontece, por exemplo, em *Journal of a Tour in Scotland in 1819*:

“And, the number of *quintas* show that the Scotch are fully sensible of its beauty: the Portuguese word occurs naturally to me”.¹⁵⁹

A pouco e pouco foi Southey concebendo os muitos trabalhos que veio a escrever na área dos estudos portugueses. Da viagem realizada contra a sua vontade no ano de 1796 nascera, afinal, uma paixão a que seria fiel toda a vida. Daí que seja plenamente justificado o título que, em 1985, um periódico lisboeta, em artigo sobre “*O que os ingleses dizem de nós*”, atribuiu à parte dedicada ao autor de *Letters e Journals*: “Robert Southey — Portugal forever.”¹⁶⁰

A PORTUGUESE STUDENT AMONG THE MOUNTAINS¹⁶¹

Ao longo da sua vida dedicada às letras, Robert Southey publicou numerosas obras de temática portuguesa, e são abundantes, na sua correspondência, as alusões ao nosso país. Tal interesse por Portugal decorreu, como vimos, das duas viagens que aqui efectuou e que deram origem aos relatos que abreviadamente referimos por *Letters e Journals*.

¹⁵⁷ *Journals*, p. 34. Sublinhados nossos.

¹⁵⁸ *Journals*, p. 58. Sublinhado nosso.

¹⁵⁹ In ROBERT SOUTHEY, *Journal of a Tour in Scotland in 1819*. With an introduction and notes by C. H. Herford. London, John Murray, 1929, p. 258.

¹⁶⁰ Vd. *Semanário*, 23/3/1985 (Dossier), p. 13.

¹⁶¹ Palavras com que Southey se auto-definiu, em carta escrita ao seu amigo Grosvenor Charles Bedford, datada de 23 de Abril de 1804: in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —, 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-1850, vol. II, p. 281.

Ao contrário da grande maioria dos britânicos que nos séculos XVIII e XIX nos visitaram mas que apenas ocasionalmente se relacionaram com o nosso país, Southey, a partir do momento em que tomou contacto com a terra, a gente e a cultura portuguesas, foi gradualmente desenvolvendo por elas um interesse que acabou por tornar-se profundo e orientador de toda uma carreira literária, a qual se caracteriza por uma actividade prolífica que abarca a poesia, a história, a biografia, os relatos de viagem, a crítica literária e social, o ensaio, a edição, a tradução e o jornalismo.

A maior parte dos poemas de Southey foi composta entre 1794 e 1816, e é testemunho do desejo do escritor de experimentar formas e medidas, das suas preocupações humanitárias, e ainda da sua busca de inspiração na natureza, o que, como sabemos, constitui um traço marcante da poesia romântica.

Uma outra tendência da literatura da época a que Southey não escapou foi o gosto pelos lugares remotos e exóticos, bem patente nos quatro longos poemas narrativos que escreveu: *Thalaba the Destroyer* (1801), *Madoc* (1805), *The Curse of Kehama* (1810) e *Roderick, the Last of the Goths* (1814). Enquanto o primeiro e o terceiro se inscrevem na voga do orientalismo, em grande medida motivada pela divulgação e popularidade que *As Mil e Uma Noites* tiveram na Europa no século XVIII, o segundo representa a adesão de Southey à onda de fascínio que também por esta altura as Américas exerceram nos escritores ingleses¹⁶²; já o quarto, considerado quase unanimemente pela crítica como o melhor dos poemas épicos de Southey, tomou como tema a lenda do Rei Rodrigo — que *Sir Walter Scott* e *Walter Savage Landor* haviam abordado antes, respectivamente em *The Vision of Don Roderick* (1811) e *Count Julian* (1812) —, o que demonstra bem o interesse pelos assuntos ibéricos que despertara em Southey a partir de 1796.

A posteridade acabaria por remeter os extensos poemas de Southey para o esquecimento, dando talvez razão a todos aqueles que o acusaram de não possuir génio poético, como, por exemplo, Arthur William Symons, autor de *The Romantic Movement in English Poetry*, que dele disse: "Southey's talent was pedestrian, and it was his misfortune that he tried to fly."¹⁶³ A mesma crítica, porém, não se estendeu à sua prosa, frequentemente elogiada pela transparência de sentido e pelo estilo vivo, espirituoso e carregado de informação.

Na verdade, foi na prosa que Southey, depois de ter admitido que "the season for poetry is gone by"¹⁶⁴, produziu os trabalhos que lhe granjearam maior reputação, nomeadamente os de carácter histórico e biográfico. Para além de *The Book of the Church* (1824), história religiosa de Inglaterra desde os druidas até 1689, e *Letters from*

¹⁶² Em 1825 viria a público o último dos poemas longos de Southey, também ele tendo por cenário o Novo Mundo: *A Tale of Paraguay*.

¹⁶³ ARTHUR WILLIAM SYMONS, *The Romantic Movement in English Poetry*. London, Archibald Constable & Co., 1909, p. 160.

¹⁶⁴ Carta ao Reverendo John Neville White, de 8 de Janeiro de 1816, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. IV, p. 146.

England by Don Manuel Alvarez Espriella (1807), de que já falámos, e das biografias *The Life of Nelson* (1813) e *The Life of Wesley* (1820)¹⁶⁵, merecem destaque especial duas obras de grande fôlego, *History of the Peninsular War* (1823-32) e *The History of Brazil* (1810-19), que ocupam não só um lugar preponderante no conjunto da produção de Southey, como constituem marcos de grande importância no contexto das relações literárias anglo-portuguesas.

A primeira, em três volumes, relatava os acontecimentos, ainda na memória de todos, que tinham tido lugar na Península Ibérica após a invasão pelas tropas napoleónicas; quanto à segunda, que valeu a Southey a distinção de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada por vontade expressa da Rainha D. Maria II¹⁶⁶, a sua publicação revestiu-se de um significado muito particular, numa altura em que o Brasil tinha grande interesse comercial para os ingleses. Foi exactamente este o motivo que levou o autor a redigir e publicar os três volumes de que é composta a *History of Brazil*, originalmente concebida como apenas uma das partes que deveriam constituir a «History of Portugal», obra de envergadura, planeada por Southey aos vinte e seis anos, com a qual esperava ganhar definitivamente um nome entre os grandes das letras.

Para a concretização desse grandioso projecto efectuou Southey, como já foi referido, aturada investigação durante a sua segunda estada em Portugal. Em missiva enviada a John May, de 9 de Fevereiro de 1800, o autor esboça, em traços largos, quais os diferentes capítulos que comporiam tal obra:

“Less than two quarto volumes could not comprise the work, — I should suppose not less than three; for the great Indian Episode would require one itself.”¹⁶⁷

Quatro anos depois, porém, Southey alargara já substancialmente o plano inicial, como comunicou ao seu irmão Thomas:

“My whole historical labours will then consist of three separate works. 1. History of Portugal, — the European part, 3 vols. 2. Hist. of the Portuguese Empire in Asia, 2 or 3 vols. 3. Hist. of Brazil. 4. Hist. of the Jesuits in Japan. 5. Literary History of Spain and Portugal, 2 vols. 6. Hist. of Monachism. In all, ten, eleven, or twelve quarto volumes”.¹⁶⁸

¹⁶⁵ O autor escreveu ainda a vida de William Cowper (1731-1800), que ocupa os primeiros três dos quinze volumes da edição da obra deste poeta pré-romântico encomendada pela firma Baldwin and Cradock a Southey em 1833: *The Works of William Cowper ... With a Life of the Author*, 1835-37.

¹⁶⁶ Sobre esta condecoração, consulte-se: ADOLFO CABRAL, “Garrett, Southey e a Torre e Espada”, in *Diário da Manhã*, 20/2/1957, p. 10.

¹⁶⁷ “Robert Southey’s hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence”, in *Journals*, p. 63.

¹⁶⁸ Carta a Thomas Southey, de 12 de Setembro de 1804, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, pp. 305-306.

O paradeiro do manuscrito da «History of Portugal» permanece ainda hoje desconhecido, embora saibamos, através da correspondência de Southey, que em 1831 o autor continuava a escrever esse trabalho com entusiasmo, e que, quando se fez a venda do fabuloso conteúdo (cerca de 14.000 volumes) da sua biblioteca, ele não foi incluído no leilão que teve lugar em Londres em 1844, por ter cabido à sua filha mais velha, Edith May Warter, quando da distribuição do espólio literário do pai.

Maurice H. Fitz Gerald, em artigo publicado em 1937 no *Times Literary Supplement*¹⁶⁹, veio deitar alguma luz sobre este problema. Diz ele que em 1901 o dito manuscrito apareceu num catálogo do livreiro londrino Sotheran, tendo sido comprado por um americano de nome Archer Huntington, precisamente o fundador da Hispanic Society of America. Esta descoberta, no entanto, não deu frutos e, no ano do centenário da morte de Southey, o mesmo Fitz Gerald voltava a escrever para o *Times Literary Supplement* lamentando que naquele espaço de seis anos nada mais se tivesse sabido sobre o assunto. Adianta, porém, a descrição do manuscrito, tal como fora feita no catálogo de Sotheran:

“Southey (Robert) History of Portugal. A. D. 1063-1583, the original manuscript, 550 pages small 4to (not quite consecutive) for the most part very closely written in 14 neatly sewn sections, quite unpublished. Sold.”¹⁷⁰

Apesar de não ter chegado a publicar a «História de Portugal», para a qual se sentia mais dotado do que para escrever a do seu próprio país¹⁷¹, Southey permanece uma figura singular no que diz respeito à divulgação em Inglaterra da história e da literatura portuguesas. O facto de, a partir de 1801, não mais ter voltado a pisar território lusitano, não significou um decréscimo do seu interesse por Portugal nem uma desactualização relativamente aos acontecimentos que se iam desenrolando no nosso país. Pelo contrário, procurou sempre ter acesso a obras que lhe pudessem trazer novos conhecimentos sobre a Península Ibérica, e delas se fez eco nos periódicos ingleses de que foi colaborador.

Uma consulta ao catálogo da parte portuguesa e espanhola da vasta biblioteca de Southey¹⁷² dá-nos claramente uma ideia da paixão que o autor nutria pelos assuntos peninsulares. Durante o tempo que

¹⁶⁹ Saturday, October 30, 1937, p. 803.

¹⁷⁰ *Times Literary Supplement*, Saturday, April 24, 1943, p. 199.

¹⁷¹ “The History of Portugal fits me better than that of my own country. England will not for ever want a worthy historian, but it is not likely that Portugal would ever again find one so qualified, for if a foreigner possess the knowledge of a native he is better qualified.” : carta a John Rickman, de Julho de 1805, in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 389.

¹⁷² Vd. “Catalogue of the Spanish and Portuguese Portion of the Library of the Late Robert Southey, Esq., LL. D., Poet Laureate”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943 (Jan.-Março), vol. 178, pp. 91-155.

passou em Portugal adquiriu muita bibliografia, e o tio Hill nunca cessou de lhe enviar documentos e livros enquanto residiu entre nós ; além disso, a biblioteca do próprio Reverendo, rica em volumes sobre história e literatura lusitana e hispânica, acabou por ser herdada pelo sobrinho, pelo que Southey conseguiu reunir em sua casa um número impressionante de obras desse teor. O escritor Thomas De Quincey (1785-1859) visitou um dia essa biblioteca e deixou-nos dela uma interessante descrição:

“The books were chiefly English, Spanish, and Portuguese; well selected, being the great cardinal classics of the three literatures; fine copies, and decorated externally with a reasonable elegance, so as to make them in harmony with the other embellishments of the room. This effect was aided by the horizontal arrangements upon brackets of many rare manuscripts — Spanish or Portuguese.”¹⁷³

Aliás, Southey chegou mesmo a planear a publicação de uma bibliografia relativa a Portugal, como confidenciou à amiga *Miss Barker*:

“It is a part of my plan to give an account of all the books which have been written concerning Portugal, and of their respective authors”.¹⁷⁴

O trabalho desenvolvido por Southey em prol da divulgação de Portugal em Inglaterra tomou outras formas, para além das já referidas *History of the Peninsular War* e *The History of Brazil*, pelo autor consideradas como “the great literary labours of my life”¹⁷⁵. Uma delas foi a do comentário político e social. À semelhança de Wordsworth, Coleridge, Shelley e Byron, também Southey se interessava por problemas dessa natureza, como deixou bem expresso nas páginas de diversos periódicos. Aos muitos escritos sobre assuntos candentes da actualidade inglesa vieram juntar-se aqueles em que aborda aspectos múltiplos do Portugal de então, quase sempre analisados à luz do nosso passado nacional. Pertencem a esta categoria um artigo sobre o *Observador Portuguez, Historico e Politico, de Lisboa, desde o dia 27 de Novembro do Anno de 1807, [...] até ao dia 15 de Setembro de 1808, em que foram expulsos, depois de batidos, os Francezes* (1809), outro sobre a Inquisição portuguesa e espanhola, e um terceiro que tem por título “Political and Moral State of Portugal”.

¹⁷³ In THOMAS DE QUINCEY, *Recollections of the Lakes and the Lake Poets*. Edited with an Introduction by David Wright. Harmondsworth, Penguin Books, 1980, pp. 237-238.

¹⁷⁴ Carta a *Miss Barker*, de 26 de Janeiro de 1805, in JOHN WOOD WARTER (ed.), *Selections from the Letters of Robert Southey*, edited by his son-in-law —. 4 vols. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856, vol. I, p. 313.

¹⁷⁵ Carta a John May, de 20 de Março de 1821, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 31.

that we have seen"¹⁸⁵; a *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia-Minor, Egypt &c. &c. from 1796 to 1801. With an historical sketch, and occasional reflections* (1807), de Francis Collins¹⁸⁶; e a *Lisbon in the Years 1821, 1822, and 1823* (1824), de Marianne Baillie (1795 ?-1831)¹⁸⁷, "a very agreeable book, and a very faithful one"¹⁸⁸.

Embora abundem nestes artigos trechos das obras que o autor se encontra no momento a apreciar — como era, de resto, comum nas recensões críticas da época, quase só compostas por paráfrases e citações —, Southey possui a particularidade de nunca se furtar a dar a sua opinião sobre os aspectos nelas abordados; e a segurança com que fala de tudo quanto se prende a Portugal mostra bem o quanto era conhecedor do assunto.

A colaboração de Southey em jornais e revistas foi bastante intensa, e são numerosos os artigos, anónimos ou assinados "T. Y."¹⁸⁹, que publicou. A razão de ser desta actividade reside, mais uma vez, em motivos de ordem económica, e muitas foram as ocasiões em que o autor exprimiu desagrado por este tipo de trabalho, a seu ver pouco criativo, mas rendoso.

Foi igualmente na imprensa periódica que Southey veio a chamar a atenção dos seus compatriotas para a literatura portuguesa, e também espanhola, que ele lamentava serem tão mal conhecidas em Inglaterra. Nos artigos que escreveu para *The Monthly Magazine* sobre este assunto¹⁹⁰, pretendeu "to give some account of the best Spanish and Portuguese poets, to analyze the plans of their most esteemed works, and translate such specimens as [...] may give some idea of the genius, taste, and manner of the authors."¹⁹¹

Este plano orientador não foi, contudo, plenamente realizado, pois ficou-se pela abordagem quase exclusiva da literatura espanhola. Foi antes em *The Quarterly Review*, em 1809, a propósito de um livro anónimo intitulado *Extractos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente accentuadas para facilitar o Estudo d'aquella Lingoa* (1808), publicado em Londres, que Southey viria a fazer um resumo da literatura portuguesa, destacando o que, a seu ver, há nela de mais significativo, desde os primórdios até à modernidade.¹⁹² No que diz respeito à prosa, lastima a inexistência de

¹⁸⁵ *In The Critical Review* (2nd series). London, printed by and for S. Hamilton, 1803 (June), vol. XXXVIII, p. 168.

¹⁸⁶ *In The Annual Review for 1807*. London, Printed for Longman, Hurt, Rees, and Orme, 1808, vol. VI, pp. 114-115.

¹⁸⁷ *In The Quarterly Review*. London, John Murray, 1825, vol. XXXI, n.º 62 (March), pp. 378-390.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 378.

¹⁸⁹ Trata-se, como se vê, de um aproveitamento das letras finais do seu nome: Robert Southey.

¹⁹⁰ Vd. *The Monthly Magazine*, 1796 (July), vol. II, pp. 451-453; 1796, (October), vol. II, pp. 697-700; 1798 (April), vol. V, pp. 275-276.

¹⁹¹ *In The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1796 (July), vol. II, p. 451.

¹⁹² *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1809, vol. I, n.º 2 (May), pp. 268-292.

ligação à literatura de viagens começou muito cedo: uma vista de olhos pelo rol de livros requisitados pelo autor durante os anos de 1793 a 1795 na Biblioteca de Bristol¹⁸⁰ chama de imediato a atenção para o facto de, já nessa altura, e a par de obras de história, filosofia, política, religião e poesia, figurarem outras relacionadas com viagens.

Não surpreende, portanto, que Southey tenha registado as impressões recolhidas ao longo das várias digressões turísticas que ele próprio empreendeu, quer na Grã-Bretanha, quer no Continente europeu. Curiosamente, porém — uma vez que a literatura de viagens era, na época, um dos géneros com mais procura por parte do público leitor, e Southey sempre se preocupou com os lucros que poderia auferir através da escrita, dado que esta era o seu único meio de subsistência —, apenas um dos seus relatos, *Letters*, foi publicado durante a vida do autor; todos os outros volumes só vieram a lume postumamente — *Journal of a Tour in the Netherlands in the Autumn of 1815* (1902), *Journal of a Tour in Scotland in 1819* (1929) e, finalmente, *Journals* (1960), em que relata a sua estada em Portugal nos anos de 1800-1801 e a sua visita a França em 1838.¹⁸¹

Mas a relação de Southey com os livros de viagens não se prende apenas com os de sua própria autoria; nos vários periódicos de que foi colaborador desenvolveu igualmente importante trabalho de divulgação de obras deste género, sobre o qual era considerado um especialista. Entre o vasto número de artigos escritos por Southey para *The Annual Review*, *The Critical Review*, *The Foreign Review* e *The Quarterly Review*, muitos são aqueles que o autor dedica à apreciação de volumes da mais diversa proveniência e sobre as mais diferenciadas paragens, quer próximas, quer longínquas.

De especial significado para nós são os artigos em que Southey aborda livros sobre viagens a Portugal, pois também neste campo o autor prestou um bom serviço ao nosso país. Estão neste caso as recensões a *A General View of the State of Portugal* (1798), de James Murphy¹⁸²; a *Travels in Portugal, and through France and Spain. With a dissertation on the Literature of Portugal, and Spanish and Portuguese Languages*, do médico, químico e naturalista Heinrich Friedrich Link (1767-1851)¹⁸³, relato traduzido do alemão¹⁸⁴ que Southey considerou “the most full, the most candid, and interesting account of Portugal

¹⁸⁰ Vd. GEORGE WHALLEY, *The British Library Borrowings of Southey and Coleridge 1793-98*. London, The Bibliographical Society, 1949.

¹⁸¹ Para além destes diários longos, há ainda a referir uns outros, muito mais breves, que escreveu durante pequenos passeios que deu em Inglaterra nos anos de 1799, 1800 e 1805, e que se encontram inseridos na sua obra intitulada *Common-Place Book* (1849-51).

Alguns dos poemas de Southey também são inspirados em viagens que fez, como é o caso de *The Poet's Pilgrimage to Waterloo* (1816).

¹⁸² In *The Critical Review* (2nd series). London, printed by and for S. Hamilton, 1798 (September), vol. XXIV, pp. 25-33.

¹⁸³ In *The Critical Review* (2nd series). London, printed by and for S. Hamilton, 1803 (June), vol. XXXVIII, pp. 157-168.

¹⁸⁴ O título original é o seguinte: *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*. 3 vols. Kiel, 1801-1804.

“That improvement of poetical language which in our country has with equal ignorance and absurdity been ascribed to Waller and to Pope, Camoens effected in Portuguese, nothing before him was so good, nothing after him has been better.”¹⁹⁸

Southey não se coíbe também de dar a sua opinião sobre duas das traduções inglesas de obras de Camões, *The Lusiad; or, The Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoëns*, de Mickle, e *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his Life and Writings, Notes &C. &C.* (1803), de Lord Strangford (1780-1855):

“Mickle has ornamented the Lusiad with a richness of description which is not to be found in the original, and Lord Strangford has given a character of licentiousness to his minor poems, of which the author is entirely innocent.”¹⁹⁹

Por várias vezes Southey exprimiu a sua admiração pela lírica camoniana, que ele considerava como do melhor que já se produzira dentro do género. Em artigo publicado em *The Annual Review*, no qual fez a recensão crítica do trabalho de Lord Strangford²⁰⁰, afirmou que os sonetos de Camões são “beyond comparison his best productions”²⁰¹, o que prova que Southey manteve a opinião que já em 1796 manifestara, segundo a qual a épica camoniana era muito inferior à poesia lírica.

É também naquele artigo de *The Annual Review* que estão incluídas traduções, anónimas embora, de alguns sonetos de Camões, as quais, dezassete anos mais tarde, John Adamson reproduziu em *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*, desta feita já com o nome do autor: Robert Southey. Aliás, Southey chegou mesmo a pensar editar um volume com as suas próprias traduções dos sonetos camonianos, mas esse projecto, como tantos outros, não chegou a concretizar-se.

Muito diferente, porém, da atitude tomada face à poesia lírica de Camões foi a posição de Southey no que diz respeito a *Os Lusíadas*. Já no prefácio à primeira edição do poema *Joan of Arc*, saído a público quando o autor se encontrava em Portugal, tornara claras as suas reticências em relação a algumas passagens da célebre epopeia:

“Against the machinery of Camoens, a heavier charge must be brought than that of profaneness or incongruity. His floating island is but a floating brothel, and no beauty can make atonement for licentiousness. The Lusiad, though excellent in parts, is uninteresting as a whole: it is read without interest, and remembered without pleasure.”²⁰²

¹⁹⁸ *Ibidem*, pp. 274-275.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 274.

²⁰⁰ *The Annual Review for 1803*. London, Printed for T. N. Longman and O. Rees, 1804, vol. II, pp. 569-577.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 574.

²⁰² *In Joan of Arc, an epic poem*. Bristol, 1796, p. VII.

romances modernos, falha que é, no entanto, compensada por duas obras de mérito superior:

“The boast of the fine literature of Portugal ought to have been Amadis of Gaul, which is among prose romances, what the Iliad is in heroic poetry, if it be not indeed more decidedly without a rival [...] Next in merit to Amadis, however wide the interval, is the Palmerin of Francisco de Moraes, a book which is considered as having perfected the prose language.”¹⁹³

Estes dois romances de cavalaria, *Amadis de Gaula e Palmeirim de Inglaterra*, que Southey nunca se cansou de enaltecer e cuja autoria portuguesa defendeu com calor, foram por ele divulgados junto do público do seu país através da tradução, em 1803, do primeiro deles, *Amadis of Gaul, by Vasco Lobeira. (From the Spanish version of Garciordonez de Montalvo, by R. Southey)*¹⁹⁴, e da edição, em 1807, do segundo, com correcções do próprio Southey: *Palmerin of England by F. de Moraes [also ascribed to L. Hurtado, originally translated by A. Munday, corrected by Robert Southey]*¹⁹⁵.

Ainda no mesmo artigo publicado em *The Quarterly Review*, Southey refere-se à pobreza do teatro português e à carência de livros de viagens, para a qual encontra uma explicação:

“There are no modern travels in the language, because the Portuguese, who visit foreign countries, return with freer opinions than would pass the ordeal of the Inquisition.”¹⁹⁶

Relembrando os antigos relatos de naufrágios e as descrições das terras longínquas que os portugueses atingiram durante o período das descobertas, Southey termina com um elogio rasgado aos cronistas do nosso país, que tão bem souberam fixar para a posteridade os acontecimentos da história nacional. Aliás, a enorme admiração que nutria por um deles, fê-lo desejar verter para a sua língua as obras de Fernão Lopes, “beyond comparison the best chronicler of any age or nation.”¹⁹⁷

Ao abordar a poesia, menciona o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, Francisco Sá de Miranda, António Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, D. Francisco Manuel de Melo, Manuel de Faria e Sousa, Correia Garção, António Dinis da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita e Francisco Dias Gomes, mas recusa-se a falar de Camões, por achar que ele, só por si, mereceria um artigo em separado. Mesmo assim, reconhece em breves linhas o seu valor no que diz respeito ao engrandecimento da língua portuguesa:

¹⁹³ *Ibidem*, p. 283.

¹⁹⁴ Este romance de cavalaria foi pela primeira vez traduzido para inglês por Anthony Munday, nos finais do século XVI.

¹⁹⁵ Na verdade, trata-se de uma revisão da versão inglesa de Anthony Munday, que, nos finais do século XVI, traduzira uma adaptação francesa deste romance de cavalaria.

¹⁹⁶ *In The Quarterly Review*. London, John Murray, 1809, vol. I, n.º 2 (May), p. 287.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 288.

Entre os muitos planos dramáticos de Southey, frutos de uma mente em constante ebulição, esteve, aliás, o de escrever sobre Inês de Castro e a vingança de D. Pedro I, para além do desejo de tratar outros temas, como D. Sebastião, os tormentos de uma família judaica em Portugal, vítima da Inquisição, e ainda “the Portuguese accused before the Inquisition of incest and murder.”²⁰⁷

Face a todas as falhas que Southey aponta em *Os Lusíadas*, a tradução de Mickle apresenta-se a seus olhos como superior ao poema português. No já citado artigo de *The Monthly Magazine*, em que o autor faz dela uma apreciação crítica²⁰⁸, Southey começa por discordar da escolha do tradutor, que optou por tomar liberdades com o texto, alterando-o e aumentando-o, em vez de reproduzir fielmente o sentido original — como, na opinião de Southey, devia ser um trabalho de tradução —, acabando, no entanto, por admitir que a versão inglesa é mais agradável de ler:

“However I may detract from Mr. Mickle’s merits as a faithful translator, I would give him all due praise as a poet; and a complete statement of what belongs to him, what to Camoens, would increase his reputation instead of impairing it. I never read a rhyme poem of any considerable length, that wearied me so little as the English *Lusiad*; the versification has the ease of Dryden without his negligence, and the harmony of Pope without his cloying sweetness.”

É ainda na primeira parte dessa recensão²⁰⁹ que Southey, mais uma vez, pretende colocar Camões num lugar inferior àquele que lhe é normalmente atribuído:

“Luis de Camoens is entitled the Prince of the Poets of Spain: I will not denounce the title. Mr. Mickle [...] raises him to a proud equality with Homer, and Virgil, and Milton; but Camoens must not be lifted up so high, neither must Homer, and Virgil, and Milton, be degraded into such company”.

Esta atitude crítica mostra bem o quanto Southey defendia os seus pontos de vista, indo contra tudo e todos, se preciso fosse. No caso da sua opinião sobre a grande epopeia de Camões, vemos que não se inibiu de exprimir publicamente o que pensava, mesmo sabendo que o seu juízo de valor se opunha ao reconhecimento generalizado da genialidade de *Os Lusíadas*. Sendo Southey uma figura prestigiada das letras inglesas, não podemos deixar de responsabilizá-lo, em

²⁰⁷ Cf. Carta a Grosvenor Charles Bedford, de 1 de Outubro de 1795, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 248.

²⁰⁸ *The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1797 (August), vol. IV, pp. 98-100.

²⁰⁹ *The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1796 (November), vol. II, pp. 787-789.

Mas foi na imprensa periódica que Southey explicou quais os motivos da sua desaprovação. Por um lado, escandalizava-o o erotismo do episódio da «Ilha dos Amores», aspecto que também lhe desagradou em *Amadis de Gaula* e em *Palmeirim de Inglaterra* e que se esforçou por apagar nas suas edições daqueles dois romances. Por outro, a forte admiração que nutria pelo passado histórico português fê-lo condenar todos aqueles elementos que se afastam da realidade dos factos, como sejam os mitológicos:

“As there are some themes too sacred for fiction, so are there others too important, and to which all that invention can add must necessarily be less interesting than the reality. There is no incident, in modern history more impressive than the voyage of Vasco da Gama; but to feel and comprehend it, it must be read with all its details in Castanheda or Barros where it comes to us with the deep and abiding interest of truth. The slightest admixture of fiction debases it like an alloy. The poet should touch upon it, not treat it at length.”²⁰³

Um outro episódio de *Os Lusíadas* que despertou o interesse de Southey e provocou críticas da sua parte foi o de Inês de Castro. Em artigo de *The Monthly Magazine*, publicado em 1797²⁰⁴, o autor chamou a atenção para a inverosimilhança do longo discurso que Inês profere em defesa própria:

“[...] now it is absurd to represent a woman agitated with such agonizing terror as Inez, making a long speech: the poet, as well as the painter, should know where to draw the veil.”

Southey apercebeu-se das virtualidades dramáticas da história dos amores de D. Pedro I e de D. Inês de Castro, tão do agrado dos escritores. “Perhaps no subject has more frequently been made the theme of Tragedy, than the death of Inez de Castro”, disse Southey na revisão crítica que fez à tragédia *Inez* (1796), de Charles Symmons.²⁰⁵ Lamenta, contudo, que o tema continue à espera de um dramaturgo que o trate com talento. Segundo o autor, a maneira mais adequada de o abordar seria concentrar a acção nos efeitos provocados em D. Pedro pela morte de D. Inês, e não na execução desta, como vinha sendo hábito.²⁰⁶

²⁰³ *In The Quarterly Review*. London, John Murray, 1822, vol. XXVII, n.º 53 (April), p. 20.

²⁰⁴ *The Monthly Magazine*. London, printed for R. Phillips, 1797 (August), vol. IV, pp. 98-100.

²⁰⁵ *The Critical Review* (2nd series). London, printed for A. Hamilton, 1798 (March), vol. XXII, pp. 326-330.

²⁰⁶ Cf. *The Quarterly Review*. London, John Murray, 1822, vol. XXVII, n.º 53 (April), p. 25. Note-se que este ponto de vista expresso por Southey é uma antecipação da atitude que os dramaturgos do século XIX vieram gradualmente a tomar, nomeadamente os portugueses do fim do século.

Apaixonado pela história e literatura dos países ibéricos, Southey foi considerado no seu tempo como um perito em assuntos peninsulares, vendo assim reconhecida publicamente a dedicação que a eles votou:

"[...] it was above all in illustrating the learning, the romantic poesy, the drama, and the authentic chronicles of the nations of the Spanish Peninsula, that he occupied the vantage ground of his strength. As a miscellaneous prose author he had few living equals; here he was confessedly unrivalled."²¹⁶

Admirado por uns — entre os quais se contaram Wordsworth, Coleridge e Walter Scott —, severamente criticado por outros, tanto pela obra literária como pela evolução das suas ideias políticas, do revolucionarismo para o conservantismo, Robert Southey foi, na sua época, um escritor de alta reputação, que a posteridade, em grande parte, esqueceu. Talvez que as palavras duras com que *Lord Byron*, o mais famoso dos seus detractores, dele falou, tenham contribuído em muito para que a sua obra fosse futuramente posta de lado, mas não deixa de ser significativo que até mesmo o autor de *Don Juan* — poema aliás ironicamente dedicado a Southey em 1818 — não tenha conseguido deixar de reconhecer nele "the only existing entire man of letters."²¹⁷

Foi este homem, que muitos elogiaram pelo porte digno e gentil, a natureza generosa e íntegra, a forte noção de responsabilidade e a extrema dedicação ao trabalho que, tendo desenvolvido um tão grande amor pela cultura portuguesa, chegou ao ponto de desejar um dia ter lugar na história da nossa literatura:

"[...] the true and zealous love which I feel for Portuguese literature, in which I am now as well versed as in that of my own country, and into which [...] I hope to be one day adopted."²¹⁸

Dois séculos passados sobre a sua primeira vinda a Portugal, nada mais justo do que recordar o seu importante trabalho a favor da divulgação do nosso país além-Mancha e atribuir-lhe um lugar de destaque na história das relações intelectuais luso-britânicas: o de primeiro lusófilo inglês.

²¹⁶ *In The Monthly Censor*. London, Printed for G. & W. B. Whittaker, 1823, vol. II, n.º 10 (March), p. 278.

²¹⁷ Palavras escritas no seu diário no dia 22 de Novembro de 1813: *Letters and Journals*. Edited by R. E. Prothero (1898-1901), vol. II, p. 331, *apud* LIONEL MADDEN (ed.), *Robert Southey — The Critical Heritage*. London and Boston, Routledge & Kegan Paul, 1972, p. 157.

²¹⁸ Carta a Grosvenor Charles Bedford, de 5 de Maio de 1807, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. III, p. 89.

parte, pelo pouco interesse que, a partir de então, o episódio camoniano de Inês de Castro tem despertado como fonte de inspiração para os escritores de além-Mancha.

Como se acabou de ver, foi vasto e importante o trabalho desenvolvido por Southey no âmbito dos estudos portugueses, aos quais se dedicou por inclinação natural e sem obter grandes compensações monetárias:

"Southey's Spanish and Portuguese books and studies were about the least remunerative of all his mostly ill-paid work."²¹⁰

Para além das muitas obras que chegou a escrever, ficaram por realizar diversos projectos, concebidos em várias fases da sua vida, que provam que Portugal representava para ele uma fonte inspiradora inesgotável. É através das cartas que deixou que se pode tomar conhecimento de alguns deles, a saber: um volume de poemas sobre a história dos países ibéricos²¹¹, um outro baseado nas suas viagens por Portugal e Espanha²¹², uma composição em verso tratando a descoberta da ilha da Madeira pelo inglês Robert Machin²¹³, e, o mais importante de todos, uma história das literaturas portuguesa e espanhola.²¹⁴

Também não é raro encontrar, em várias das obras de cariz diferente, reflexos da sua faceta de lusófilo, como é o caso do poema *Madoc*, cujas reminiscências portuguesas e espanholas foram já estudadas por Herbert G. Wright em artigo publicado em 1933 na *Review of English Studies — A Quarterly Journal of English Literature and the English Language* ²¹⁵.

²¹⁰ In GEORGE SAINTSBURY, *The Collected Essays and Papers 1875-1920*. London & Toronto, J. M. Dent & Sons Ltd.; New York, E. P. Dutton & Co., 1923, vol. I, p. 247.

²¹¹ Vd. Carta a Thomas Southey, de Dezembro de 1803, in KENNETH CURRY (ed.), *New Letters of Robert Southey*. Volume I: 1792-1810; volume II: 1811-1838. New York and London, Columbia University Press, 1965, vol. I, p. 343: "Some day perhaps I shall make up a volume of poems upon Spanish and Portuguese history."

²¹² Cf. Carta a Thomas Southey, de 31 de Março de 1797, in CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. I, p. 308.

²¹³ Vd. Carta a Thomas Southey, de 23 de Março de 1800: "Robert Southey's hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence", in *Journals*, p. 67. Esta lenda do descobrimento da ilha da Madeira pelo inglês Machin foi divulgada por D. Francisco Manuel de Melo: "Epanaphora amorosa", in *Epanaphoras de varta historia portugueza a elrei nosso senhor D. Affonso VI, em cinco relações de successos pertencentes a este reino, que contém negocios publicos, politicos, tragicos, amorsos, bellcos, triumphantes* (1660).

²¹⁴ Vd. Carta a John Rickman, de 9 de Janeiro de 1800. In CHARLES CUTHBERT SOUTHEY (ed.), *The Life & Correspondence of the Late Robert Southey*, edited by His Son the Reverend —. 6 vols. London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1849-50, vol. II, p. 45.

²¹⁵ "Three aspects of Southey", in *Review of English Studies — A Quarterly Journal of English Literature and the English Language*. Edited by R. B. McKerrow. London, Sidgwick & Jackson, Ltd., 1933, vol. IX, n.º 33 (January), pp. 40-46.

vários livreiros as tinham à venda. Apesar de estarmos impossibilitados de saber qual a edição ou tradução, visto não virem referidas na lista, estas inclusões provam uma certa divulgação de uma obra que, na época, tinha já um público leitor — ainda que restrito — em Portugal.

Existe, no entanto, uma prova mais antiga da existência de edições de Shakespeare à venda em Lisboa e no Porto. Na Biblioteca Nacional de Lisboa estão guardados dois catálogos das lojas da Imprensa Régia, de 1771 e 1772, que incluem cada um duas edições de Shakespeare³. Uma, em inglês, tem dez volumes e foi publicada em Edimburgo em 1767⁴; a outra, em francês, é a tradução de Antoine de Laplace, publicada em 1746⁵. Podemos pois concluir que, não sendo em absoluto desconhecido, o poeta inglês não vira ainda a sua obra amplamente divulgada entre nós.

A recepção da obra de Shakespeare em Portugal fez-se em várias etapas, cada uma delas com as suas características próprias — e a segunda metade do século XVIII assistiu a algumas iniciativas esporádicas e sem seguimento, mais reveladoras de gostos e interesses literários pessoais do que de um real conhecimento da obra no nosso país. Se a primeira fase se apresenta constituída por iniciativas dispersas, outro tanto não acontece no que poderemos chamar a segunda fase da recepção de Shakespeare que, ao contrário da primeira, tem um aspecto unificador.

Aquilo a que chamámos a primeira fase de recepção de Shakespeare, estende-se desde 1762, data da publicação da *Gazeta Literária* do padre português Bernardo de Lima, até ao início da década de 20 do século XIX e traduz-se, entre outras iniciativas⁶, por breves análises à personalidade literária de Shakespeare feitas no primeiro periódico literário publicado em Portugal por Frei Bernardo de Lima⁷, na tradução de um excerto da peça *As You Like It*⁸ da autoria de José Anastácio da Cunha⁹, numa tradução completa da tragédia *Othello*,

³ *Catalogo de livros que se vendem por seus justos preços na Loge da Impressão Regia sita Praça do Commercio*. Pelo seu Administrador Francisco de Paula da Arrabida em Janeiro 1771. Lisboa, Com licença da Real Meza Censoria. Cota da BNL: B 288 P.

⁴ *Shakespeare's plays with corrections and illustrations from varlous commentators*. Edinburgh, 1767, 10 vol., 12°. Preço 5\$600/6\$800. A referência surge na página 88 da secção de PHILOLOGIA do catálogo.

⁵ *Le Theatre Anglois de Shakespeare*. Londres, 1746, 8 vol.s, 12°. Preço 3\$600. A referência aparece na secção CLASSIS V. PHILOLOGIA, AUCTORES CLASSICI na página 170.

⁶ Carlos Estorninho em «Shakespeare na Literatura Portuguesa», sep. da Revista *Ocidente*, vol. LXVII, N.º 317, Lisboa, Setembro de 1964, pp. 114-124, lista uma série de obras cuja fonte terá sido Shakespeare.

⁷ Frei Bernardo de Lima, *Gazeta Literária*, vol. I, recensão das obras «Conversações Familiares sobre a eloquência do pulpito», pp. 110-127 e «Verdadeiro Methodo de Pregar», pp. 135-151, Porto, Junho 1762.

⁸ O excerto traduzido, conhecido por «The Seven Ages of Man», situa-se no acto 2, cena 7, vv. 184-196. A tradução foi publicada por Hernâni Cidade em *A Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha*, p. 116.

⁹ Hernâni Cidade em *A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha* estuda o seu trabalho de tradução e refere, quanto a Shakespeare que «De Shakespeare traduz pouco.

OTHELLO ESTREIA-SE NO PALCO PORTUGUÊS...

Maria João da Rocha Afonso

Até ao início do século XIX, Portugal prestou relativamente pouca atenção a William Shakespeare. Não existem registos suficientemente extensos que nos permitam saber com um mínimo de certeza quais as edições, versões ou traduções das obras de Shakespeare que circulavam em Portugal na época. A única fonte de informação de que dispomos são os registos da Real Meza Censória, conservados na Torre do Tombo, consistindo em listas de títulos que os livreiros tinham de enviar àquele organismo com o fim de obterem licença para a sua importação. Apesar de estarem longe de se poderem considerar completos — a consulta de anúncios de jornais da época refere outros títulos e faltam listas de muitos anos e de alguns livreiros — estes registos desenham um esboço do que era o negócio livreiro em Portugal na época ¹.

O registo mais antigo dos guardados entre a documentação da Real Meza Censória que a Torre do Tombo conserva, referente à importação das obras de Shakespeare, data de 1799 ², ano em que

¹ Manuela D. Domingos, «Os Catálogos de Livreiros como fontes da História do Livro: O Caso dos Reycend». Lisboa, Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, S.2, Vol.4 (1), 1989, pp. 83-102. Neste artigo a autora esboça um quadro do panorama do comércio livreiro em Portugal a partir de 1732, referindo a elaboração de catálogos (a partir de 1741 quando é editado o primeiro catálogo do estabelecimento de José Reycend) e anúncios na *Gazeta de Lisboa* como forma de divulgação de títulos disponíveis. Apesar de centrado na figura de José Reycend o artigo refere ainda outras casas de Lisboa e Porto. Maria Adelaide de Azevedo Melreles, *A Actividade Livreira no Porto no Século XVII. (Contribuição para o seu Estudo)*, Porto, 1982, faz um levantamento da actividade livreira, indicando ainda como fontes para o conhecimento das obras impressas e vendidas no Porto os periódicos e os catálogos das várias casas. Consultadas as duas autoras acerca da possível existência de obras de Shakespeare incluídas nos folhetos que estudaram, nenhuma indicou a existência de qualquer entrada anterior a 1771.

² Os *Catálogos de Despachos sobre o Exame de Livros para Entrada no Reino provenientes de Inglaterra* não estão completos mas incluem registos dos anos 1769-1770, 1774-1777, 1779 e 1797-1805. A primeira importação das obras de Shakespeare mencionada data de 14 de Dezembro de 1799 e está incluída numa lista da Casa Borel e Borel e C.ª: *Theatro de Shakespear*, 9 vol.. Tem a menção de aprovado.

cerca de dez versos da referida versão francesa transformando-os em vinte e quatro e 1856, data da «Imitação» de Luís Augusto Rebelo da Silva: *Othello ou O Mouro de Veneza. Tragédia em 5 actos* ¹⁴, que é a última versão que se conhece executada a partir de Ducis.

Provavelmente da mesma década será o manuscrito anónimo que se encontra no arquivo do Teatro Nacional de D. Maria II: *Othello ou o Mouro de Veneza. Imitação do original de Schakespeare* [sic] ¹⁵. Tem apenas 3 actos e a peça não está completa. O terceiro acto termina com a discussão entre Othello e Desdémona em que aquele exige à esposa que lhe mostre o lenço por si oferecido. Apesar da importância que o texto de Ducis ainda tinha nos anos 50, esta tradução é feita a partir do inglês. O autor do manuscrito elimina as duas cenas iniciais e começa o seu trabalho a partir da terceira cena do primeiro acto, ou seja, da reunião dos nobres e militares de Veneza com o Duque para discutir a guerra com Chipre. Esta cena serve também de ponto de partida para Ducis, o que nos poderia levar a pôr a hipótese de o seu texto ter servido de fonte para este trabalho mas, no caso do manuscrito em questão, um cotejo dos textos, mesmo superficial, prova facilmente a origem inglesa do texto. Para além disso, a lista de personagens, se bem que não inclua a totalidade das figuras criadas por Shakespeare, é feita a partir deste e não das personagens de Ducis.

Entre estas duas balizas ficam iniciativas várias apoiadas na versão de Ducis, devendo-se a primeira, em termos cronológicos, a uma companhia francesa «de declamação e dança» ¹⁶ que veio trabalhar no teatro do Salitre e que era dirigida, segundo Gustavo de Matos Sequeira ¹⁷, por Mr. Jourdain. A chegada da companhia a Lisboa fora noticiada pelo *Diário do Governo* de 31 de Agosto de 1822 numa nota onde se misturavam elogios ao mérito dos autores a apresentar e recomendações ao público lisboeta, habituado que estava a manifestar as suas opiniões durante o decorrer dos espectáculos:

Ha apenas onto [sic] dias que chegou a esta Capital a Companhia do Theatro Francez, e já podemos annunciar ao publico a abertura daquelle Theatro [do Salitre]. Nada diremos por ora do merecimento dos actores, bem que muitos delles tenham figurado nos principaes theatros de França; esperaremos, que a experiencia nos convença de que elles merecem sempre a opinião que havião grangeado, para então tributarmos os elogios devidos ao talento. Entretanto, julgamos conveniente observar, que o publico não

¹⁴ Carlos Estorninho, *op. cit.*, p. 117.

¹⁵ O manuscrito foi registado no Arquivo do Teatro Nacional de D. Maria II sob o número 140, pasta 63. Não está datado e tem 39 páginas. É Carlos Estorninho, *op. cit.*, p. 117, quem propõe a datação apresentada.

¹⁶ Sousa Bastos, «Theatros e outras casas de espectáculo antigas e modernas», *Diccionario do theatro portuguez*, p. 362.

¹⁷ «O Teatro de São Roque», *Teatro de Outros Tempos*, p. 415.

manuscrita, mantida inédita, executada por um cônego do Cabido da Sé do Porto, Simão de Melo Brandão ¹⁰, em referências nas obras da Marquesa de Alorna e de Manuel de Figueiredo ¹¹ que, no entanto, e apesar da admiração demonstrada em vários passos, nunca traduziu Shakespeare ao contrário do que fez, por exemplo, com Corneille e Addison, e, em 1798, na apresentação de uma ópera de tema Shakespeareano (*Giulietta e Romeo*, de Zingarelli que a compôs em 1796) no Real Theatro de São Carlos de Lisboa ¹².

Contrariamente ao que acontece com a primeira fase de recepção de Shakespeare, a segunda fase organiza-se de forma muito especial em torno não da obra do autor inglês ou de alguma tradução portuguesa, como na época anterior, mas a partir de um texto que, se bem que reclamando-se «herdeiro» de Shakespeare, apresenta características muito próprias, que o afastam de forma indesmentível da sua fonte: referimo-nos à versão de Jean-François Ducis, *Othello ou le More de Venise*.

Após um hiato de alguns anos, podemos situar a segunda fase da recepção de Shakespeare em Portugal entre os anos de 1819-20, altura em que segundo Ofélia Paiva Monteiro ¹³, Garrett terá adaptado

Não é tal tradução, mas a carta do major Frazer que nos informa do entusiasmo do poeta por essa formidável força da natureza que foi o génio inglês, indócil aos regulamentos como a lava dos vulcões» (p. CXXIII). Em *O Investigador Portuguez em Inglaterra*, Londres, Julho 1812, vol. iv, N.º XIII, pp. 30-32, Vicente Pedro Nolasco refere a obra tradutória de Anastácio da Cunha, transcrevendo uma carta de «um cavalheiro inglez» (o major Frazer) onde se refere que «Com seos amigos algumas vezes repete algumas das melhores obras de nossos poetas Inglezes, particularmente Shakespeare», (p. 32).

¹⁰ Este texto, manuscrito, que se encontra guardado na sala Jorge de Faria da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é referido por Carlos Estorninho em *op. cit.*, p. 114-115, Maria do Céu Saraiva Jorge, *Shakespeare e Portugal*, dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1941 e Maria João da Rocha Afonso «Simão de Melo Brandão and the First Portuguese Version of "Othello"», *Romantic Shakespeares*, Dirk Delabastita e Lieven D'Hulst (ed.), 1993, pp. 129-146.

¹¹ No «Discurso Inicial» do tomo iv do seu *Teatro* (publicado postumamente pelo irmão), este autor defende a inclusão de um número que outros consideraram exagerado de personagens, utilizando Shakespeare como exemplo: «Mas a um Estrangeiro que é dos poucos homens de propósito que se fazem respeitar no mundo por tal, não lhe causaram a mesma estranheza os quinze ou dezassets interlocutores, sendo Shakespeare o seu Dramático valido, que os mete às dúzias nas suas fábulas?» Maria do Céu Saraiva Jorge em «As primeiras referências a Shakespeare na Literatura Portuguesa», *Revista Ocidente*, Volume LXVI, 1960, pp. 253-260, analisa brevemente a posição de Manuel de Figueiredo face à obra de Shakespeare. Antes dela já Fidelino de Figueiredo o fizera também em «Shakespeare e Garrett», *Revista da Universidade de S. Paulo*, N.º 1, 1950, pp. 11-12.

¹² Fonseca Benevides em *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, volume I, página 46 refere que em 1798 foram representadas «pela primeira vez as seguintes operas: [...] *Giulietta e Romeo*, de Zingarelli, no verão, pelos mesmos». «Os mesmos» eram Crescentini, Zamperini, Grilli, Lazzarini, Spadolini e Bonnini, todos contratados pelo empresário Francisco Lodi que à época detinha a concessão do teatro. Também Carl Israel Ruders em *Viagem em Portugal, 1798-1802*, na carta VIII, refere esta ópera, considerando-a «Entre as melhores tragédias» que se representam em S. Carlos.

¹³ *A Formação de Almeida Garret. Experiência e Criação*, vol. I, p. 432, Nota 69.

lista por trás daquele pseudónimo, acrescentando que era autor de «folhetins no Periodico dos Pobres»²¹ e:

O folhetinista, em sentido humorístico, de crítica desapiedada aos políticos da época, foi, desde 1838, José de Sousa Bandeira, que, com o pseudónimo de Braz Tizana, ali colaborou durante muitos anos, até 1851, ano em que se desligou dos compromissos que tinha neste jornal e foi fundar periódico seu, dando-lhe como título o pseudónimo de que usava.²²

Nascido em Lisboa, em 1787, dois anos antes da Revolução Francesa cujo ideário o viria a influenciar profundamente, José de Sousa Bandeira estudou Direito, tendo obtido o grau de bacharel. Deixemos que seja o seu biógrafo, Custódio José Vieira, a contar o que foram os primeiros anos da vida deste homem:

Não sei se Bandeira, pae, era do número d'esses [os que serviram o governo de Junot], o que sei é que em 1808 foi elle com a sua familia para Guimarães exercer o officio de escrivão do geral, para que tinha sido nomeado pelo principe regente D. João, mas parece que de ahi a pouco accomettera molestia que o impossibilitara de trabalhar, sendo por isso substituído por seu filho, que, repartindo o tempo entre as funcções do cargo e os cuidados do estudo, nem deixava de occorrer ás despesas da casa nem de satisfazer ás necessidades do seu espirito.

Estudante distincto, tornaram-se-lhe familiares as humanidades. O tempo que decorrera desde 1808 até 1820 derivara-se-lhe placido e sereno, apesar das lutas e agitações da epoca em que não tomou parte activa, mas que o não deixaram ocioso, porque, de animo vivo e impressionavel, não havia lance que lhe não provasse a sensibilidade e não concorresse para lhe amadurecer a observação e a experiencia.²³

Em 1820, quando rebentou a revolução do Porto, Sousa Bandeira, que ainda nas palavras do autor citado, «estava no vigor da idade e do saber», «applaudiu-a com toda a força de uma convicção inabalavel, com todo o ardor de um apostolado sincero»²⁴. Liberal convicto, defendeu as suas ideias com a pena tendo fundado em Guimarães, onde residia, o primeiro periódico daquela cidade: o *Azemel Vimara-*

²¹ Alberto Bessa, «Pseudonimos Portuenses», *Tripetro*, 2.^a Série, vol. I, n.º 2 (110) 15.1.1919, p. 26.

²² Alberto Bessa, «Jornaes da minha Terra», *Tripetro*, 3.^a série, vol. I, n.º 6 (126), 15.3.1926, p. 82.

²³ Custódio José Vieira, «Biographia de José de Souza Bandeira», *Esclptos Humoristicos do Fallecido José de Souza Bandeira*, pp. 9-10.

²⁴ *Idem, ibidem*, pp. 26-7.

devera estranhar, se durante a representação os actores não manifestarem o seu reconhecimento para com elle, pelos applausos que hajão por bem dar-lhes; por isso que a representação de pssoas [sic] serias não admitte nenhuma demonstração que possa destruir a illusão necessaria e tão recommendada pelos melhores authores tanto tragicos como comicos.

Seria pois mui injusto da parte de qualquer, o considerar como huma falta de respeito para com o publico, o que só se deverá attribuir ao desejo de bem desempenhar o seu dever.

A companhia apresentou em Lisboa um reportório extenso e variado, constituído exclusivamente por obras de autores franceses. No entanto, é a este grupo que devemos o primeiro contacto teatral ¹⁸ do público português com *Othello*, se bem que, como já foi referido, na versão de Ducis, conforme o anúncio que surge na página 4 do *Diário do Governo* N.º 244, de 16 de Outubro de 1822:

Quarta feira 16 de Outubro a Companhia Franceza dará huma 1.^a representação de Othello ou le Maure de Venise; Tragedia em 5 actos e em versos de Ducis seguindo-se-lhe Le Solliciteur ou L'art d'obtenir des Places vaudeville em 1 acto.

Esta companhia apresentara já em 31 de Agosto e 1 de Outubro do mesmo ano, e também na versão de Ducis, a tragédia *Hamlet*:

Sabbado 31 de Agosto, a Companhia Franceza fará sua abertura pela bella Tragedia de *Hamlet* em 5 actos e em versos composta por Ducis, seguindo-se-lhe a jocosa Comedia *des Estourdis* (os Estouvados) em 3 actos e em verso por Mr. Andrieux.

Domingo 1.º representar-se-ha o Tartuffe do célebre Molierè [sic] assim como a Comedia Lamberg de Calais. ¹⁹

O segundo contacto do público português com a história de *Othello* aconteceu em 1834, ano em que uma tradução portuguesa da tragédia de Ducis foi representada no teatro de S. João no Porto. Deve-se muito provavelmente a iniciativa ao jornalista José de Sousa Bandeira ²⁰, figura que, se bem que controversa, viria a ser muito conhecida e respeitada no Porto quer pela sua colaboração no *Periódico dos Pobres do Porto*, quer pelo jornal que veio a fundar e a que deu por título o pseudónimo que usara naquele periódico: *Braz Tizana*. Alberto Bessa, em *Pseudónimos Portuenses* identifica o jorna-

¹⁸ Dizemos teatral uma vez que o enredo e as personagens eram já conhecidas em Lisboa devido ao retumbante sucesso que a ópera *Otelo* de Rossini tivera em 1820, ano em que estreou no Teatro de S. Carlos.

¹⁹ *Diário do Governo* de 31 de Agosto de 1822, p. 1528.

²⁰ É Jorge de Faria em *Do Otelo de Símão Brandão ao Otelo de de D. Luís I* que faz esta ligação, e todos os elementos de que dispomos concorrem para a sua confirmação.

produção dramática como ella merece e o seu traductor-ampleador.

A peça a que o jornal se refere é, sem dúvida, a que Custódio Vieira cita erroneamente como *O Rei em Férias*, cujo original — *Un mois en vacances* — se deve a Pierre Joseph Chavrin e Paul Menissier ²⁷. A propósito da má recepção da peça o biógrafo conta a reacção bem disposta de Sousa Bandeira a alguém que lamentava o facto: «Eu mesmo estive para a patear» ²⁸.

É interessante verificar que nem Vieira, nem qualquer outro dos autores consultados e já referidos na recolha de elementos sobre o jornalista, referem a tradução da peça que nos ocupa: *Othello*. O próprio programa do espectáculo apresentado no Teatro de S. João omite o nome do tradutor: «o interessante Drama denominado *Othello*, o *Mouro de Veneza*» cujo «argumento [...] he já conhecido do respeitavel Público, que tem presenciado neste Theatro mesmo várias outras Peças de igual assumpto, tanto em musica como em declamação ²⁹; mas o enredo em todas ellas, posto que tenda ao mesmo fim, he diverso» ³⁰. Segue-se um resumo do enredo e, no fim do texto, a referência ao autor: Shakespeare. No entanto, Sousa Bandeira (se, como cremos, foi ele o autor da versão utilizada neste espectáculo) não trabalhou a partir do texto inglês mas sim, como foi já referido, da versão de Ducis. Quer a leitura da sinopse apresentada quer o nome da heroína — Edelmira — apontam para a peça francesa, em que Desdémone foi rebaptizada de Hedelmone. Para além disso, a consulta do *Catalogo da Livraria do fallecido José de Sousa Bandeira* permite-nos saber que, se bem que o jornalista possuísse obras de variados autores dramáticos que vão de Sófocles a Garrett, de Voltaire a Goethe, passando por uma série de antologias, miscelâneas e obras de autores portugueses e estrangeiros, Shakespeare não se encontra entre eles. Pelo contrário, encontramos, com o número 257 «*Oeuvres de J.T.[sic] Ducis, 1834, tres vol.*»³¹ e, com o número 386 «*Othello ou o muro [sic] de Veneza, tragedia, José de Sousa Bandeira, 1830, um vol.*» ³².

²⁷ João Jardim de Vilhena, «Uma Récita no teatro de S. João em 1838», *O Tripetro*, N.º 7, V Série, ano VII, Novembro 1951, p. 152. Neste artigo o autor descreve com grande pormenor as peripécias que rodearam a apresentação do texto e as razões políticas que levaram, primeiro, à proibição de o levar à cena e, posteriormente, à autorização de uma récita única. No entanto, Vilhena ignora o nome do tradutor.

²⁸ *Op. cit.*, p. 83.

²⁹ Cremos tratar-se de uma referência à obra de Rossini, cuja Abertura era frequentemente tocada em variados espectáculos quer no Porto quer em Lisboa. A referência a outras peças declamadas «com igual assumpto» poderá estar ligada a *Zaire* de Voltaire, que tem grandes pontos em comum com a obra de Shakespeare e que foi muito popular em Portugal na viragem do século.

³⁰ Este programa encontra-se no Arquivo do Teatro Nacional de D. Maria II, na pasta 787, relativa aos anos de 1822 a 1835, na cidade do Porto.

³¹ *Catalogo*, p. 11.

³² *Catalogo*, p. 17.

nense²⁵. A seguir à Vilafrancada, foi preso e levado para a cadeia da Relação do Porto, onde se manteve até ser levado para o forte de S. Julião da Barra, de onde foi libertado após a entrada do Duque da Terceira em Lisboa. Vai para o Porto, onde se emprega na Polícia, regressando algum tempo mais tarde a Guimarães, onde retoma a sua actividade política em defesa dos valores liberais, mantendo-se, ao mesmo tempo como escrivão da cidade. A vida e carreira de Sousa Bandeira acompanham os sobressaltos políticos do seu tempo. José Tengarrinha descreve assim este período da vida do jornalista:

Vários jornalistas sofreram então graves perseguições — entre eles recorda-se José de Sousa Bandeira, que, devido ao entusiasmo com que defendeu os princípios liberais no seu periódico *O Azemel Vimaranense* foi «condenado a sofrer morte natural na força» por sentença proferida a 18 de Setembro de 1829; conseguiu andar fugido no Porto até que aí foi descoberto e preso, vindo para S. Julião da Barra, onde sofreu atroz cativeiro, que só terminou com a entrada em Lisboa do exército liberal.²⁶

Depois da Revolução de Setembro de 1842 foi transferido para o tribunal do Comércio do Porto, depois para uma vara cível e, finalmente, para a Relação. Nunca aceitou distinções honoríficas e acabou por morrer pobre, em 1864, com 74 anos de idade.

A actividade literária de Sousa Bandeira exerceu-se, como vimos, essencialmente nos jornais: para além dos já citados colaborou ainda com *O Artilheiro* deixando em todos textos escritos numa prosa fácil, bem humorada, muitas vezes com um acerbo tom de crítica, sobretudo política. No entanto, tentou outro género: o dramático. É autor de três peças de teatro: *O Rei em Férias*, *O Sino das Duas Horas* e *O Carcereiro*. A primeira foi levada por várias vezes à cena no Teatro de S. João do Porto. *O Periódico dos Pobres do Porto* dá a notícia:

Hoje 4.^a feira 6 de Julho [1842], representar-se-ha o grande Drama em 4 actos — UM MEZ DE FÉRIAS — Esta peça foi traduzida, e apropriada ao Theatro Portuguez pelo Sr. José de Sousa Bandeira.

Representou-se já neste mesmo Theatro, e apesar de uma acintosa animosidade, de quem não a entendia, a Peça foi recebida e sustentada com os applausos da quasi totalidade da Assemblea. Por essa occasião forão cortadas algumas scenas, mas hoje representa-se tal qual foi escrita e se acha impressa. O público por certo acolherá esta

²⁵ Alberto V. Braga, «Jornalismo Vimaranense», *Curiosidades de Guimarães*, VII, descreve pormenorizadamente o que foi a história deste periódico que, contrariamente ao que indica José Manuel Tengarrinha, incluiu a sua publicação em Outubro de 1822. Segundo A. Braga o jornal terá aparecido «com o juramento da Constituição» e terminado «em meados do ano seguinte logo após a Vilafrancada» (p. 30). Segundo ainda o mesmo autor, «nenhuma biblioteca do País possui a colecção completa deste jornal», sendo que a Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, tem no seu acervo sete números do que calcula ter sido um total de cerca de 30 ou 32 ao longo dos dois anos em que foi publicado.

²⁶ José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, p. 142.

No dia 23 de Fevereiro de 1835, em Guimarães, um grupo de estudantes repõe o texto de Sousa Bandeira num teatro particular existente na cidade — o teatro do Conde de Vila Pouca, de que encontramos uma breve descrição na obra do P^r Ferreira Caldas:

Mais modernamente havia o theatro do conde de Villa Pouca, que ficava nas suas casas, hoje armazem de vinhos maduros, junto á margem esquerda do rio do Campo da Feira, rua Nova de Villa Pouca n.º 1,3,5, e onde por muito tempo se deram espectaculos publicos.³³

Deste espectáculo nos dá notícia João Lopes de Faria na sua obra *Ephemerides Vimaraneses*³⁴:

1835 — Á noite os estudantes representam no Theatro de Villa Pouca a tragedia = Othello = sendo o desempenho soffrivel e a concorrencia grande. A 1 de Março repetiu-se por curiosos. P. L. — (Os curiosos seriam os mesmos estudantes?)³⁵

No dia 1 de Março, e ainda segundo a mesma obra, deu-se a «repetição da tragedia de Othello, representada por varios curiosos. P. L.» Aparentemente as representações foram bastante apreciadas pois «de ambas as vezes tiveram sempre enchentes e grandes ovações pelo seu bom desempenho»³⁶.

Se a estes elementos juntarmos as informações fornecidas por J. J. da S. Pereira-Caldas num artigo a propósito do fascínio que sobre um inglês de nome Bond exercera *Zaire* de Voltaire, texto aquele publicado em *O Pirata*, em 1851, completaremos o quadro:

Desdemona para nós ainda tão cara, quanto nos recordamos ainda, de que fôra no Othello, que pela primeira vez estrearamos o palco scenico, em Guimarães, por occasião de se representar no theatro academico o Othello, que traduzira excelentemente um nosso especial amigo, o bem conhecido barbeiro dos Pobres, José de Sousa Bandeira.³⁷

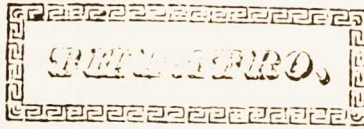
³³ P^r Antonio José Ferreira Caldas, *GUIMARÃES. Apontamentos para a sua historia*, pp. 154-5.

³⁴ Esta obra consiste em quatro volumes manuscritos organizados por meses. O primeiro volume vai de Janeiro a Março, o segundo de Abril a Junho, o terceiro de Julho a Setembro e o quarto de Outubro a Dezembro. Dentro de cada volume, as páginas estão ordenadas segundo os dias do mês e cada entrada é aberta pelo ano a que se refere. Todas as páginas estão assinadas pelo autor. Esta obra fornece um quadro de extrema importância e interesse da vida de Guimarães durante o séc. XIX. Teve por base, segundo informação prestada pelo Dr. Amaro das Neves, da Sociedade Martins Sarmiento onde, por doação feita pelo autor em 1933, está depositado o manuscrito, o diário de José Pereira Lopes, que cobre os anos de 1819 a 1851, tendo Lopes de Faria feito a recolha dos dados relativos aos outros anos.

³⁵ *Op. cit.*, vol. I, p. 184v.

³⁶ Alberto V. Braga, «Teatro Vimaraneses», *Curtosidades de Guimarães*, V, p. 60. Nota.

³⁷ «Bond e a Zaira», *O Pirata. Jornal Critico-litterario*, 1.ª serie, Tomo I, N.º 47, Anno I de 1 de Fevereiro de 1851, pp. 369-372.



DESCRIÇÃO

DO ESPECTACULO

que hade pôr-se em scena

no dia *Quarta feira* 12 de *Novembro*

EM BENEFICIO DE

José Pinto Soares,

e

José Maria,

cujo Espectaculo he o seguinte:

Depois de huma magestosa Synfonia de abertura representar-se-há o interessante Drama denominado:

Othello,

C

MOURO DE VENEZA.

O argumento desta Peça he já conhecido do respeitavel Público, que tem presenciado neste Theatro mesmo várias outras Peças de igual assumpto, tanto em

Página de rosto do programa do espectáculo apresentado
no Teatro de S. João no Porto, em 1834.

com modéstia e era bem considerado pelos seus contemporâneos. Autor dramático, foi também poeta, tendo a sua obra sido recompensada com a sucessão de Voltaire na Academia Francesa quando este morreu. Veio a morrer no dia 31 de Março de 1816, na mesma casa onde nascera, vitimado por uma doença da garganta. Os amigos fizeram cunhar uma medalha com a seguinte legenda: «L'accord d'un grand génie et d'un beau caractère»⁴⁰. É o próprio autor quem se nos dá a conhecer:

Sans le prévoir, Jean-François fut auteur;
La tragédie eut pour lui mille charmes:
Trop loin peut-être il porta la terreur,
Et la pitié douce, source des larmes.
[...]
Son cœur surtout aima la vérité.
Rarement triste, et souvent attristé,
Plus d'un malheur exerça son courage,
Plus d'un chagrin sa sensibilité.
Sage, il aima la sage liberté:
Il détestait plus que tout l'esclavage.
Vieux, sa vieillesse eut l'esprit de son âge.
Pour des monts d'or il n'eût point fait un pas.
Pour lui, détour, ruse, étaient lettre close;
De toute intrigue il vécut ennemi.⁴¹

Apesar de não saber inglês, Ducis foi grande admirador de Shakespeare, que conhecia através das traduções de Laplace e Letourneur, e o seu entusiasmo levou-o a adaptar Shakespeare, transformando-o de acordo com os critérios e os gostos do seu tempo que consideravam que Shakespeare era senhor de um «génie brut et désordonné, mais quelquefois sublime»⁴².

Ducis, numa carta de 11 de Dezembro de 1783⁴³, refere ter começado a trabalhar no texto de *Othello*. No entanto, foi preciso esperar até 1792 para que o público pudesse finalmente ter acesso à tragédia. Protagonizada por Talma e Mlle. Desgarcins, a peça obteve grande sucesso junto do público, se bem que com algumas restrições. A peça tinha a seu favor — e dado o contexto político — o facto de ter como herói um elemento do povo que, pelos seus feitos, se elevara na escala social até se encontrar em pé de igualdade com os nobres governantes de Veneza, mas tinha contra si a morte violenta e injusta da heroína. Os protestos quanto a este ponto foram de tal modo insistentes que Ducis se viu na contingência de ter de a salvar e, na

⁴⁰ M. Lepeintre, «Notice sur Ducis», *Sulte du Répertoire du Théâtre Français*, 1823, pp. 2-17.

⁴¹ Citado por Lepeintre, *op. cit.*, p. 17.

⁴² V. Campenon, *Essais de mémoires, ou lettres sur la vie, le caractère et les écrits de J.-F. Ducis*, citado por Margaret Gilman, «Othello on the Stage: Ducis», *Othello in French*, p. 56.

⁴³ P. Albert, *Lettres de Jean-François Ducis*, 1879, p. 71.

Do texto de José de Sousa Bandeira não resta, que se saiba, nenhuma cópia; daí não podermos avaliar das suas qualidades. Tal facto deve-se talvez à infeliz coincidência de ambos os teatros onde foi levado à cena terem ardido, não se salvando em nenhum dos casos o acervo documental que possuíam.

O teatro de Guimarães ardeu, e, ainda segundo João Lopes de Faria ³⁸, na noite de 18 de Janeiro de 1841:

1841 — Na noite de hoje para amanhã foi incendiado o theatro d'esta villa por acinte, em consequencia do Barão de Villa Pouca (senhor do theatro) o ter negado a uns curiosos que queriam repetir n'elle uma peça que poucos dias antes tinham apresentado em scena. Ao incendio só acodiram os empregados da Bomba; pois os immensos habitantes da villa que se dirigiram para o sitio donde se dizia que era o fogo, logo que viram que era no theatro se conservaram meros espectadores, fazendo pouco caso que o theatro ardesse, não porque elles em outros casos semelhantes não mostrassem energia em fazer cessar os estragos que sempre costuma fazer este devorador elemento quando se assenhora de qualquer edificio, mas pelas poucas sympathias que n'esta villa tinha o Barão de Villa Pouca, senhor do theatro que foi vitima das chamas. Tudo o que era combustivel da casa ardeu, e só ao que se acodiu foi a que não ardessem as casas dos vizinhos que ficavam contiguas à mesma casa do theatro.

Por sua vez, o Teatro de S. João veio a ser destruído pelo fogo na noite de 10 para 11 de Abril de 1908 tendo o edificio sido totalmente destruído, não se salvando nada do seu espólio ³⁹.

Mas, afinal, a que *Othello* tiveram os portugueses acesso, no início do séc. XIX? Jean-François Ducis, o autor do texto que trouxe o mouro de Shakespeare pela primeira vez aos palcos portugueses, nasceu em Versalhes em 1733, era filho de um pequeno negociante e estudou no Collège d'Orléans. Foi secretário do seu patrono, o Marechal de Belle-Isle, a quem acompanhou quando este foi promovido a Ministro da Guerra. Avesso ao trabalho administrativo, conseguiu afastar-se dos seus deveres e retirar-se para Versalhes mantendo, no entanto, o salário devido à posição que ocupava. Apesar de católico convicto e de ter sido secretário do futuro rei Luís XVIII, mostrou-se favorável aos princípios da Revolução Francesa (se bem que, durante o Terror, tenha reagido com repugnância aos excessos então praticados) mas veio a revelar-se um opositor de Napoleão, de quem recusou todos os favores com que o Imperador o tentou distinguir. Em 1815, com a Restauração, aceitou a Legião de Honra oferecida por Luís XVIII. Vivia

³⁸ *Op. cit.*, vol. I, p. 52v.

³⁹ Alves Costa, «Os antepassados do actual Cine-Teatro S. João», *Os Antepassados de Alguns Clnemas do Porto*, p. 8.

A unidade de tempo é respeitada, e a acção desenrola-se exclusivamente em Veneza, se bem que em três locais diferentes: a sala do Senado, o palácio de Othello e o quarto de Hedelmone. A terrível tragédia de amor e ciúme transforma-se, sob a pena de Ducis, numa história moralizante que castiga uma filha em revolta aberta contra a autoridade paterna, o papel de Iago é banalisado e o de Odalbert ganha uma importância que Brabantio não tem: toda a acção gira em seu redor, e são os esforços de Hedelmone para o salvar que causam toda a tragédia. Othello e Hedelmone não são casados e, quando o pai descobre o facto, obriga a filha a assinar uma carta em que aceita casar com Lorédan, que está apaixonado por ela. Mais tarde esta, sabendo que o pai está em perigo, entrega a carta, que entretanto obtivera da mão do pai, e o diadema de diamantes que Othello lhe oferecera a Lorédan, para que salve Odalbert. Este promete ajudá-la mas avisa-a, também, que tentará raptá-la quando estiver junto do altar. As suspeitas de Othello surgem quando Hedelmone tenta adiar o casamento e se verifica a sugerida tentativa de rapto. Mais tarde, Pézare mata Lorédan e rouba-lhe a carta e o diadema, entregando os dois objectos a Othello. Apesar das explicações de Hedelmone, Othello apunhala-a na cama e, após ser-lhe revelada a infâmia de Pézare, suicida-se com o mesmo punhal.

Variadas são, e apenas enumerámos algumas, as diferenças que separam o texto de Ducis do de Shakespeare. Para além das alterações de enredo, vimos que o lenço de Desdémone foi substituído pelo diadema de Hedelmone e que a almofada que Shakespeare escolheu para a morte da heroína é agora um punhal. Por outro lado, Ducis não demonstra grande sentido dramático. Contrariamente ao que acontece em Shakespeare, Othello tem todas as razões para sentir ciúme: não é casado com Hedelmone, ela tenta adiar o casamento, existe uma outra personagem que está realmente apaixonada por Hedelmone e, finalmente, lê a carta onde ela se compromete a casar com Lorédan.

O texto de Ducis, apesar da sua ortodoxia, apresenta algumas audácias: Othello era um homem de cor (se bem que não negro, o que seria demasiadamente difícil de aceitar pelo público), Hedelmone cantava uma balada durante o desenrolar da tragédia (embora se pensasse que a música era a expressão dos grandes sentimentos da alma) e, a bem do fim da hipocrisia da falsa decência, havia uma cama em cena!⁴⁶

A transformação da tragédia em drama moral é acompanhada pelo sentimentalismo: as lágrimas correm com grande facilidade ao longo de toda a peça. Se o *Othello* de Shakespeare é conduzido pelo desenrolar das paixões humanas, o de Ducis é dominado pela fatalidade, e nem mesmo as constantes alusões à liberdade e igualdade logram conferir ao texto francês o vigor que, no original, tanto atrai. O texto de Ducis surge-nos assim extremamente datado, sem outro interesse para o leitor dos nossos dias que não o histórico, tendo

⁴⁶ Sylvie Chevalley, *op. cit.*, p. 26.

versão de 1793, o gesto vingador de Othello é interrompido pela entrada dos nobres no quarto, seguindo-se o perdão do pai, concedido à filha desobediente. Infelizmente é-nos impossível saber qual a versão que a companhia de Mr. Jourdain apresentou no teatro do Salitre, mas o texto apresentado no Porto foi o original.

Como será fácil de calcular, Ducis fez grandes alterações à obra de Shakespeare ⁴⁴. O ambiente político que se vivia em França e os gostos e cânones do tempo eram pouco consentâneos com o texto inglês. Os franceses reconheciam o génio do poeta britânico, mas tinham grandes reservas quanto ao resultado final do seu trabalho. Na colecção das obras completas de Ducis encontramos um «Avertissement» de L.S. Auger que é bem demonstrativo do que ficou dito:

Shakespeare, presque entièrement privé d'éducation, écrivant au milieu d'un peuple encore barbare, dans une langue à peine formée, et pour une scène tout-à-fait irrégulière, a ignoré ou dédaigné ces règles et ces convenances dramatiques dont l'observation distingue notre théâtre; et, ce qui est peut-être plus fâcheux encore, il a souvent mêlé aux beautés les plus vraies et les plus nobles, tantôt les défauts de la grossièreté, tantôt les vices de l'affectation. M. Ducis, avec un art qu'on eût admiré davantage, si l'on eût mieux apprécié les difficultés de l'entreprise, a su réduire aux proportions et soumettre aux lois établies par notre système dramatique les ouvrages gigantesques et monstrueux du tragique Anglais; il a su dégager les traits simples et sublimes de l'alliage impur qui les déshonorait, et les rendre avec cette force, cette chaleur, cette vérité d'expression qui associe, qui égale presque les droits du talent imitateur à ceux du génie original. Combien d'ailleurs, n'a-t-il pas ajouté de pensées mâles ou profondes, de sentiments élevés ou touchants, à ceux que lui fournissait son modèle! ⁴⁵

As diferenças são grandes... Em *Othello*, Ducis reduz a lista das personagens: das treze personagens shakespearianas apenas sete passam para a versão francesa — Gratiano, Ludovico, Roderigo, Montano, o *clown*, Emilia e Bianca desaparecem, e as restantes, à excepção de Othello, recebem novos nomes, de forma a facilitar a rima dos alexandrinos que o escritor francês utilizou. Assim, o Duque de Veneza passa a chamar-se Moncenigo, Brabantio Odalbert, Iago Pézare, e Cassio, juntamente com o nome de Lorédan, adquire uma nova identidade e passa a ser filho de Moncenigo e amante de Hedelmone, o nome atribuído a Desdémone. Para além destas, surge ainda a figura de Hermance, a ama de Hedelmone.

⁴⁴ O texto de Ducis e as alterações que fez foram estudados com grande cuidado por Margaret Gilman, *op. cit.*, pp. 55-75, e Sylvie Chevalley «Ducis, Shakespeare et les comédiens français», *Revue d'Histoire du Théâtre*, N.º I, 1965, pp. 5-37.

⁴⁵ *Oeuvres de J.F. Ducis*, 1813, t.I, p. vj.

- BRAGA, Alberto Vieira — «Jornalismo Vimaranesense», *Curiosidades de Guimarães VII*, *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1986.
- — «Teatro Vimaranesense», *Curiosidades de Guimarães V*, *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1980.
- CALDAS, P^o Antonio José Ferreira — *Guimarães. Apontamentos para a sua historia*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1881.
- CHEVALLEY, Sylvie — «Ducis, Shakespeare et les comédiens français», *Revue d'Histoire du Théâtre*, I, 17^{ème} année, 1965.
- CIDADE, Hernani — *A Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930.
- COSTA, Alves — *Os Antepassados de Alguns Cinemas do Porto*, Lisboa, IPC-Cinematoteca Nacional, 1975.
- DOMINGOS, Manuela D. — «Os Catálogos de Livreiros como fontes da História do Livro: O Caso dos Reycend», Lisboa, Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, S.2, Vol.4 (1), 1989.
- ESTORNINHO, Carlos — «Shakespeare na Literatura Portuguesa», Separata da revista *Ocidente*, vol.LXVII, N.º 317, Lisboa, Setembro de 1964.
- FARIA, João Lopes de — *Ephemerides Vimaranesenses*, ms., 4 volumes, [Guimarães], s.d.
- GILMAN, Margaret — *Othello in French*, Paris, Bibliothèque de la Revue de Littérature Comparée, T. 21, 1925.
- JORGE, Maria do Céu Saraiva — *Shakespeare e Portugal*, Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1941.
- — «As primeiras referências a Shakespeare na Literatura Portuguesa», Separata da revista *Ocidente*, vol.LXVI, 1960.
- LEPEINTRE — *Suite du Répertoire du Théâtre français. Avec un choix des pièces de plusieurs autres Théâtres. Arrangées et mises en ordre par...*, Paris, Chez M^{me} Veuve Dabo, 1823. Tome VI — Tragédies.
- LIMA, Frei Bernardo de — *Gazeta Litteraria*, vol. I, Porto, Junho 1762.
- MEIRELES, Maria Adelaide de Azevedo — *A Actividade Livreira no Porto no Século XVIII. (Contribuição para o seu estudo)*, Porto, 1982.
- MONACO, Marion — *Shakespeare on the French Stage in the Eighteenth Century*, Paris, Didier, 1974.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva — *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1971.
- RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal, 1798-1802*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos — *Teatro de outros Tempos*, Lisboa, 1933.
- TENGARRINHA, Manuel — *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989 (2.^a ed.)
- VIEIRA, Custódio José — «Biographia de José de Souza Bandeira», *Escreptos Humorísticos do Fallecido José de Souza Bandeira*, Porto, Typographia da Viuva Bandeira, 1874.

perdido a dimensão universal tão característica de Shakespeare. No seu tempo, foi extremamente popular em França, tendo sido fonte de inúmeras outras versões, adaptações, paródias, etc. Mas não resistiu à passagem do tempo, tendo desaparecido de cena quando das primeiras traduções românticas que, essas sim, reconheciam na «irregularidade» de Shakespeare muito da sua força e do seu génio.

Foi este *Othello* que entusiasmou Garrett e Portugal conheceu no Teatro do Salitre em 1822 e reviu no Porto e em Guimarães em 1834 e 1835. Se bem que tenha sido bem acolhido, não existe notícia de qualquer reposição posterior. Para regressar aos palcos portugueses, a tragédia *Othello* de Shakespeare teria de esperar até à temporada de 1882/83, quando fez uma carreira de 25 representações, sendo desta vez o texto traduzido por José António de Freitas para o palco do Teatro D. Maria II, conforme registo existente no arquivo daquele teatro. Mas, nesse caso, os critérios foram já muito diferentes...

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA:

DUCIS, Jean-François — *Oeuvres Complètes*, Senlis, 1829.

——— — *Othello ou Le More de Venise*. Tragédie en cinq actes. [Paris], Michel Lévy Frères, Éditeurs, s.d.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA:

CATALOGO da Livraria do fallecido José de Souza Bandeira, a qual se ha-de vender em leilão publico, na rua do Almada n.º 305 no dia 12 e seguintes por onze horas, Porto, Typographia do Braz Tizana, s.d.

CATÁLOGOS de Despachos sobre o Exame de Livros para Entrada no Reino provenientes de Inglaterra, 1769-1770, 1774-1777, 1779, 1797-1805.

INVESTIGADOR (O) Português em Inglaterra, Londres, vol. iv, N.º XIII, Junho 1812.

AFONSO, Maria João da Rocha — «Simão de Melo Brandão and the First Portuguese Version of "Othello"», *Romantic Shakespeares*, Dirk DELABASTITA, Lieven D'HULST (eds.), Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1993.

ALBERT, P. — *Lettres de Jean-François Ducis*, Paris, Jousset, Éd. Nouvelle, 1879.

ARRABIDA, Francisco de Paula de — *Catálogo de livros que se vendem por seus justos preços na Loge da Impressão Regia sita Praça do Commercio*. Pelo seu Administrador, Lisboa, Janeiro de 1771.

BASTOS, Sousa — *Diccionario do theatro português*, Ed. facsimilada, Coimbra, Minerva, 1994.

BENEVIDES, Fonseca — *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, Ed. facsimilada, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

RECENSÃO CRÍTICA

MANUEL ANDRADE E SOUSA, *DONA CATARINA INFANTA DE PORTUGAL RAINHA DE INGLATERRA*, LISBOA, EDIÇÕES INAPA, COM O PATROCÍNIO DE MARCONI COMUNICAÇÕES GLOBAIS, 1994.

Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco

Paralelamente à sua intensa e prolixa actividade na divulgação e evocação da figura de D. Catarina de Bragança, a Infanta portuguesa que se tornou Rainha de Inglaterra, surgiu em finais de 1994 o livro de Manuel Andrade e Sousa *D. Catarina Infanta de Portugal Rainha de Inglaterra*. Publicada pela Inapa, trata-se de uma obra apresentada ao público com duas versões: uma portuguesa e outra inglesa — *Catherine of Braganza Princess of Portugal Wife of Charles II* — distribuída nos EUA pela Howel Press e lançada em Nova Iorque numa recepção organizada pela *American Portuguese Society*.

Nunca é demais recordar uma figura como D. Catarina de Bragança, personalidade que merece inegavelmente um destaque particular no âmbito das relações anglo-portuguesas: o seu contributo para a renovação das mesmas é indubitável, salientando-se o seu papel como «construtora da independência», expressão do historiador Eduardo Brazão, ⁽¹⁾ ao ser protagonista da aliança de casamento que, com o Tratado de Paz de 23 de Junho de 1661, uniu Portugal a Inglaterra.

Este Tratado significou mais do que a simples renovação da velha aliança política entre Portugal e a Inglaterra. Segundo Charles Boxer, pode afirmar-se que o casamento de Charles II com D. Catarina «with all its ups and downs, symbolises both the vicissitudes and the enduring nature of the Anglo-Portuguese connection». ⁽²⁾ Numa época em que o sistema de casamentos era uma forma natural e segura de

⁽¹⁾ Ver Eduardo Brazão, *A Diplomacia Portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Editorial Resistência SARL, 1980, p. 129.

⁽²⁾ Charles Boxer, "Vicissitudes of Anglo-Portuguese Relations in the 17th Century" in *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa. 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*, Editado pelo Governo Britânico, em associação com a British Broadcasting Corporation e com a Canning House, s. d., p. 30

alianças entre os estados, esta união constituiu um acontecimento de grande alcance internacional no séc. XVII: resultou de um conjunto de conversações diplomáticas e de uma enredada intriga política que ultrapassou as fronteiras de ambos os países e reuniu características que lhe deram «foros de sensacional». (3) Apesar de uma certa contestação ou impopularidade de que foi alvo desde a sua concepção, o casamento traduziu-se também em compensações de grande alcance para ambos os países — à Inglaterra proporcionou, para além de muitos benefícios e vantagens financeiras, a praça de Tânger e a ilha de Bombaim, que se revelou a jóia da coroa britânica no Oriente; a Portugal assegurou definitivamente com o auxílio das tropas inglesas a soberania e a independência. No âmbito deste intercâmbio diplomático, D. Catarina surge, por um lado, como um peão no jogo internacional do século XVII e um instrumento das alianças entre casas reais, mas também como uma figura histórica individualizada que, ao abdicar conscientemente da vontade própria em grande parte da sua vida, serviu com todas as vantagens e desvantagens a causa de Portugal. (4)

A presença de uma Rainha portuguesa no trono da Grã-Bretanha, para além de significar a renovação da aliança e a intensificação das relações políticas e económicas entre ambos os países, estimulou um surto de interesse por um país ainda imperfeitamente conhecido e pela sua língua e literatura, aspecto que por vezes se tem minimizado. Surgem por esta altura algumas traduções para inglês de obras de autores portugueses, histórias de Portugal em língua inglesa, publicam-se gramáticas anglo-portuguesas, para além de algumas obras que lhe foram dedicadas e um amplo conjunto de textos que sobre ela se escreveram desde o séc. XVII até aos nossos dias, da lírica ao romance histórico, da sátira à biografia, que revelam o interesse do olhar inglês pela pessoa desta Rainha de Inglaterra e, por ela, um interesse por Portugal.

Todos estes aspectos, e muitos outros, têm suscitado o interesse de Manuel Andrade e Sousa, autor da mais recente biografia de D. Catarina de Bragança e um verdadeiro apaixonado por estes temas. Natural de Lisboa, nasceu em 1960, e é o presidente e fundador da Associação *Friends of Queen Catherine*, uma organização sem fins lucrativos criada em 1989 e com sede em Nova Iorque. Esta associação, inspirada numa ideia pioneira e de grande alcance do Eng. Nuno Krus Abecassis, promove o facto de Queens, o maior dos cinco

(3) Theresa M. Schedel de Castello Branco, "D. Catarina de Bragança, Rainha e Mulher" in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, n.º 46/47, IV Série, Lisboa, Setembro de 1973, p. 57. Ver também Charles Boxer, "The Anglo-Portuguese Marriage Treaty of 1661" in *History Today*, II, n.º 8, London, Aug. 61, pp. 556-563.

(4) D. Catarina foi uma mediadora das relações anglo-portuguesas na aceitação do casamento e no favorecer da aliança. Sobre as características da personalidade da Infanta, o modo e a vontade com que desempenhou o papel de Rainha de Inglaterra, veja-se o artigo já citado de Theresa M. S. C. Branco.

boroughs da cidade, dever o nome a D. Catarina de Bragança, ⁽⁵⁾ aspecto por vezes desconhecido ou esquecido por americanos e portugueses.

Dando continuidade a um acontecimento como a exposição comemorativa do 350.º aniversário do nascimento da Infanta, que se pôde visitar em 1988 em *Queens Museum*, um dos muscus de Nova Iorque, várias têm sido as iniciativas, verdadeiramente inovadoras, desta associação, contribuindo dessa forma para «um estreitamento dos laços culturais entre *Queens* e Portugal», afirma o autor, e um maior conhecimento e divulgação desta rainha dos ingleses de origem portuguesa. Para além de exposições, concertos, jantares de gala, entre outras actividades, destaca-se, sem dúvida, o projecto em curso de construção de uma estátua de D. Catarina de Bragança, objectivo principal e imediato da associação, à qual se uniram várias entidades e personalidades, entre elas Claire Shulman, presidente do *borough* de *Queens* e que permitirá, segundo Manuel de Andrade e Sousa, «perpetuar a presença de D. Catarina na grande metrópole de Nova Iorque». O monumento à Rainha, em fase de construção pela escultora Audrey Flack, terá dez metros de altura e será o segundo maior de Nova Iorque. Devendo estar concluída em 1998, ano em que se celebra o centenário da formação da cidade com os cinco *boroughs*, a estátua situar-se-á num terreno oferecido pelos EUA, em East River, na urbanização de *Queens West*, na margem oposta à do edifício das Nações Unidas. A maquete de 3 metros de altura, uma escultura em bronze que corresponde a uma das várias fases deste projecto já realizada, estará presente em Lisboa na Expo' 98, como mais um sinal visível dos elos culturais e de amizade entre Portugal e os EUA. ⁽⁶⁾

A presente obra, à semelhança de outras narrativas biográficas sobre D. Catarina de Bragança como as de Silva Tullio, ⁽⁷⁾ Virgínia Rau, ⁽⁸⁾ Augusto Casimiro, ⁽⁹⁾ entre outras, faz o relato da história pessoal da Infanta, compondo-se de pequenas secções, todas elas subtituladas, que de uma forma sintética correspondem a uma série de momentos essenciais na história da Rainha. Ao retratar essas etapas, o autor vai simultaneamente abarcando uma série de conteúdos que, naturalmente, se desenvolvem dentro delas: história pessoal, psicologia, cultura, plano social, plano político, espiritualidade, etc.

⁽⁵⁾ Após a conquista da cidade de New Amsterdam aos holandeses pela armada de James, Duque de York, irmão de Charles II, este mudou o nome da cidade para New York homenageando dessa forma o irmão. A uma das áreas mais próximas da cidade chamou *King's County* e, em 1683, refere Manuel Andrade e Sousa, «em homenagem à sua esposa, D. Catarina, deu o nome de *Queens County* a uma outra área dos arredores da cidade» (cf. *op. cit.*, p. 106), tornando-se um dos doze *counties* da província de NY e posteriormente um importante *borough* da cidade.

⁽⁶⁾ Comunicação pessoal gentilmente facultada pelo Eng. Nuno Krus Abecassis.

⁽⁷⁾ Ver "D. Catharina de Bragança" in *Archivo Pittoresco*, XI, 60, 1868.

⁽⁸⁾ Ver *D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra* in *O Instituto*, Coimbra, 1941.

⁽⁹⁾ Ver *Dona Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra, Filha de Portugal*, Lisboa, Fundação Casa de Bragança, 1956.

Abrindo com uma breve introdução, Manuel Andrade e Sousa define os seus objectivos e simultaneamente anuncia aquilo que é verdadeiramente o elemento caracterizador e inovador desta biografia: «Relembrar a vida e a imagem de D. Catarina de Bragança é o que se pretende nesta obra, a primeira biografia ilustrada editada sobre a soberana».

É desde logo importante sublinhar a existência de várias biografias da Rainha, algumas já mencionadas, em língua portuguesa, e, também, em língua inglesa, ⁽¹⁰⁾ todas elas apresentando pouco mais de uma dezena de gravuras, em geral reproduzindo a título de curiosidade algumas das personalidades da corte em que D. Catarina se movia; paralelamente, existem também alguns estudos dedicados exclusivamente à recolha e investigação de iconografia e medalhística com ela relacionados. ⁽¹¹⁾ Esta obra, ao reunir um amplo conjunto de elementos iconográficos inéditos, fruto de longa investigação efectuada pelo autor em vários países e ao longo de vários anos, tem o interesse de combinar o texto com a imagem, aspecto, aliás, inerente à própria colecção da editora em que a publicação se insere, a colecção «Palavra e Imagem». Este arquivo iconográfico riquíssimo reunido pelo autor inclui gravuras da sua colecção, das colecções do Banco de Portugal e da Royal Collection, do arquivo do Castelo de Windsor, para além de outras colecções públicas e particulares inglesas.

As profusas ilustrações foram escolhidas e posicionadas de forma a exemplificar e dar vida ao conteúdo e preocupações do texto: variam de gravuras a retratos, obras de arte, cenas sociais, paisagens, e iluminam não apenas tudo o que se refere à biografia da Infanta mas também aspectos adicionais da história literária, política e social da época. Passo a passo Manuel Andrade e Sousa traça o itinerário de D. Catarina desde o seu nascimento em 25 de Novembro de 1638, no paço ducal de Vila Viçosa, até ao regresso a Portugal e falecimento no dia 31 de Dezembro de 1705, no paço da Bemposta, em Lisboa, após dois curtos períodos como regente. Referindo a sua infância e juventude em Lisboa depois da aclamação e coroação de D. João IV como rei de Portugal em 1640, o autor dá um especial relevo aos trinta anos de residência de D. Catarina em Inglaterra. Assim, o apontamento das circunstâncias que antecederam e permitiram o seu casamento com Charles II e a aliança entre Portugal e Inglaterra, a recriação do ambiente e da sociedade a que esta teve que se adaptar para viver durante três décadas, e a narração dos principais momentos da sua vida nesse país, são enriquecidos pelas opções feitas na escolha das

⁽¹⁰⁾ Ver, por exemplo, Lillias Campbell Davidson, *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal and Queen-Consort of England*, London, John Murray, 1908 e Janet Mackay, *Catherine of Braganza*, London, John Long Limited, 1937.

⁽¹¹⁾ Ver Ernesto Soares, *D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra (Elementos Iconográficos)*, Lisboa, 1947; Artur Lamas, *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catharina de Bragança Rainha de Inglaterra, existentes na colecção organizada por José Lamas*, Sep. O Archeologo Português, Lisboa, 10 (10-20), 1905. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906; Carlos Ary dos Santos, *Medalhas dedicadas a D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra*, Vila Viçosa, Museu-Biblioteca do Paço Ducal, 1953.

ilustrações, o que permite uma maior proximidade entre o leitor e a época, cronologicamente retratada à medida que se vão sucedendo as diferentes etapas.

O autor, tal como Theresa Castello Branco no artigo já mencionado, dá também especial importância ao elemento humano na narração dos acontecimentos, tentando para isso reconstituir os sentimentos das próprias personagens e sublinhando recorrentemente a adaptação indispensável e imprescindível da Rainha à sua nova vida — «a amarga experiência da adaptação» — cujos maiores entraves foram, segundo o autor, «a sua religião de nascença, aliada a uma educação conventual e severa, e o facto de não ter tido a benção de dar um herdeiro à coroa britânica».

D. Catarina de Bragança foi recebida em Hampton-Court e, pouco tempo depois, em Whitehall em Londres, com grandes manifestações de júbilo, aclamações públicas e festejos, como são testemunho os diários da época e a poesia laudatória e panegírica desse tempo. No entanto, a sua vida como Rainha de Inglaterra não esteve isenta de contrariedades. A necessária e difícil adaptação a uma corte licenciosa e cheia de intrigas, livre de preceitos morais, tão diferente do ambiente que deixara na corte de Lisboa e para a qual não tinha sido devidamente preparada, foi acompanhada de sucessivas humilhações causadas por intrigas da corte inglesa, pela imposição das favoritas do rei como suas damas de companhia. A infelicidade de não conseguir levar nenhuma gravidez até ao fim, ficando a sucessão legítima ao trono personalizada em James, duque de York e irmão do Rei, solução controversa para a maioria dos ingleses, aliada ao facto de ser católica e com fortes convicções religiosas, levaram por diversas ocasiões a tentativas de dissolução do casamento real. A sua piedade e devoção religiosas e a sua simpatia pelos católicos em Inglaterra, foram inelutavelmente confundidas com subversão religiosa, sendo por diversas vezes acusada de ser papista, agente da Santa Sé e de participar nos enredos políticos gerados pela conspiração papista (*Popish Plot*), um dos episódios mais terríveis de perseguição aos católicos em Inglaterra baseada em invenções e falsas declarações. Tal como os seus súbditos teve também que suportar os flagelos como a peste e o fogo de Londres.

São estes alguns dos aspectos apresentados ao longo do livro de Manuel Andrade e Sousa. Para além da evocação e divulgação da vida desta personalidade histórica, a intenção do autor é simultaneamente a de edificar ou, como ele próprio afirma, «reavivar valores nobres», como os do «carácter invulgar» de D. Catarina e que «muito poderão ser inspiradores para aqueles que encontram na vaidade e arrogância um meio de se evidenciarem no exercício da sua actividade pública ou comunitária». Adoptando um tom moralizante, o autor define D. Catarina de Bragança como «uma verdadeira heroína da nossa História», «sobrevivente de uma das cortes mais tumultuosas da Europa do Século XVII» que, apesar de não se evidenciar na vida política do país e de manifestar um certo silêncio e reclusão, foi um exemplo de «coragem e abnegação», de «rara fidelidade para com o seu país de

nascença», e ainda, «uma mulher forte, que em momentos cruciais soube agir com firmeza e destreza, quer como Rainha de Inglaterra e Rainha Viúva, quer como Regente de Portugal». Desta forma, à semelhança das várias acções levadas a cabo pela Associação *Friends of Queen Catherine*, este trabalho surge como mais uma das várias homenagens prestadas pelo autor a esta personalidade.

É de aplaudir, sem dúvida, o lançamento deste livro sobre D. Catarina de Bragança. O autor conseguiu apresentar de uma forma clara e sucinta os enredos mais complexos da vida da Rainha, sendo bem sucedido num trabalho de divulgação, de leitura agradável e acessível ao leitor em geral, enriquecido por um enorme conjunto de elementos iconográficos e por um fundo bibliográfico extenso e interessante para qualquer estudioso ou, simplesmente, apaixonado por esta matéria.

ERRATA

O artigo de Miguel Alarcão e Silva «*Home is where the heart is: a obra lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)*», publicado no último número da Revista de Estudos Anglo-Portugueses (n.º 4, 1995, pp. 87-132), foi impresso sem que, por lapso, a paginação do texto dactilografado original tivesse sido alterada quando da revisão tipográfica. Pelo facto apresentamos as nossas desculpas, solicitando ao leitor, o favor de proceder à seguintes rectificações:

Pág.	Linha/Nota	Onde se lê	Leia-se
92	24	p. 4	p. 90
93	10	p. 4	p. 89
97	38	pp. 12-13	p. 96
99	7	p. 12	p. 96
"	n. 31	p. 13	p. 97
100	23	p. 12	p. 96
"	n. 35	p. 4	p. 89
"	"	p. 7	p. 92
101	n. 37	p. 36	p. 114
102	12	pp. 25-32	pp. 106-11
103	13	p. 35	p. 114
106	28	p. 20	p. 102
107	16	p. 29	p. 116
"	21	cf. <i>supra</i> ,	cf. <i>supra</i> , p. 106
109	32	p. 38	p. 115
110	n. 55	p. 26	p. 106
111	42	p. 8	pp. 92-3
112	17	p. 2	p. 88
113	21	pp. 18-24	pp. 100-5
114	3	p. 21	p. 103
"	6	p. 15	p. 101
115	21	p. 30	p. 109
"	30	p. 30	p. 109
116	n. 68	pp. 26-32	pp. 107-11
117	13	p. 7	p. 93
118	38	p. 28	p. 114
119	22	p. 5	p. 91
"	38	p. 3	p. 89
120	23	pp. 20-26	pp. 106-11
"	"	pp. 29-30	pp. 115-7
"	n. 72	p. 26, p. 27 e pp. 30-1	p. 106, p. 107 e p. 110
121	n. 77	p. 31	p. 110
123	8	p. 45	p. 121
125	7	p. 3	p. 93
126	7	p. 30	p. 116
128	14	p. 40	p. 126
129	22	pp. 4 e ss.	pp. 127-8
130	n. 98	p. 52	p. 126
"	"	p. 57	p. 130
132	9	p. 38	pp. 115-6

